

Rubens Saraceni



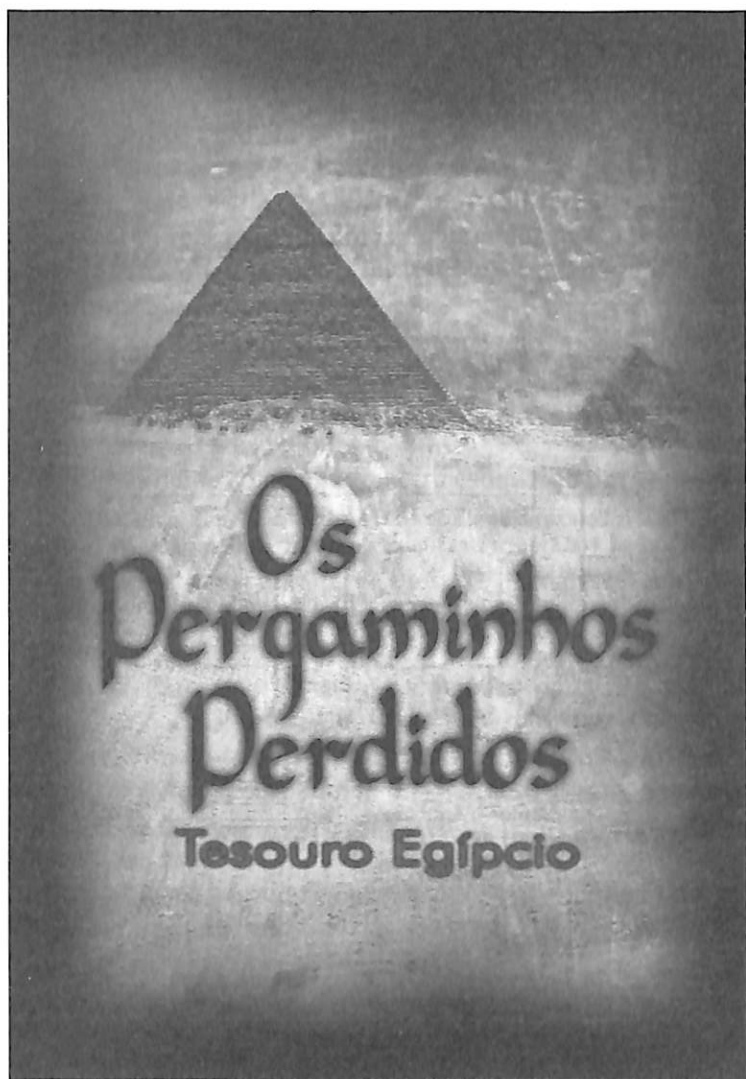
Os
Pergaminhos
Perdidos

Tesouro Egípcio



MADRAS®

RUBENS SARACENI



MADRAS®

© 2010, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Revisão:

Arlete Genari

Flávia Ramalhete

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Os Pergaminhos perdidos: tesouro egípcio/ [psicografado por] Rubens Saraceni. – São Paulo: Madras, 2010.

ISBN 978-85-370-0561-3

1. Romance brasileiro 2. Umbanda (Culto).

10-00587

CDD-299.672

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances mediúnicos: Umbanda 299.672

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

CEP: 02403-020 — São Paulo/SP

Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970 — SP

Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br





ssa história ocorreu por volta de 1890, em uma cidade que não vamos citar o nome, para não serem descobertos os verdadeiros nomes dos seus personagens, vamos apenas citar o país, a Inglaterra.

Pois bem, por volta de 1890 na Inglaterra, um homem muito rico, riquíssimo mesmo, possuidor de uma das maiores fortunas e membro do fechado círculo dos lordes, leu uma notícia num jornal que lhe despertou muito interesse.

A notícia falava a respeito de grandes descobertas arqueológicas no Oriente Médio.

Ele, como todo colecionador obcecado pelas suas fixações, organizou uma expedição também.

Investiu grande soma em dinheiro esperando um bom retorno em prestígio e fama. Sim, todo colecionador gosta de possuir objetos raros e, se possível, únicos.

Quem sabe conseguir tais objetos e tornar-se famoso para sempre; esta era a ideia que o lorde alimentava por trás do seu mecenismo.

Num dia chuvoso, um navio partiu com todos os suprimentos e ferramentas necessários a uma boa expedição.

Um renomado historiador e experiente arqueólogo dirigia a expedição, mas com uma condição: o primeiro a saber de suas descobertas seria o nobre, e só depois poderia anunciá-los à comunidade científica.

Parece que o dia não tinha sido uma boa escolha, pois assim que partiram, enfrentaram uma terrível tempestade e quase foram a pique.

A tempestade durou o resto do dia e boa parte da noite. Por volta da meia-noite, começou a amainar e logo só havia uma fina chuva a incomodá-los.

Neste tempo todo, dois marinheiros desapareceram no mar.

Quando amanheceu, estavam temerosos da viagem e, se não fosse pelo pulso forte do capitão do navio, teriam voltado à Inglaterra.

Mas a leve brisa e o céu limpo fizeram com que continuassem viagem.

Alguns dias depois, aportavam em Gibraltar para reabastecimento de água e alimentos. Ficaram atracados por dois dias.

Neste período, um velho e sua misteriosa neta pediram ao capitão que permitisse que eles viajassem no navio.

Ele ficou impressionado pela beleza da moça e permitiu o embarque deles em seu navio.

Quando o chefe da expedição soube dos novos passageiros, interpelou o capitão:

— Como é que o senhor permite o embarque de pessoas estranhas à expedição sem me consultar?

— O navio é meu, senhor. Faço o que bem entender enquanto estiver no seu comando.

— Mas o meu patrocinador o alugou com uma finalidade específica, e o senhor não tem liberdade alguma para transportar pessoas estranhas à minha expedição.

— Não vão causar problemas, são só o velho e sua neta, ninguém mais.

— Assim mesmo eu não os quero a bordo, capitão. Providencie que desembarquem na nossa próxima parada.

— Como quiser, comandante! — a voz do capitão era metálica e ele impôs um pouco de ironia nela, tornando a frase um deboche do arqueólogo. Este não retrucou nada, apenas fitou-o com desprezo.

Os dias passavam lentamente no mar, sem nada alterar a rotina dos marinheiros. Apenas o capitão não estava enfasiado com a viagem, pelo contrário, desdobrava-se em medidas para com a moça.

Ela lhe correspondia aos olhares e deixou uma possibilidade de algo mais que simples olhares quando lhe dirigiu a palavra.

— Capitão, até hoje o senhor não me convidou a conhecer sua cabine de comando.

— Eu acho que nada há por lá que possa interessar-lhe, senhorita. É um lugar monótono e não fico muito tempo em seu interior.

— Pois eu achava que era um local agitado e cheio de curiosidade.

— Não permito que ninguém permaneça em minha cabine, senhorita. Só entram os oficiais quando tenho que lhes transmitir uma rota nova ou alguma ordem muito importante.

— Então não vou poder realizar um sonho meu.

— Qual é o seu sonho, senhorita?

— Conhecer a cabine do comando de um navio e, se possível, me sentir como a comandante dele.

— Sonho um tanto esquisito, não?

— Nem tanto, se soubesse que nasci em um navio. Mas isto foi algo que não me é possível recordar, então gostaria de viajar sempre em navios.

— Pois venha esta noite à minha cabine e lhe permitirei a entrada. Isto se seu avô consentir que venha sozinha.

— Eu irei sim, capitão. Mas terá de esperar que ele durma para que eu possa realizar o meu sonho. Até à noite, capitão!

— Até à noite, senhorita.

Ele ficou alimentando ideias nada cavalheirescas em relação ao sonho da moça. Estava impaciente com a lentidão do relógio.

Quando a noite chegou, deu as últimas ordens e pediu para não ser incomodado, pois estava com muita dor de cabeça. Pensava na visita da moça quando falou isso.

Por volta das dez horas, ela bateu à sua porta. Ele a recebeu com boas maneiras e más intenções.

Ela demonstrou curiosidade pelos mapas e instrumentos que havia no interior da cabine. Ele ia explicando-lhe tudo muito calmamente.

A conversa já estava ficando monótona quando ele lhe ofereceu um copo de uma bebida fina.

Brindaram ao sonho realizado por ela, que após beber, falou:

— Não sei como lhe agradecer tantas gentilezas, capitão!

— Pois eu sei como, senhorita.

— Então me diga, capitão. Se eu puder de alguma forma recompensá-lo, não me negarei.

— Eu passo as noites solitário em minha cabine e durmo muito tarde. Gostaria que ficasse até mais tarde comigo, assim teria com quem conversar.

— Eu não posso ficar esta noite, mas voltarei amanhã e poderemos conversar bastante, pois darei um chá que fará meu avô dormir profundamente e não acordará durante a noite toda.

— Amanhã será tarde, senhorita, pois terão que desembarcar logo cedo.

— Por quê, capitão?

— É ordem do chefe da expedição. Não posso desobedecê-lo.

— Mas nós não o incomodamos com nossa presença no seu navio. Qual seria o motivo para nos deixar a meio caminho do nosso destino?

— Isso eu não sei dizer.

— Talvez ele não goste de nós.

— Não é isso, senhorita, pois ele raramente sai de sua cabine.

— E o que ele tanto faz lá dentro, capitão?

— Não sei, pois não conversamos nada mais que o necessário.

— Quem é ele, capitão?

— Um arqueólogo e historiador. É um homem muito antipático e também muito fechado.

— Talvez se eu falasse com ele, pudéssemos seguir viagem sem necessidade de procurarmos outra embarcação.

— Duvido que ele a receba.

— Posso tentar ao menos, não?

— Vejo que é muito corajosa e obstinada quando quer algo, não?

— Procuro o lado prático para solucionar as dificuldades que surgem em minha vida.

— Não custa tentar, senhorita. Acompanhe-me. Eu lhe apresentarei a ele, caso ainda esteja acordado.

— Fico-lhe muito agradecida por tanta gentileza, capitão.

Foram até a cabine do arqueólogo. Quando este abriu a porta, ficou contrariado ao ver o capitão.

— O que deseja a estas horas, capitão?

— Vim lhe apresentar a senhorita Shirley, senhor. Ela gostaria de falar-lhe.

O homem encarou-a sem nada falar. Ela tomou a iniciativa.

— Muito prazer, senhor...

— Albert, senhorita. Este é meu nome.

— Posso entrar, senhor Albert?

— Tenha a bondade, senhorita.

Ela virou-se para o capitão e falou-lhe:

— Obrigada, capitão, amanhã nos veremos.

— Até amanhã, senhorita Shirley.

Após o capitão afastar-se, ela olhou o arqueólogo e, com um sorriso bem estudado, procurou cativá-lo. Ele fechou a porta da cabine e indagou-lhe:

— O que deseja, senhorita Shirley?

— Vim agradecer-lhe por ter deixado eu e meu avô chegarmos até aqui, só sinto que seja preciso interrompermos nossa viagem. Não sabia que causávamos transtorno à sua expedição.

— Sabe algo sobre a expedição?

— Só o que li quando estava na Inglaterra. O que vai procurar realmente, Dr. Albert?

— Não posso revelar nada sobre isto, senhorita.

— Talvez meu avô lhe seja útil, pois ele conhece todas as regiões do Oriente Médio. Quem sabe não possamos pagar-lhe a viagem auxiliando-o no contato com os nativos de lá?

— Não preciso de sua ajuda, senhorita. Já tenho quem fará isso onde pretendo pesquisar.

— Dr. Albert, meu avô já foi ajudante de outro arqueólogo e tem grande experiência no assunto.

— Quem é seu avô e com quem ele trabalhou?

Shirley falou do seu avô, o que ele havia feito e com quem.

Contou-lhe também sobre uma lenda que ele ouvira de nômades do deserto sobre um local que havia sido um refúgio do rei David.

Isso despertou a atenção do arqueólogo.

— Conte-me mais sobre a lenda, senhorita. Estou curioso em conhecê-la.

— Meu avô saberia contá-la melhor, Dr. Albert. Eu só sei alguns detalhes sem muita precisão, pois ele sempre me ocultou o local e maiores informações. Penso que ele teme que eu possa revelar o seu segredo.

— Poderia conversar com ele? Caso me interesse a sua descoberta, poderão viajar conosco até o Egito.

— Falarei com ele ao amanhecer, Dr. Albert! Quem sabe ele resolva revelar um pouco mais o seu segredo.

Shirley despediu-se do arqueólogo com outro sorriso encantador. Havia conseguido o que queria.

A curiosidade do homem garantiria uma viagem até o destino final sem terem que mudar de embarcação. Voltou à sua cabine e acordou o “velho avô”.

— Acorde, Sr. Silverstone! Tenho boas notícias.

— O que é, Shirley?

— Estive com o capitão e o chefe da expedição, o Dr. Albert. Despertei nele o interesse pela história do túmulo do rei David. O que faço agora?

— Vá dormir, pois, até o amanhecer, terei pensado em algo mais concreto que possa revelar a ele.

— O capitão ficou interessado em algo mais que meu interesse em conhecer sua cabine. Como devo reagir daqui para frente com ele?

— Quando a contratei naquele bordel, você concordou em fazer tudo o que fosse preciso para eu alcançar o meu objetivo. Portanto, vá em frente, mas proceda como uma dama e mantenha certa nobreza em seus modos.

— Pois saiba que eu me considero uma mulher de gosto e modos refinados, Sr. Silverstone. Não sou vulgar, apesar de prostituir-me a quem pagar o meu preço.

— Eu sei disso, Shirley! Se não fosse assim, eu não a teria contratado por uma soma tão alta.

— Não perderás seu investimento no que depender de mim, senhor. Com sua licença, pois estou cansada e com muito sono.

Shirley, a refinada prostituta contratada pelo nobre Silverstone, havia se interessado por uma alta soma em libras esterlinas e mais uma longa viagem ao Egito e imediações, a serviço dele. Haviam acertado todos os detalhes do que ela deveria fazer para se aproximar tanto do capitão quanto do arqueólogo. Para uma mulher bonita e envolvente como ela, seria muito fácil seduzir aqueles homens, mas precisava agir com certo recato, senão poria tudo a perder.

Foi pensando no charmoso capitão que ela adormeceu. Ele era um homem de personalidade forte e também genioso, notara ela. Seria interessante conhecer melhor um homem assim e talvez conseguisse algo mais que informações em seus contatos.

Quanto ao Sr. Silverstone, era um rico banqueiro que se interessava muito por raridades arqueológicas e tinha seus métodos pouco usuais de consegui-las.

Este era só mais um deles. Contratara uma prostituta para descobrir o que iria procurar o famoso historiador e arqueólogo Albert Morris. Lançara a isca que inventara, ou seja, um local secreto onde estaria enterrado o rei David.

Seria fantástico descobrir algo assim, e ele contava com a margem de crédito que todo pesquisador costuma dar às histórias mais fantásticas na esperança de encontrar algo histórico ou valioso. E, com o Dr. Albert, não seria diferente.

O arqueólogo era financiado pelo Barão R., o mais rico homem da Inglaterra e um dos maiores financistas do mundo, senão o maior. Silverstone ficara sabendo por acaso da expedição financiada pelo Barão R. numa conversa ouvida no teatro de Londres. Só conseguiu ouvir esta frase: “Quero segredo total, pois não desejo que outros se antecipem a mim ou venham a saber de algo que precisamos manter em segredo”.

Silverstone afastara-se tão silenciosamente como chegara; colocou um dos seus homens de confiança para seguir o arqueólogo e descobriu que se preparava para uma longa viagem ao Oriente Médio. Descobriu com o auxílio de outra prostituta não tão cara que se envolvera com o imediato do capitão onde aportariam e, pessoalmente, foi num outro navio de sua propriedade até Gibraltar e aguardou a chegada do Red Star, o navio do capitão Redcliff. Com o auxílio de Shirley, embarcara e agora só teria que envolvê-la com o capitão e a si mesmo com o arqueólogo para descobrir seu objetivo no vasto Egito.

Era agora o “avô” de Shirley e pai do falecido Jerome Kemps. Seu falso nome era James Kemps e participara de uma expedição de um arqueólogo alemão um tanto desconhecido que havia falecido há dois anos. Tudo isto havia treinado com Shirley há mais de um mês.



Agora tentavam chegar ao Egito e de lá até o deserto do Sinai, onde tentariam localizar um certo local onde supostamente teria sido enterrado o bíblico rei David. Reviu mentalmente todo o seu plano e voltou a dormir.

No dia seguinte, como de costume, não saiu de sua cabine para não ter de falar mais do que lhe convinha. Mas, como previra que aconteceria, recebeu um convite do Dr. Albert para ir até seu camarote.

Entrou calado no camarote dele e apenas o cumprimentou gentilmente.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Kemps! Sua neta falou algo sobre o senhor ter conhecimentos de arqueologia e um ótimo conhecimento dos nativos egípcios.

— Desculpe minha neta, Dr. Albert. Meus conhecimentos são tão pequenos que eu diria que são rudimentares. Quanto aos meus conhecimentos dos nativos, bem, vivi alguns anos no Egito e foram muito bons. Mas já faz alguns anos que me afastei da região.

— Com quem trabalhou, Sr. Kemps?

— Com o arqueólogo Karl Löwenstein. Conheceu-o?

— Só de nome. Faleceu há uns dois anos, não?

— Sim. Mas, nessa época, eu já não estava mais com ele.

— Era um homem medíocre e pouco científico em suas pesquisas. Pelo que li a respeito de uma expedição feita por ele a uns dez anos atrás, guiava-se mais pela intuição que a razão.

— Isto é verdade! Eu participei dessa sua expedição e pessoalmente comprovei isto.

O Sr. Kemps não falou, mas ele financiara a expedição do arqueólogo alemão e perdera uma boa soma com o malfadado projeto dele. Ainda teve que ouvir uma ofensa indireta quando o Dr. Albert falou:

— Só um louco ou idiota financiaria um arqueólogo como ele. Creio que o senhor deve ter se decepcionado com aquela expedição, não?

— Digamos que para mim pouco importava o sucesso ou não, pois eu era só responsável pelo pessoal que fazia as escavações.

Mas fiquei triste com o insucesso dele, pois a mim ele pareceu um bom homem e era muito atencioso em nossos contatos.

— Sua neta falou algo sobre onde estaria enterrado o rei David. O senhor descobriu o seu túmulo, Sr. Kemps?

— Minha neta fala demais, Dr. Albert. Eu não descobri o local do túmulo, mas ouvi algo de uma pessoa e a mim pareceu que falava a verdade.

— Por isso tenta chegar até o Egito, não?

— Sim, é isso mesmo. Mas não quero falar sobre ele, pois não sei se é verdadeira a história que ouvi. Portanto, prefiro primeiro confirmá-la para só então tentar algo mais concreto.

— Gostaria de dividir suas pesquisas comigo, Sr. Kemps?

— Talvez não devesse arriscar-se comigo, pois não quero receber o mesmo juízo que emitii há pouco sobre o Dr. Karl Löwenstein. Talvez se eu encontrar indícios concretos possa então aceitar uma associação com alguém que tenha conhecimentos profundos de arqueologia e queira arriscar-se em tal empreitada comigo.

— A mim parece que o senhor não tem muitos recursos para tais pesquisas, Sr. Kemps.

— Tens razão. Este é o maior empecilho ao meu projeto, mas com um pouco de sorte, e se confirmar a veracidade de minha fonte de informações, encontrarei alguém que financie uma posterior expedição científica.

— Por que não se une a mim? Eu lhe fornecerei os meios se confirmares ou não a veracidade da existência do túmulo do rei David. Caso seja mais uma história mirabolante, nada perderás e, no caso de ser verdadeira, dividiremos os ganhos meio a meio.

— Como me fornecerias estas condições, Dr. Albert?

— Trabalharia comigo nas minhas pesquisas e dali poderíamos confirmar ou não a sua procura do túmulo. Chegando ao Egito, precisarei de homens de confiança ao meu lado, e ninguém melhor que um inglês para auxiliar-me em minhas pesquisas.

— Para onde o Dr. se dirige?

— Vou pesquisar nos arredores de Luxor, Sr. Kemps. Temos informações seguras da existência de um templo onde estariam ainda intactas toda uma coleção de objetos muito antigos datando

cerca de três mil anos. O Barão está financiando esta expedição em segredo total. Até os contatos com o governador do Egito foram mantidos em sigilo. Eu o contrato como meu auxiliar e deixo-o livre e com suprimentos de tal ordem que possamos confirmar se o túmulo é real ou só mais uma história mirabolante.

— Por que me conta tudo sobre sua expedição se ela é tão secreta?

— Quero que confie em mim, Sr. Kemps. Eu já ouvi algo sobre a existência desse túmulo do rei David. Só não sabia o local onde ele se encontrava. Como o Sr. soube dele?

Silverstone ficou atônito com as palavras do arqueólogo. Ele mesmo inventara a tal história.

Como alguém podia saber algo sobre o que não existia? Ou seria um jogo do homem só para que viesse a se trair?

— Bem... eu a ouvi como a última confissão de um homem que trabalhava nas escavações do Sr. Löwenstein. Ele agonizava depois de ter sido soterrado por uma avalanche de pedras. Eu o retirei debaixo delas, e ele me contou sobre a existência do túmulo. Não pude na época ir à sua procura, mas estou tentando isto agora.

O Dr. Albert abriu uma pasta, retirou uma velha correspondência e a estendeu ao “Sr. Kemps”.

— Leia-a, por favor.

Silverstone, à medida que ia lendo, empalidecia ainda mais. A correspondência era realmente de Löwenstein e dizia que um homem que trabalhava nas escavações o havia procurado e dito que sabia onde encontrar o túmulo do rei David. Mas exigira uma soma muito alta pela revelação do local e ele ficara de pensar no assunto. Mas não tivera oportunidade de falar novamente com ele, pois morrera numa avalanche de pedras.

Era incrível! Como algo imaginado há pouco mais de dois meses por ele, Silverstone, era agora confirmado por uma velha carta escrita a mais ou menos dez anos antes pelo arqueólogo alemão Karl Löwenstein? Seria a maior das coincidências e a colocaria na categoria de inverossímeis, se não fosse com ele que estivesse acontecendo.

Por que Karl não lhe escrevera também se investira milhares de libras numa fracassada expedição ao Oriente Médio? Não havia dúvidas de que a letra e a assinatura eram de Löwenstein. A data coincidia com a época em que ele ainda estava comandando as escavações.

Ou era uma estranha coincidência sobrenatural ou era obra do destino.

O Dr. Albert, notando o mal-estar que se apossara dele, perguntou-lhe:

— Sente-se mal, Sr. Kemps?

Silverstone procurou afastar as recordações que lhe vinham à mente e reagiu rápido.

— Eu estou admirado, Dr. Albert! — exclamou.

— Por quê?

— Eu pensava que era o único a saber da existência do túmulo do rei David, mas vejo que outros já têm conhecimento do meu segredo.

— Ao que me consta, nós somos os únicos a ter conhecimento da existência de tal tesouro arqueológico e, por que não, também histórico e religioso?

Se localizarmos o túmulo e conseguirmos provas concretas, elas serão a maior descoberta arqueológica do século, Sr. Kemps. A expedição financiada pelo Barão R. será nada se a compararmos ao que temos agora. Eu sempre olhava para esta carta sem lhe dar muita importância porque sabia que Löwenstein era um péssimo arqueólogo. Mas agora ela adquiriu um valor todo especial, pois ninguém mentiria no momento de sua agonia final. O que posso imaginar é que o infeliz revelou-lhe o local por um desencargo de consciência, pois devia ser o único a saber da existência de tão valioso segredo.

— É possível, mas talvez outros também saibam de sua existência, mas não do local.

— O senhor é um privilegiado, Sr. Kemps! É o único que poderá localizá-lo no vasto deserto do Sinai.

— O que faremos se tudo não passar de uma artilosa e falsa informação, Dr. Albert? O homem também podia ter sido iludido por uma falsa informação!

— Não creio, pois numa outra correspondência, que destruí, o Sr. Löwenstein dizia que o homem lhe dissera que havia penetrado no interior do túmulo e vira nele muitos rolos de pergaminho contendo inscrições desconhecidas dele. Eu imagino que sejam escritos aramaicos.

— Bem, se eu o localizar, repartiremos o achado arqueológico e histórico, Dr. Albert!

— Então eu o admito como meu auxiliar a partir de agora, Sr. Kemps. Avisarei o capitão do navio que seguirás viagem a bordo até nosso destino no Egito.

Assim, o Sr. Silverstone, um rico e discreto banqueiro inglês, disfarçado como um homem sem um passado muito claro, uniu-se ao famoso Dr. Albert Morris e ficou a par das desconhecidas ruínas a serem escavadas em um lugar ermo no antiquíssimo Egito. Ia despreocupado, pois deixara seu filho Alexander Silverstone na direção de seus rentosos negócios na Inglaterra. Conhecera o Egito quando era ainda moço e adquirira um gosto especial por todas as relíquias que conseguira levar consigo e muitas outras que lhe chegaram às mãos durante muitos anos. Possuía uma das maiores coleções de antiguidades entre os colecionadores.

Agora que já não se fazia tão necessário na direção dos seus negócios, lançara-se numa aventura que o agradava muito. Só seu filho Alexander sabia dela e ficara um tanto preocupado quando fora posto a par dos planos do pai. De nada adiantou argumentar com o teimoso pai para que desistisse de tão arriscada aventura.

Silverstone voltou ao seu camarote e consultou sua velha pasta de couro com mapas antigos de todo o Egito e regiões à volta; procurou familiarizar-se bem com os nomes dos vilarejos e cidades e também, mentalmente, recordou-se do árabe aprendido na sua juventude. Ia precisar dele em breve e tinha que agir rápido assim que desembarcassem.

Há um mês já não aparara mais sua barba e agora seria irreconhecível caso encontrasse algum inglês que o tivesse visto alguma vez na Inglaterra.

Pouco a pouco foi traçando um plano que enganaria o tão esperto Dr. Morris. Viajaria por alguns vilarejos próximos do deserto do Sinai e, a troco de algumas libras de ouro, conseguiria informações de alguma ruína sem valor algum que pudesse fazer passar pelo local onde estaria o tal túmulo de David.

Silverstone procurou rememorar os gostos e o modo de ser dos egípcios. Tudo se precipitara em sua última conversa com o Dr. Morris. Precisava estar bem preparado mentalmente para qualquer emergência e não ser traído por sua condição de auxiliar dele.

Enquanto ele dedicava-se a rever os locais onde Löwenstein pesquisara sob seu financiamento, Shirley dedicava-se a outras pesquisas menos materiais e mais pessoais. Aproximara-se do capitão com a condição de seduzi-lo e agora que já não se fazia mais necessário isso, ela mais se entusiasmava com tal coisa.

Agora ela era Shirley Kemps e não uma prostituta do sub-mundo londrino. Sabia como seduzir e enlouquecer um homem frio como o gelo, então não seria difícil dobrar à sua vontade um impetuoso lobo do mar.

La pensando nisso enquanto se dirigia à cabine do capitão. Aceitara o seu convite para almoçarem juntos e só os olhos ternos e ao mesmo tempo luxuriantes dele lhe causavam arrepios de prazer pela conquista.

Shirley tinha uma queda especial por certo tipo de homem, e o capitão era o modelo exato dele. Corpo forte, olhar decidido, cabelos rebeldes revoltos no ar, olhar sedutor e lábios convidativos. Iria envolver-se com ele e isto lhe causava uma agradável sensação.

Não que ela também não fosse uma mulher tentadora e já experiente com todo tipo de homem. Mas agora já não se achava mais uma prostituta, e sim Shirley Kemps. Vestia-se como toda jovem inglesa de boa família, filha de Jerome Kemps, um capitão inglês que desaparecera numa viagem ao sul do continente sul-americano. Tinha uma família que consistia no Sr. Kemps, seu avô. O que ela

não sabia é que seu suposto pai havia sido empregado do Sr. Silverstone e este assumira a identidade do falso pai dela. Também não sabia que Jerome Kemps tivera uma família, que consistia na sua esposa e em uma filha de dois anos, quando partira em sua última e fatal viagem rumo à Argentina sob a bandeira britânica e a serviço do Sr. Silverstone há vinte anos.

Jerome Kemps partira com uma carga de armas e munições compradas pelos argentinos do Sr. Silverstone. Com a sua morte, Silverstone jamais voltou a preocupar-se com a família dele e, um ano depois, sua esposa morria na miséria, vítima de pneumonia. A pequena filha foi levada até um orfanato e assim acabava a família de Jerome Kemps, seu suposto pai.

Agora ela assumia o nome da filha que o Sr. Silverstone imaginava que também tivesse morrido. Possuía papéis que a identificavam como alguém com um lugar na sociedade que não o de uma prostituta.

Ninguém mais veria nela uma ex-prostituta, e sim uma mulher de vinte e poucos anos que se vestia com elegância, era discreta e cuidava muito bem de sua aparência. Possuía cabelos muito bem cuidados e pele bem tratada. Muita coisa mudara neste pouco tempo que se ligara ao Sr. Silverstone. Agora era uma mulher com um nome digno, e não uma das muitas Vick ou Mary dos discretos prostíbulos ingleses.

Jamais voltaria a eles! Isto ela prometera a si mesma assim que tomou consciência do plano do Sr. Silverstone, ou melhor, Kemps. Ele lhe prometera uma vultuosa soma em libras, caso o auxiliasse a ter sucesso em sua última empreitada.

Ela sabia que ele era o poderoso banqueiro Silverstone, mas jamais tocara nisso, pois era paga justamente para nada perguntar ou falar sobre o passado seu e dele. Então, que o passado guardasse o seu segredo também.

E foi toda feliz ao encontro do capitão. Assim que bateu na porta da cabine, ele a abriu e recebeu Shirley com um sorriso discreto nos lábios.

— Por favor, entre, senhorita Shirley.

— Obrigada, capitão. Espero não estar lhe causando incômodos com minha presença em seu navio.

— Por que dizes isto?

— Penso que estou tomando muito do seu tempo.

— Saiba que, para mim, é um prazer imenso ter uma pessoa tão agradável como você como companhia de almoço. Só espero que aprecies a comida preparada pelo cozinheiro do navio.

— Por que eu não apreciaria?

— Ele não é dos melhores na sua arte.

— Agrada-me o que vejo a sua mesa.

— Espero que agrade também ao seu paladar, Shirley!

— Logo saberei disso, capitão...

— David, Shirley! Ninguém pronuncia meu nome, mas David é como me chamo.

— Eu já estava ficando curiosa, pois não ouvi uma vez sequer alguém pronunciar seu nome. Era só capitão e nada mais.

— Acho que muitos dos marujos nem o sabem, pois para eles sou só o “capitão” e nada mais.

— Pois para mim será capitão David.

Após olhá-la com admiração, ele falou-lhe:

— Sua beleza me encanta, Shirley!

— Obrigada, capitão! Estou envaidecida com seu elogio, mas não tenho nada de especial a realçar minhas qualidades de mulher.

— A mim, tudo em você realça essas qualidades. Após olhá-la mais um pouco, ele falou:

— Desculpe-me, pois viestes aqui para almoçar e quase me esqueci disso. Por favor, sente-se!

Shirley sorriu enigmática para o capitão e sentou-se. Conversaram pouco enquanto comiam. Mas os olhares se encontravam como dois punhais a furarem-se.

Ele despertava nela uma paixão muito forte e o mesmo ele sentia por ela. A continuar assim, logo não haveria mais nada a impedir que se envolvessem no calor que a paixão provoca nos que se lançam no fogo e são envolvidos em suas labaredas de desejos.

Após almoçarem, David ficou a fazer-lhe perguntas sobre seu passado.

— Você me disse que nasceu a bordo de um navio. Conte-me como foi, Shirley!

— Pouco posso dizer, capitão. Eu nada me lembro e o que sei foi o que meu avô me contou.

— Isto despertou meu interesse em conhecer um pouco mais do passado de uma mulher tão encantadora quanto você.

— Bem, meu pai, que não conheci, foi Jerome Kemps e segundo meu avô soube, desapareceu num naufrágio em uma viagem que fazia rumo a Argentina. Minha mãe só veio a saber alguns meses depois e logo ela faleceu. Fui internada em um orfanato até que meu avô conseguiu encontrar-me e levou-me consigo para a cidade onde vivia. Quando me convidou a acompanhá-lo nesta aventura, achei que realizaria o meu desejo de viajar num navio tal como meu pai costumava fazer. Acho que nunca vou anular a tristeza de não tê-lo conhecido e não recordar-me de minha mãe.

— Não deve deixar que a tristeza empalideça sua beleza, Shirley!

— Desculpe-me, capitão! Acho que este sentimento é comum aos órfãos que só ouviram falar de seus pais sem nunca os ter conhecido de verdade.

— Sinto muito se a fiz recordar de coisas tão tristes numa hora tão agradável como esta, mas eu precisava ouvi-la um pouco para me convencer realmente se eras a filha de Jerome Kemps que conheci um pouco antes de sua trágica morte no Atlântico Sul.

Shirley assustou-se e empalideceu com as palavras do capitão David. Então, com a voz alterada, exclamou:

— Finalmente encontro alguém que conheceu meu pai! E, quase desmaiando, pediu-lhe:

— Conte-me tudo, capitão. Não omita nada de mim, por favor.

— Acalme-se, Shirley! Você está pálida e prestes a desmaiar! — ele a tomou nos braços.

— É muita emoção num só dia, David!

— Vamos, respire fundo e reassuma o seu autocontrole, senão não poderei contar-lhe como foi a última viagem do capitão Jerome Kemps.

Ele a envolveu nos braços e, quando ela inspirou forte, sentiu avolumarem-se contra si os seus fartos seios. Apesar de o estado dela estar alterado pela emoção, ele não resistiu após a segunda respiração forte dela e a beijou nos lábios.

Não deixou para um momento melhor, pois a atração que sentia por ela era muito forte. Para alegria sua, ela correspondeu com a mesma intensidade.

Só após um longo e apaixonado beijo eles se separaram.

David ficou olhando-a por um longo tempo antes de falar-lhe qualquer coisa. Viu quando duas lágrimas brotaram dos seus lindos olhos e rolaram pelas suas rosadas faces. Tirou do bolso do casaco um lenço fino e as enxugou. Mas de nada adiantou, pois outras e mais outras teimavam em verter de seus olhos.

Ele a apertou contra si ternamente e a deixou chorar à vontade. Shirley apanhou o lenço fino e cobriu os olhos molhados pelo pranto sentido. Só depois de muito tempo ela acalmou-se. David falou-lhe:

— Por que não vem até aqui esta noite para que eu lhe conte como seu pai morreu?

— Gostaria de ouvir agora como foi seu desaparecimento, David!

— Você não está em condições. Descanse até a noite, pois assim estará mais calma, e então eu lhe contarei tudo. Além do mais, tenho que voltar ao meu posto em pouco tempo e o que tenho a dizer-lhe é muito longo para ser resumido em poucas palavras.

— Está certo, David! Voltarei à noite.

— Dê-me mais um beijo, Shirley. Eu a amo muito e o que mais desejo é tê-la junto a mim para sempre.

— Acho que o amo também, David.

— Achas?

— Acho que é amor o que sinto. Mas, se não for, então é uma paixão muito forte.

— Prefiro que sinta amor por mim como sinto por você!

— Nunca amei alguém antes e o que sinto neste momento é único em minha vida. Jamais senti algo tão intenso antes.

E os dois envolveram-se em um longo e apaixonado beijo. Quando separaram seus lábios, os olhos de Shirley brilharam intensamente.

— Eu também o amo muito, David! Voltarei à noite para ouvir como meu pai desapareceu no mar.

Shirley saiu da cabine do capitão e correu para a sua e do Sr. Kemps. Assim que este a viu, perguntou-lhe assustado:

— O que lhe aconteceu? Quem a agrediu?

— Ninguém, Sr. Silverstone! — exclamou Shirley à meia-voz.

— Então?

— O capitão conheceu Jerome Kemps, Sr. Silverstone.

— Pare de me chamar pelo meu nome verdadeiro, senão irás denunciá-los.

— Sim, senhor Kemps! — exclamou ela desafiadora.

— Vovô, só de vovô, Shirley! Agora me diga, como ele conheceu Jerome Kemps?

— Ainda não me contou, irá fazê-lo à noite.

— Conte-me o que houve entre vocês dois e o que foi dito.

— Não aconteceu nada de extraordinário! Apenas ele falou-me que havia conhecido meu pai. Então eu comecei a chorar, e ele parou por aí.

— Ótimo, Shirley! Você é uma boa atriz, pois ainda está com os olhos inchados e vermelhos devido ao choro.

— Mas Sr.... digo, vovô...

— Não precisa dizer nada, Shirley! Eu desconhecia esta sua facilidade em contornar uma situação mais delicada.

Shirley ficou olhando-o por um instante e, num rompante, falou-lhe:

— Como vou reagir à história dele se sei tão pouco sobre Jerome Kemps?

— Diga-lhe só o que lhe falei sobre ele.

— Preciso saber mais, pois és meu avô e se eu me trair, o capitão saberá que não sou Shirley Kemps.

— Está certo. Vou falar-lhe quem foi Jerome Kemps e assim não cairás em contradições.

Silverstone parou de falar por um instante e acendeu um dos seus charutos; após algumas baforadas, voltou a falar:

— Jerome Kemps era um ótimo amigo. Eu o tinha em grande estima porque era ótimo capitão de navios. Ele era meio-irmão meu, fruto de uma escapulida de meu pai com uma serviçal dele. Jerome nasceu pouco depois de mim e, para evitar um escândalo, meu pai enviou a mãe dele a uma de suas propriedades em Devon. Sempre se preocupou com a educação do filho bastardo. Colocou-o, em virtude de suas influências, na escola naval imperial e Jerome tornou-se oficial da armada real. Mas, numa batalha travada nas Antilhas, ele sofreu um grave ferimento e perdeu o braço direito.

Em consequência deste triste acidente, foi dispensado de sua função de oficial. Meu pai o auxiliou a superar seu trauma por causa da incapacidade física e o nomeou capitão de um de seus melhores navios. Jerome comandava-o com mãos de ferro e meu pai confiava-lhe as cargas mais valiosas ou no transporte de cargas proibidas, tais como o tráfico de armas para movimentos rebeldes. Era a maior fonte de rendas do meu pai a venda de armas pagas com ouro ou pedras preciosas pelos líderes rebeldes.

— Seu pai não se preocupava com as proibições da Coroa, Sr. Silverstone?

— Vovô, Shirley!

— Sim, vovô.

— Bem, acho que nem um pouco. Os ganhos proporcionados por essas vendas ilegais superavam a tudo que se possa imaginar e o tornou um dos homens mais ricos de todo o reino.

Jerome era seu homem de confiança e negociava com todos os que pagassem o seu preço. Isto durou uns dez anos mais ou menos. Numa viagem ao Egito eu o acompanhei, pois iria servir à Coroa no Cairo.

Assim que chegamos, apresentei-me ao governo local e nunca mais vi Jerome, meu meio-irmão.

Quando voltei à Inglaterra alguns anos depois, ele ainda traficava armas para o meu pai. Havia se casado com uma cubana, filha de espanhóis e a levava à Inglaterra.

Ele ainda fez mais uma viagem antes de o meu pai morrer. Como último pedido, ordenou-me que protegesse Jerome. Meu pai sabia que eu não gostava dele, pois, durante nossa viagem ao Egito, tivemos uma discussão que nos separou para sempre... e nunca mais eu vi meu meio-irmão.

Bem, numa viagem ao sul do continente americano ele desapareceu, e jamais voltei a ouvir falar de Jerome Kemps. Como eu não gostava dele, não enviei ninguém à procura de informações. Acho que o destino me fez um favor ao fazê-lo sumir de forma tão misteriosa.

— Mas, mesmo sendo ele seu meio-irmão, não o preocupou o destino dele?

— Foi um alívio para mim a sua morte, pois ele sabia da origem da imensa fortuna do meu pai e poderia vir a denunciar-me caso eu não a partilhasse com ele.

— Não teria sido mais leal da sua parte tê-lo auxiliado, já que, por parte de pai, ambos eram irmãos?

— Se todos os bastardos britânicos forem ter direito à herança de seus pais, logo não haverá fortuna alguma, pois todas terão que ser divididas por muitos! — exclamou rindo o Sr. Silverstone.

— Mas, e quanto à esposa de Jerome Kemps, Sr. Silverstone?

— O que há com ela?

— O Sr. não a procurou? Talvez ela precisasse do seu auxílio após a morte do marido.

— Não a conheci nem quis envolver-me com ela, senão eu iria remexer no passado sujo do meu pai. Talvez Jerome tivesse contado algo a ela.

— A morte de Jerome Kemps foi conveniente para o senhor, não?

— Muito conveniente, Shirley! Lembre-se disso quando for conversar com o capitão, senão irás pôr todo o meu plano a perder e expor-me ao ridículo perante toda a nobreza britânica. És a órfã de um capitão britânico que naufragou no Atlântico Sul e nada mais. Jerome Kemps, meu meio-irmão bastardo, só está nos emprestando seu nome e nada mais.

Continue com sua encenação como filha dele, porque está tudo correndo muito bem e talvez eu lhe arranje um emprego na companhia real de teatro quando regressarmos a Londres.

— Muita generosidade sua, vovô! — exclamou Shirley, entre irônica e mordaz.

— Gosto quando fala deste jeito, Shirley! Este seu jeito sempre desperta em mim um desejo incontido.

— Contenha-se, vovô! Lembre-se que agora sou sua neta e nada mais.

— Estás assumindo com muita rapidez tua nova identidade, Shirley! Ainda não deixaste de ser a boa companhia a quem pagar o teu preço.

— O preço que tratamos não incluía estas coisas, vovô! Portanto, pode acalmar-se porque o prazer não está incluso nele.

— Eu aumentarei mais algumas libras no pagamento final, Shirley! Agora venha cá, vamos nos divertir um pouco. Esta viagem está muito monótona e tenho pensado muito nestas noites intermináveis que passamos juntos nesta cabine.

— Nem pense nisso, vovô! — exclamou ela irada.

— Vamos, Shirley! Lá naquele bordel você não recusava uma libra só por uma noite de prazer, porque estás agindo assim, agora?

— Sou Shirley Kemps, lembre-se disso, vovô! Não me toques, pois deixei de ser uma prostituta que se vendia ao primeiro que chegava ao meu quarto.

Silverstone a agarrou com o desejo estampado nos olhos lúbricos. Ela tentou desvencilhar-se dele, mas seu pesado corpo a subjuguou contra o catre e foram em vão suas súplicas para que a deixasse em paz. Quanto mais ela lutava, mais ele ficava excitado e só a soltou quando deu vazão ao desejo que Shirley lhe despertava.

Ela estava mais uma vez aos prantos, pois, apesar de ter sido uma meretriz, agora não se julgava mais uma e não queria ser tratada como tal. Do jeito que ele a deixou sobre a cama, ela permaneceu.

Silverstone ajeitou suas vestes e readquiriu sua tradicional postura recatada que ocultava um ser desprezível e lúbrico. Como

Shirley não cessava seu pranto, ele apanhou duas libras e as colocou em sua mão direita, falando-lhe:

— Não precisa fazer todo este drama, mocinha! Nós dois sabemos o que você é, e antes nunca recusaste dar um pouco de prazer a um homem a troco de alguns *pennies*. Pois aí está um pagamento generoso por alguns minutos de prazer. Agora cale-se, senão irás despertar suspeitas caso sejamos ouvidos pelo capitão ou o Dr. Albert Morris.

Shirley recebeu suas palavras como se fossem dardos a perfurar-lhe o coração. Olhou-o com ódio e falou-lhe:

— Nunca compreenderás os sentimentos de uma mulher, Sr. Silverstone! Para o senhor tudo se resume a uma questão de preço, não?

— Isto mesmo, Shirley! Ainda és uma prostituta e nunca deixarás de sê-lo. Acostume-se a isto, pois assim são as coisas.

— Todos os homens poderosos são iguais! Tanto faz se o nome é Silverstone ou Barão R., pois são a verdadeira escória da humanidade. Compram e vendem a vida dos que nada tem e ainda se acham no direito de dizer o que somos.

— Não me compares ao Barão R., pois não admito tal coisa.

— És tão sujo quanto aquele maldito!

Silverstone não gostou do rumo que as coisas estavam tomando e procurou desviar a conversa perguntando-lhe:

— Não gostar de mim até compreendo, mas odiar o Barão R.? Por quê?

— Porque foi aquele maldito quem arruinou minha vida.

— Como assim? Explique-se melhor, Shirley!

— Queres mesmo saber, nobre lorde Silverstone?

— Faça questão disso, Shirley! — exclamou ele.

Ela o olhou enigmática e falou-lhe com rancor na voz.

— Eu era uma órfã que vivia em um abrigo das freiras em Devon. O nobre Barão R., só para ficar de bem com os bispos, porque é um judeu, dava as migalhas que caíam de sua mesa farta a algumas instituições da igreja. Numa de suas malditas visitas à instituição que auxiliava, viu-me quando eu acompanhava a diretora do abrigo para órfãos. Ele não tirava seus olhos de ave de

rapina de cima de mim enquanto visitava a instituição. Poucos dias depois, fui raptada do orfanato e levada àquele maldito prostíbulo travestido em casa de chá. Após apanhar muito, adivinhe quem veio consolar-me!

— O Barão R.! — exclamou Silverstone — Então o canalha gosta mesmo de meninas impúberes, mas já formadas fisicamente.

— Queres dizer que não fui a única?

— Isto não posso afirmar com segurança. Mas já ouvi comentários que a ave de rapina gosta de carne tenra e ainda em estado virginal. Eu achava que esses comentários desairosos tinham origens nos meios político e financeiro, em que proliferam inimigos ferrenhos dele.

— Bem, comigo ele agiu como se eu fosse uma apetitosa ovelha, pois ouvi várias vezes ele dizer: “Vou abater mais uma ovelhazinha e, após esgotar seu sangue, degustar a carne tenra de cada parte de seu lindo e delicado corpo”.

— O canalha do Barão R. então gosta de praticar o sacrifício ritual, não?

— Como assim?

— Ora! Ele não sacrifica o bode negro a Belzebu ou o cordeiro branco a Jeová, mas sim “tenras” ovelhazinhas humanas são sacrificadas a Baco, o deus do prazer! Que velho devasso! E pensar que se oculta sob o discreto manto da dignidade que só a fortuna propicia: um manto roto e imundo.

— Será que é por esta sua obsessão que ele costuma visitar regularmente os orfanatos?

— Não tenha dúvidas, ovelhazinha! Você só foi uma entre as muitas que ele sacrificou no seu altar dos prazeres imundos.

— O mesmo altar onde o senhor faz suas orações mais íntimas, não?

— Estás enganada, Shirley! Eu já tive uma esposa adorável e, enquanto ela era viva, eu não a traí uma única vez. Se procuro prazer nos prostíbulos, é porque sei que jamais encontrarei outra igual a ela.

— Como pode saber disso?

— Helen era a mulher mais linda, educada e meiga que existiu. Observei todas as mulheres após sua morte e nenhuma se comparava a ela. Passei cinco anos de minha vida só fazendo isto e, quando cheguei à conclusão de que era uma procura inútil, comecei a procurar parte dela nas casas de prazer de Paris, Roma, Amsterdã e até mesmo Londres.

Só duas tinham alguns dos encantos de Helen. A primeira foi Mariza, uma hispano-americana muito bonita e gentil. Mas lhe faltava o recato discreto que minha querida esposa tinha nos momentos mais íntimos.

— E quanto à segunda, lorde Silverstone?

— A segunda é você, Shirley!

— Eu?

— Exatamente. Desde que a vi naquela casa de prazeres, há dois anos, minha vida alegrou-se.

— O que me falta para ser igual à sua querida Helen?

— Muito pouco, Shirley. Muito pouco mesmo!

— O que, por exemplo?

— A princípio, por você ser de quem pagar o seu preço e, segundo, falta-lhe a educação, a cultura e o charme discreto de Helen. Nisso ela era inigualável.

— Bem, educação me é impossível cultivar num meio onde toda a escória de elite britânica vem dar vazão às suas bestialidades. Ser mal educada faz o gênero deles, pois se vão até uma casa de prazeres é porque estão cansados de suas enfadonhas esposas, todas cheias de cultura, educação e finos modos. Acredito que procuram uma mulher que seja mais mulher e menos classe e finesse. Quanto à cultura, só é acessível aos que a ela têm acesso, tempo e dinheiro.

— Neste ponto, tens razão.

— Além do mais, eu recebi uma boa educação e possuo um pouco de cultura. Mesmo uma prostituta tem gostos, e o meu é o da leitura instrutiva.

— Isto já ajuda a diminuir a distância que a separa de minha querida Helen.

— Como pôde Helen, uma mulher fina, educada e culta, além de meiga gostar de um homem que brutaliza a mulher que possui?

— Aí está o encanto indestrutível dela. No seu dia a dia ela possuía essas qualidades admiráveis, mas nas suas noites ela sabia como ser mais mulher e menos esposa.

— Uma dama durante o dia e uma prostituta à noite! — exclamou Shirley divertida. Isto lhe custou uma bofetada de Silverstone, que lhe falou furioso:

— Não chames minha Helen de prostituta, sua vadia!

A muito custo e contendo o ódio que sentia por aquele homem, ela desculpou-se. Mas o que tinha vontade de falar-lhe era muito mais que chamá-la de meretriz. Silverstone era um animal quando a possuía, e tinha fama de homem cruel entre seus pares. Era melhor ficar calada, senão apanharia mais ainda.

Mas não havia de ser nada uma bofetada a mais que recebera agora, pois logo logo, tanto ele, o honrado lorde Silverstone, quanto o respeitável e riquíssimo Barão R. pagariam caro. Com isto, ela se vingaria de todos os que a possuíram como carne barata, mas deliciosa, conseguida a troco de algumas moedas.

Um dia, ambos pagariam muito caro tudo o que lhe haviam feito. Se era uma prostituta, foi por causa do Barão R. e sua obsessão por meninas na flor de suas inocências e, se assim fora obrigada, foi por causa dos agenciadores de carne fresca e ainda sangrando que as lançavam à sanha insaciável dessa alcateia de lobos humanos escudados por títulos de nobreza e sentados em cima de montanhas de libras.

Silverstone olhava-a divertido após tê-la esbofetado. A ela ocorreu que talvez Helen gostasse de ser agredida, pois só assim conseguia livrar-se de toda a sua cultura, finesse e educação imposta por tutores cruéis e professores fúteis. Talvez toda a sua “meiguice” precisasse de um pouco de violência para liberar sua sexualidade reprimida. Talvez fosse a união do inútil com o desagradável, ou seja: Helen precisar da agressão física para sentir prazer num ato com o tão sóbrio lorde Silverstone.

Tudo isto passava pela mente de Shirley enquanto procurava entender a natureza dele. Seu modo de encará-lo deixou-o curioso.

— O que lhe passa na mente, cordeirinha?

— Não me chame assim, pois odeio cordeiros! — exclamou ela, irada.

Isto parecia diverti-lo ainda mais, pois acrescentou outro adjetivo a ela.

— Por que odiá-los se são tão dóceis com seus pastores, ovelha desgarrada?

— Maldito! Diverte-se com quem não pode fazer nada mais além de calar-se e sufocar sua dor pelas ofensas recebidas.

— Ora, Shirley querida! Você é como uma ovelha obediente que vai por onde o pastor que pagar seu preço lhe ordenar. Agora quem está lhe pagando sou eu, portanto, sou o seu dono.

— Tripudias sobre minha dignidade.

— Que dignidade? Onde está a dignidade de uma prostituta?

— Está justamente onde vocês encontram o que as suas dignas e queridas esposas não pode lhes oferecer, porque estão sufocadas sob a rigidez dos costumes que os homens lhes impõem para ocultar suas falsas moralidades ou incapacidade de amá-las como seres humanos, que são. Então, preferem uma ovelha no lar e uma loba nas casas de prazer.

— Gostei disso, querida Shirley! Tens argumentos para dignificar tua profissão.

— Não foi por escolha minha que segui esta trilha, lorde Silverstone. Lembre-se sempre disso. Se sou o que sou é por causa da escória da elite a que pertence.

— Também gosto como nos trata, minha adorável Shirley! Se continuares assim, logo estarás próximo do pedestal onde descansa minha amada Helen.

O modo irônico dele falar irritou-a ainda mais.

— Vá para o inferno você e sua adorada Helen, lorde da podridão!

Silverstone gargalhou com suas palavras e atirou-se sobre ela. Shirley tentou safar-se dessa nova investida, mas lhe foi inútil, pois aquele diálogo havia despertado o sádico prazer dele e, como uma besta enfurecida, subjugou-a e agora mais violento que das outras vezes, ele a possuiu. A ela só restou a resignação, pois aceitara o

preço quando ele lhe prometera uma vida digna e longe de Londres quando retornassem da longa viagem.

Após saciar toda a sua bestialidade na indefesa mulher, ele aprumou-se como era seu hábito e foi para o convés respirar um pouco de brisa do mar. Shirley tirou suas vestes e lavou-se. Sentia nojo dele, mas nada podia fazer se quisesse levar a bom termo sua preciosa aventura para libertar-se do estigma de prostituta.

Após lavar-se, vestiu uma nova roupa e deitou-se. Enquanto pensava em tudo o que já havia lhe magoado nesses 24 anos de vida, lágrimas corriam dos seus olhos. Um choro contido há muito tempo teimava em explodir do seu peito e então ela o liberou de vez, e chorou todas as suas mágoas acumuladas.

Só ao entardecer despertou. Não soube ao certo quanto tempo passara chorando, pois se esgotara no pranto e adormecera sem notar a passagem de um estado para outro. Mas sentia-se melhor depois de tanto pranto.

Sentia-se vazia e via sua vida sem sentido pesar-lhe como um fardo cheio de pedras, mas ainda assim as mágoas já não a incomodavam tanto. Levantou-se e, após lavar o rosto, penteou os cabelos e alisou seu vestido.

Depois de comer um pedaço de pão duro e envelhecido e tomar uma caneca de água, subiu para o convés. Foi até a amurada do navio e debruçou-se nela.

Olhava as ondas que se formavam com a passagem dele e sentia o seu compassado balançar. Mas seus pensamentos iam muito mais para além dessas coisas. Ficou observando o mar, o pôr do sol e até algumas gaivotas que sobrevoavam o mar à procura dos seus alimentos.

Um sorriso triste aflorou em seus lábios, os peixes que ousavam vir à superfície eram como ela. Presas fáceis dos que saíam dos seus ninhos para saciar suas fomes. Triste comparação, pois as aves só queriam sobreviver e nada mais. Mas era assim que ela se sentia: um peixe indefeso perdido no vasto oceano da vida.

Mas havia uma diferença entre os peixes e ela. Se eles não podiam saber que iriam ser devorados, o mesmo não acontecia consigo, pois ainda se recordava da primeira vez que pisou num

prostíbulo. Ainda ouvia as palavras dos dois homens carrancudos à sua frente, em um cubículo apertado e sem janela alguma:

— Escute bem isto, garota! Ou você coopera ou esta lâmina irá se sujar com o sangue de sua jugular, e isto depois de ser violentada por nós dois.

— Deixem-me sair daqui! — gritou assustada e desesperada a menina inocente à frente deles. O pavor estava estampado no seu rosto infantil e, ao mesmo tempo, tão lindo.

— Cale-se ou será muito pior — falou-lhe entre dentes o mais violento dos dois enquanto agarrava seus cabelos e chacoalhava sua cabeça para fazê-la sentir dor.

Ela chorava de dor, pavor e desespero. Quando ele ia esbofetear-la, o outro segurou seu braço e gritou-lhe:

— Cuidado para não marcá-la! O Barão R. não toca em meninas com hematomas. Para ele, só as sem a menor mácula! — e gargalhou de suas próprias palavras; o outro retrucou:

— Eu vou arrancar uma mecha dos cabelos dessa menina para que concorde em cooperar. Não vou querer perder as libras prometidas por ele!

— Nem eu, mas vamos com calma. Temos que entregá-la dócil e meiga ao Barão R., senão o velho maldito não consegue sua imunda satisfação.

Os dois riram enquanto ela chorava devido ao medo e à dor que sentia por ele estar puxando com toda a sua força seus cabelos longos e crespos.

— Tenho uma ideia melhor, James! — falou o que só observava a tortura — Que tal nós lhe mostrarmos o que lhe acontecerá caso não colabore conosco?

— Ótima ideia, Andrews! Assim, ela já estará familiarizada quando chegar a hora.

E os dois a despiram e começaram a bolinar seu delicado corpo. Os malditos beijavam todo o seu corpo e tocavam com suas mãos imundas as suas partes mais íntimas. Isto lhe dava tonturas, e o desmaio veio quando eles se despiram e se esfregaram nela.

Só não consumaram ali mesmo o estupro contra ela porque perderiam a recompensa prometida e porque o pavor a levou ao

desmaio. Quando acordou com a água atirada em suas faces, viu-se nua sobre uma cama imunda. O homem chamado James ordenou-lhe:

— Vá até aquela tina e tome um banho.

Ela cobriu com as mãos os seios pequenos e encolheu-se toda no leito.

— Vamos, menina! Ou queres que Andrews lhe arranque com aquele alicate alguns pelos? Eles não serão de sua cabeça, ouviu bem?

— Deixem-me voltar ao orfanato, pelo amor de Deus! — gritou ela.

James agarrou-a pelos cabelos e, com raiva, falou-lhe:

— Não grite, sua cadela! Nunca mais em sua vida dê um grito se tiver amor à sua vida — falava com tanto ódio que ela assustou-se ainda mais. Ele tornou a falar:

— Você me ouviu?

— Sim, senhor — falou ela baixinho.

— Então vá lavar-se e faça-o muito bem, pois deve estar bem limpa e perfumada para quando ele chegar.

— Então saiam do quarto! — pediu ela aos prantos.

— Vá se acostumando a ficar nua diante dos homens, garota! Agora vá banhar-se.

— Só se saírem do quarto! — exclamou ela.

O chamado Andrews então falou:

— James, deite-a na cama que vou fazê-la compreender quem dá as ordens por aqui. Segure os braços dela.

O tal James deitou-a com um puxão nos cabelos e a sujeitou com suas mãos enormes. O outro encavalou-se sobre suas pernas e, com o alicate, arrancou uma porção dos seus nascentes pelos pubianos.

Um grito de dor foi sufocado pela enorme mão que tapava sua boca, quase sufocando-a. As lágrimas verteram em cascatas dos seus olhos e o corpo tremeu todo. Um suor frio brotou de todos os seus poros devido à dor. Então, o chamado Andrews falou-lhe no ouvido:

— Estás vendo só o que lhe acontecerá caso não colabores conosco, menina?

Como ela nada respondeu, ele insistiu:

— Estás sabendo agora?

Ela, com a boca tapada e sem poder falar, assentiu com a cabeça que sim.

— Ótimo! Então James irá soltá-la. Não quero mais ouvir gritos nem um não como resposta. Vá lavar-se enquanto a vigiamos, pois caso tente algo, nós não a mataremos antes de deixá-la louca devido às torturas. E olhes que esta é só mais uma das muitas que sei como empregar contra os que não querem colaborar. Está certo?

— Sim, senhor! — respondeu ela entre soluços que não conseguia conter.

— Então ande logo, pois daqui a pouco ele chegará.

Ela foi até a tina de água gelada e entrou nela. Procurou ocultar-se na água, mas estava tão fria que não suportava ficar dentro da tina. Então se lavou rápido, ficando de costas para eles.

— Vire-se de frente! — gritou o tal James. — Quero ver se está se lavando direito.

Foi humilhante, mas assim fez porque o medo era maior que a vergonha. Quando acabou de se banhar, o chamado Andrews veio com uma toalha e a enxugou apalmando todas as suas partes íntimas. Então falou:

— O maldito Barão R. tem bom gosto, James! Esta menina é mesmo muito bonita.

— É verdade, Andrews! Se não fosse pelas suas generosas libras, quem iria ensinar essa menina seria eu.

— Acalme-se, James! Mais tarde teremos nossa parte em tudo isso.

Após enxugá-la, deu-lhe um vestido novo e a mandou ir pentear-se, pois estava chegando a hora. Depois a levou por um longo corredor até um quarto bem arrumado, mas decorado com muito mau gosto. Com o alicate na mão e usando-o como indicador, mostrou-lhe como deveria proceder quando o Barão R. chegasse.

Após dizer-lhe tudo, ele assustou-a ainda mais ao mostrar-lhe a ferramenta e dizer:

— Você só sentiu uma amostra do que poderá lhe acontecer, menina. Se soubesse como é dolorido ter a pele beliscada por esta ferramenta, nem pensaria em desagradar o Barão R.. Quer que eu dê um beliscão na sola do seu pé para provar?

— Não, senhor. Farei como me ordenou.

— Boa menina. É assim que eu gosto.

O chamado James perguntou ao Andrews:

— Onde aprendestes tais torturas, Andrews?

— Na África, na Índia e em vários outros lugares em que servi no exército real. Precisava ver como os torturados contavam tudo que lhes perguntávamos, James!

Mesmo os mais valentes rebeldes prometiam contar tudo após eu acariciá-los um pouco com meus meios delicados.

Os dois riram à vontade, e ela assustou-se ainda mais com aquelas palavras. O melhor era colaborar com eles, senão o sofrimento seria imenso.

Andrews então lhe falou:

— Deste quarto só se sai por aquela porta, menina. E eu vou estar do outro lado dela para que não grites, pois, se o fizer, o Barão R. não pagará nada e virei aqui para castigá-la até que não suportes mais a dor. Depois eu a mato e jogo seu corpo para os cães famintos que temos lá nos fundos dessa propriedade. Compreendeste?

— Sim, senhor.

E o Barão R. chegou na hora combinada. Foi direto ao quarto onde James a vigiava. Deu uma olhada para a menina sentada no meio da cama com dossel e falou:

— Como é linda essa ovelhazinha. Saíam os dois desse quarto! Vocês estão assustando-a!

Os dois saíram, e ele trancou a porta. Então foi para junto dela e falou-lhe:

— Estes homens brutos a maltrataram, minha ovelhinha?

— Não, senhor! — exclamou ela, como Andrews a havia instruído.

— Ainda bem, pois se tivessem feito isto, eu mandava os meus homens castigarem eles rigorosamente.

— Está tudo bem, senhor.

— Não está não, minha ovelhinha. Você está trêmula.

— Estou com medo, senhor! — exclamou ela, não podendo conter-se mais.

— Eu a compreendo, minha ovelhinha. Como todas as outras que vão para o altar do sacrifício, você também está com medo de ser sacrificada. Mas não se preocupe, pois o seu pastor irá prepará-la de forma que implores para ser sacrificada no altar do prazer.

Ela não falou nada, pois temia mais o que de mal lhe poderiam fazer os dois homens do outro lado da porta. Ele, em seu ritual macabro do prazer, preparou-a muito bem, pois houve momentos em que o asco deu lugar ao desespero que ela sentia, contido pelo medo do que viria logo a seguir. E o Barão R., rico homem da poderosa Inglaterra, consumou o sacrifício da sua imaculada ovelhinha no altar do deus do prazer, da volúpia e da lascívia.

E, como num ritual, a ovelha berrou quando o punhal furou sua carne tenra e virgem e o sangue correu.

Ele, qual um sacerdote macabro e cuidadoso, colheu em um lenço branco todo o sangue derramado de sua ovelhazinha estendida sobre o altar do sacrifício. Depois, dobrou-o cuidadosamente e o envolveu num outro de cor preta guardando-o com cuidado na sua bolsa de couro curtido. O que faria depois com ele era um mistério que só ele poderia dizer. Quando se sentiu satisfeito, foi até ela que chorava e falou-lhe:

— Está terminado o seu sacrifício, minha bela ovelhinha! Fostes, das que já sacrifiquei, a mais deliciosa. Adeus!

E saiu do quarto sem nada mais dizer. Os dois asseclas entraram no quarto e, sorridentes com as bolsas de libras nas mãos, falavam felizes da boa fortuna ganha do Barão R.

— Deixem-me voltar para o orfanato, por favor! — gemeu ela.

— Está louca? Acaso pensa que somos tolos?

— Mas já fizeram tanto mal a mim...

— Nunca sairás daqui, menina! Você é nossa e só sairá daqui morta.

Ela tremeu ao ouvir essas palavras.

— Mas se colaborar conosco, talvez possas continuar viva, garota! — falou James.

— Isto mesmo! — ajuntou-lhe Andrews. — Nós só vamos nos divertir um pouco com você.

— Já estou ferida! Por favor, deixem-me em paz.

— Só descansarás esta noite, garota. Amanhã, nós dois tiraremos a sorte para sabermos quem será o primeiro a deitar-se com você.

Quem falara as últimas palavras fora o chamado James, que agora segurava o alicate e acariciava seu corpo com ele.

Assim eles procederam, e James ganhou-a. Depois foi a vez de Andrews. Isto foi acontecendo até o dia em que Andrews lhe propôs:

— Gostaria de livrar-se deste cubículo, garota?

— Como?

— Podes dormir num dos quartos limpos que temos lá na frente.

— O que devo fazer para sair daqui?

— Receberás nossos convidados e os tratarás com todo o respeito, e agradarás a eles com seus encantos femininos.

O outro então falou:

— Ainda ganharás algumas moedas como pagamento, garota. Pouco a pouco farás sua fortuna e poderás sair desta mansão e ter uma vida luxuosa.

E assim ela cooperou e passou para um quarto melhor. Por ironia, foi o mesmo em que o Barão R. havia praticado o seu sacrifício. Ela nunca mais o viu por ali, mas outros barões, lordes, ministros e homens de negócios foram muito vistos por ela.

O tempo foi passando e não juntou fortuna alguma, pois lhe cobravam uma parte dos ganhos como taxa, e tudo o que comia ou bebia.

Agora os olhos ficavam brilhantes ao olhar o sol se pôr ao longe.

Assim como o sol brilhante que ia descendo no horizonte, perdendo seu brilho, tornando-se só uma esfera rubra que já não iluminava o vasto oceano, havia sido com ela, a ovelhinha que

viu o sangue rubro do seu ocaso como menina pura e inocente ser encoberto por um pano negro e lança-la na escuridão da vida.

Ela era só uma porção de recordações doloridas a enegrecer sua alma triste. Era só mais uma das muitas infelizes prostitutas a viver de suas dores e da ilusão de um dia ser igual às outras mulheres. Ela sabia quem era, mas na casa de prazeres mudara de nome, pois sentira vergonha de usar o nome paterno. Só não trocara o prenome, que era Shirley mesmo.

E agora rumava ao longínquo Egito em busca de sua redenção como mulher.

Ficou ali até que a escuridão se estendeu sobre o oceano, em que o navio ora ia singrando suavemente, ora com mais violência. Antes de se afastar, ainda pensou:

“Eu não sou o peixe, mas sim o oceano! Eu me movimento constantemente enquanto os malditos singram por sobre as ondas do meu corpo. Eu recebo nas minhas águas salgadas toda a sujeira e podridão de seus desejos, luxúrias e obsessões sexuais. Eu recebo todas as suas sujeiras como o oceano recebe os detritos que lhe lançam estes tripulantes do navio.

E, como o oceano, tenho de receber tudo calada, pois se ele não pode falar, eu sou obrigada a calar-me, já que o maldito Silverstone tem razão quando diz que sou o que sou: uma prostituta.”

Mas enquanto isto, outros pensamentos passavam pelas mentes de Silverstone, Morris ou o Capitão. Cada um pensava no que mais lhe interessava.

O arqueólogo Albert Morris pensava na possibilidade de se apossar de um achado arqueológico do valor do Livro de David, e dito não ficaria sabendo o Barão R.. Não, ele teria que se conformar com migalhas das tumbas dos faraós egípcios. Teria que ficar acariciando rolos de papiros, contando a história de um homem comum, mas dele seria o achado que o tornaria o mais famoso arqueólogo do mundo. Só ele, Albert Morris, seria o dono do Livro de David levado ao seu conhecimento pelo seu amigo e também arqueólogo, o alemão Karl Löwenstein. Naquele momento, ele relia outras correspondências dele e em todas lhe vinham mais informações sobre o tal livro.

Numa delas ele falava que, após muito pesquisar, chegara à conclusão de que o Livro de David era considerado desaparecido há 2.500 anos por sábios talmudistas que só concordaram em falar algo sobre o assunto caso fosse mantido sigilo absoluto, pois este era um assunto considerado tabu. Já em uma das últimas de suas correspondências o perigo e a ameaça à sua vida apareciam. Ela começava assim:

“Prezado Dr. Albert Morris,

Desde nossa última correspondência muita coisa mudou. O financista semita alemão que havia concordado em financiar os custos de minha expedição até o Sinai à procura do local onde estariam os rolos com o Livro de David, sem maiores explicações, retirou seu apoio a tal empreitada. A mim foi dito que se encontrava em apuros financeiros. Mas não creio, pois sei por intermédio de pessoas bem informadas que ele nunca esteve tão bem financeiramente. Um talmudista amigo revelou-me que alguns rabinos muito influentes reuniram-se com ele e o dissuadiram de procurar os tais rolos de pergaminho com o Livro de David, pois, caso os encontrasse, poderiam colocar em contradição muitos dos escritos bíblicos e o Livro Santo poderia ser desmoralizado como livro histórico e religioso. Isto seria uma coisa inadmissível para o povo judeu espalhado pelo mundo e tendo como único elo o Velho Testamento tal como ele é conservado pela tradição rabínica através dos séculos.

Como os sábios antigos consideravam plausível a existência dos pergaminhos com a história do tempo de David e dos seus escritos pessoais, então desaconselhavam tal iniciativa, pois, se surgissem contradições, os sábios ficariam em dúvidas sobre as verdades bíblicas escritas a partir da palavra da Lei contida na Torah. Isto seria muito mais danoso ao povo judeu que a destruição do Templo ou a Diáspora, imposta pelos romanos no século I da Era Cristã.

Eu fiquei muito triste, pois já havia iniciado contatos com antigos auxiliares e planejava partir no início do próximo verão. Peço-lhe que tentes falar com seus amigos financistas semitas, na capital londrina, e veja se consegue com que algum deles se interesse em financiar tal expedição.

Saudações do seu amigo
Karl Löwenstein.”

O Dr. Morris, um judeu, ficou olhando-a por longo tempo e, depois, desdobrou outra e a releu.

“Caro Dr. Albert Morris,

Eu recebi sua correspondência e fiquei triste em saber que mesmo por aí a lei do silêncio foi imposta sobre o assunto Livro de David. Creio que é inútil continuarmos tentando encontrar alguém disposto a financiar tal coisa. Então, proponho-lhe uma alternativa que a mim pareceu a mais sábia. Eu tinha uma segunda alternativa ao Livro de David, que seria a busca do túmulo de um muito conhecido faraó. Mas acho que estão me barrando, pois o diretor da Sociedade de Arqueologia Germânica, que havia me prometido fundos para iniciar a busca do túmulo desse faraó, negou-se a liberá-los com uma infinidade de rodeios e desculpas mal tramadas. Como eu entrei no *index* da lei do silêncio, aconselho-o a conseguir com seus amigos londrinos um vultuoso financiamento para a procura do tal túmulo e, assim, terá recursos de sobra para desviar parte do financiamento na procura do Livro de David. Caso algum deles se interesse, diga-lhe que será uma expedição cara e demorada, mas que valerá a pena, pois os tesouros contidos em seu interior compensarão todos os gastos.

Estou lhe enviando por meio de um portador que só eu conheço e que se identificará ao senhor como enviado meu com a senha que lhe será dita. Ela será assim: os faraós são imortais, pois assim quiseram os deuses. O senhor então responderá: ‘Então que vivam por toda a eternidade as memórias dos faraós e que descansem em paz os seus restos mortais’.

Ele lhe entregará tudo o que consegui reunir sobre o Livro de David e mais um objeto que trouxe comigo da minha última expedição ao Egito. Essa peça convencerá qualquer financista a investir uma vultuosa soma numa expedição que trará a glória e a fortuna a quem encontrar o túmulo do faraó.

Peço-lhe que mantenha sigilo absoluto de como conseguiu tal peça. O portador lhe falará mais a respeito dela e do local onde deverá iniciar suas escavações.

Para o senhor, será fácil escavar no Egito, pois é um protetorado britânico e não sofres dos entraves que nós, os germânicos, temos quando vamos pesquisar em solo hostil a nós.

Saudações de seu amigo

Karl Löwenstein.”

O Dr. Albert Morris ficou pensativo após terminar a leitura da carta. Recordou como foi a abordagem que lhe fizera o enviado do amigo Löwenstein. Ele, Albert, acabara de fazer uma palestra no anfiteatro do Museu Britânico de Arqueologia e recebia efusivos cumprimentos dos participantes dela, quando foi abordado por um educado senhor egípcio que lhe entregou um bilhete.

Quando ficou a sós, leu o que estava escrito no papel: “Encontre-me na quinta-feira, às 3 horas da tarde, no saguão do Museu de História Natural. K.L., L.D”.

Karl Löwenstein, Livro de David, presumiu ele. E na quinta-feira, na hora marcada, chegou ao saguão do museu. No mesmo instante chegava o senhor egípcio e, com um sinal discreto, convidou-o a segui-lo. Foram até a biblioteca, vazia àquela hora, e sentaram-se. Então o egípcio falou-lhe:

— Os faraós são imortais, pois assim quiseram os deuses.

Morris então deu a contrassenha:

— Então que vivam por toda a eternidade as memórias dos faraós e que descansem em paz os seus restos mortais!

— Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente, Dr. Albert Morris; sou Kalil, um dos contatos do Dr. Löwenstein no Cairo.

— É um prazer para mim conhecê-lo, Sr. Kalil. O que tens para mim?

— Muito a dizer-lhe e pouco a entregar-lhe. Aqui está uma chave. Procures no armário com o número correspondente no correio e encontrarás um volumoso embrulho com tudo o que tem o Dr. Löwenstein a oferecer-lhe. Está em nome de James MacCord, e não despertarás suspeitas de ninguém, pois estou sendo seguido desde que deixei Berlim.

— Por quê?

— Suspeitam de que o Dr. Karl esteja planejando uma expedição à procura do Livro de David e tudo farão para impedir tal iniciativa.

— Quem são eles?

— Membros de uma sociedade secreta judaica. São muito perigosos, Dr. Morris. Cuidado! Não queremos envolvê-lo com eles, senão correrá risco de morte.

— Era o senhor quem me enviava as correspondências do Dr. Karl através de Amsterdã?

— Sim. E o nome a quem o senhor as enviava é um que ele inventou para que pudessem manter em sigilo as correspondências trocadas. De agora em diante, não escrevas mais ao Dr. Löwenstein porque estão vigiando todos os seus passos.

— Está certo, Sr. Kalil. Mais alguma informação?

— Sim. Quando, e se fores ao Cairo, procures o antiquário Hussein no bairro iraquiano da cidade. Ele o auxiliará no que precisares para alcançar o local onde está o túmulo do faraó.

— E quanto ao Livro de David?

— Pouco podemos acrescentar além do que já lhe escreveu o Dr. Löwenstein. A única informação adicional é que o tal homem que presenciou a morte do informante que sabia o local do túmulo chama-se Kemps.

— Só isto?

— Sim. O resto encontrarás no pacote que está no armário nos correios em nome de James MacCord. Não se esqueça do nome. Adeus, Dr. Morris.

— Adeus, Sr. Kalil.

— Lembre-se também que não deves mais escrever ao Dr. Löwenstein!

— Não me esquecerei, Sr. Kalil.

O egípcio saiu por uma porta lateral da biblioteca que dava para outra ala do edifício, e Morris foi até uma estante e apanhou um grosso volume que abordava as doenças transmissíveis nos trópicos. Ficou a folheá-lo como se estivesse interessado no assunto e notou com o rabo do olho quando dois homens entraram na sala de leituras. Continuou absorto na leitura, mas sem perder de vista os dois homens. Retirou um bloco de folhas de papel do bolso do seu casaco e começou a fazer algumas anotações. Viu quando eles apanharam dois livros e vieram sentar-se bem próximos. Come-

çaram a folhear os livros e fazer anotações como se o assunto dos livros lhes interessassem. Não mais os olhou, pois toda vez que o fez percebeu que o vigiavam. Assim ficou até que um deles se aproximou e falou:

— Dr. Albert Morris?

— Sim!

— Desculpe-me interromper suas anotações, mas não resisti ao impulso de vir cumprimentá-lo por sua brilhante palestra de terça-feira à noite no Museu de Arqueologia. Os cumprimentos ao senhor foram tantos que acabamos indo embora sem podermos parabenizá-lo por seu brilhante conhecimento sobre o assunto abordado.

— Muito obrigado, senhor...

— Levi, Dr. Morris! Sou David Levi e trabalho com antiguidades. Tenho uma loja no centro da cidade.

— Já conheço sua loja, Sr. Levi. Estive há pouco tempo nela à procura de algumas peças egípcias, só que não me lembro de tê-lo visto nela.

— Às vezes viajo, Dr. Morris. Então meu irmão cuida dela na minha ausência. Encontrastes nela o que procuravas?

— Não.

— Posso ajudá-lo, caso me digas o que é do seu interesse. Eu mantenho relações com quase todos os antiquários europeus e até alguns do Oriente.

— Talvez, Sr. Levi. Procuo alguma peça que tenha pertencido à 17^a dinastia dos faraós egípcios.

— Alguma peça em especial?

— Não, não! Só algum indício que confirme uma pesquisa que venho fazendo há muitos meses.

— Posso ser seu confidente?

— Acho que não devo dividir meus achados assim, Sr. Levi. Prefiro guardá-los comigo. Mas, caso obtenhas alguma peça, avise-me que irei examiná-la.

Morris suspeitara dos dois e estava certo. Eles não estiveram na conferência, pois um dos seus hábitos quando dava uma, era ir olhando rosto por rosto os seus ouvintes. E, como bom fisionomis-

ta que era, não se esqueceria de dois rostos tipicamente semitas no meio de sisudos britânicos. Enquanto fazia suas anotações sobre doenças infecciosas, anotara em árabe uma mensagem e a guardara no bolso do colete. Caso fosse indagado do seu encontro com Kalil, tiraria seu ás da manga e livraria de qualquer suspeitas o Dr. Karl Löwenstein e o seu Livro de David. E não demorou muito para ser sutilmente indagado sobre Kalil. Depois de perceber que o Sr. Levi insistia no assunto da 17ª dinastia dos faraós, veio a pergunta esperada.

— O Sr. Kalil está lhe vendendo algo, Dr. Morris?

— Por que pergunta isso e como sabe do Sr. Kalil?

— Ele veio oferecer-me uma informação, mas pediu-me muito caro e a recusei. Como ele estava na sua palestra e entrou aqui também, presumo que estão em negociação sobre algo muito grande.

— Compreendo. Estás me achando um concorrente seu, Sr. Levi?

— Oh não, Dr. Morris. Apenas devo alertá-lo para não adiantar dinheiro algum a ele, pois é muito esperto aquele egípcio e certamente irá vender-lhe alguma informação falsa. Portanto, acautele-se para não perder dinheiro com ele.

— Já perdi, Sr. Levi. Acabei de comprar uma informação dele por duzentas libras esterlinas.

— Tantas assim?

— Não foi muito pela informação que obtive, Sr. Levi.

— Bem, não vou perguntar-lhe nada a respeito, pois nada me dirás, não é mesmo?

— Muito pelo contrário, Sr. Levi! — exclamou Morris. — O senhor disse que mantém contatos com muitos antiquários do Oriente Médio. Conheces um tal Hussein na cidade do Cairo?

— Sim, eu o conheço.

— O que podes me dizer a respeito dele?

— É um homem muito honesto nos negócios com antiguidade, e nunca ouvi nada desabonador sobre ele.

Morris retirou do bolso do colete o bilhete e o deu ao Sr. Levi, falando-lhe:

— Aqui está a minha informação, Sr. Levi. Talvez possas conseguir com Hussein algo que se relacione com a 17ª dinastia e fazê-lo chegar até minhas mãos.

Após dar uma olhada no bilhete, o Sr. Levi falou:

— Não sou versado no árabe, Dr. Morris. O que está escrito aí?

— Eu leio para o senhor.

“Procures o antiquário Hussein no bairro iraquiano da cidade do Cairo, que obterás muitas informações sobre a 17ª dinastia dos faraós egípcios. Caso lhe interesse, vou partir para o Cairo em dois dias e poderei obter mais informações para o senhor. Hoje não posso me demorar, pois estou sendo seguido e não quero comprometê-lo com meus negócios em Londres. Encontre-me amanhã, às 15 horas, aqui mesmo, que vou despistar meus perseguidores e então poderemos falar à vontade.”

— Por esta mensagem pagaste 200 libras, Dr. Morris? Isto não significa que ele possa ter o que procuras, e sim o senhor Hussein no Cairo.

— Eu ainda não lhe dei todo o dinheiro, Sr. Levi. Ou estás me julgando um idiota?

— Desculpe-me se dei esta impressão, mas eu havia entendido que já havia pago as 200 libras a ele, Dr. Morris.

Morris deu uma gargalhada discreta e falou:

— Eu conheço o modo dos árabes negociarem! Só lhe dei um pequeno sinal hoje. Caso as informações dele valham as 200 libras, não me furtarei a pagá-las, mas só se a informação que ele me der valê-las, Sr. Levi!

Eu já colhi muitas informações sobre a 17ª dinastia e não será uma informação falsa que irá me iludir.

— Vejo que me enganei a seu respeito, Dr. Morris. És mais esperto do que pensei, e disfarçou muito bem o seu encontro com ele fazendo anotações sobre doenças infecciosas nos trópicos.

— Mais uma vez se engana comigo, Sr. Levi! E Morris retirou do bolso interno do seu sobretudo um envelope com o timbre da Real Academia de Ciências e o estendeu ao Sr. Levi, dizendo:

— Abra-o!

O Sr. Levi pediu licença e abriu o envelope. Ao ler a folha com outro timbre, viu que era um convite ao Dr. Albert Morris para que falasse de seus estudos sobre doenças infecciosas nos trópicos, pois haviam ficado interessados num artigo publicado no *Times* que abordava tal assunto de sua autoria. Assim que devolveu o envelope, o Sr. Levi comentou:

— Mais um engano meu, não?

— Isto mesmo, Sr. Levi. Não sou só historiador e arqueólogo. Também pesquisei informações sobre as doenças tropicais. Desde que adoeci numa de minhas viagens à Colômbia, passei a fazer anotações a respeito delas e tenho uma vasta literatura a respeito, que logo será publicada. Se me vê consultando este livro, é porque quero fazer citações comparando o que observei, anotei e descobri com velhas informações já superadas pelas pesquisas mais acuradas que fiz.

— Vou procurar assistir a mais esta palestra sua, Dr. Morris.

— Espero que gostes de infectologia, Sr. Levi!

— Tudo o que falas me interessa, Dr. Morris! Vejo que estou diante de um cientista que só enobrece nosso povo. Peço-lhe desculpa por tê-lo subestimado durante nossa tão agradável conversa. Mais uma vez, parabéns pela sua última palestra. Até a vista.

— Ah, Sr. Levi, por favor, devolva-me o bilhete do Sr. Kalil.

— Oh, desculpe-me. Acho que nem percebi quando o apanhei e o coloquei no bolso.

— Eu notei, e digo-lhe mais: caso estejas pensando em passar-me à frente, estás enganado; eu tenho várias outras fontes de informações, e o Sr. Kalil é só uma delas.

— Estás enganado a meu respeito, Dr. Morris!

— Eu conheço o modo de agir dos antiquários, Sr. Levi. Com suas ganâncias desmesuradas nos dão o maior trabalho, porque ou nos tiram de uma pista quente ou somem com o que coletamos nos campos arqueológicos a troco de algumas libras em seus bolsos.

— Eu vou provar-lhe que os antiquários podem ser úteis aos arqueólogos quando estes lhes solicitam ajuda.

— Espero por isto, Sr. Levi!

— Terás notícias do Sr. Hussein na cidade do Cairo. E não lhe custarão nada.

— Ficarei a esperá-las então!

— Logo irei visitá-lo, Dr. Morris. Até a vista.

— Até lá, Sr. Levi.

Após se despedirem, eles foram devolver às estantes os livros usados como pretexto e saíram da sala de leituras. Morris continuou com suas anotações mais um pouco e logo voltou para sua casa. Assim que chegou, apanhou toda a correspondência que recebera de Karl Löwenstein e a guardou numa bolsa de couro. Depois a ocultou sob um piso falso e o cobriu com o tapete de pele de leopardo.

Se estava certo, o Sr. Levi o visitaria num momento em que não estaria em sua casa para descobrir algo a respeito do Livro de David.

Tudo o que possuía sobre a 17^a dinastia foi copiado e guardado numa outra pasta maior que, no dia seguinte, levou consigo à universidade onde lecionava história. Deixou-a aos cuidados de outro professor de sua total confiança. Saiu da aula e foi direto ao ponto de encontro anotado no falso bilhete.

Mas foi surpreendido com uma notícia na primeira página do *Times* que dizia que um cidadão de origem egípcia tinha sido assassinado na tarde do dia anterior, por volta das 14 horas, por dois homens que se evadiram rápido do local. Não havia nada que identificasse o homem ou sua origem.

— Kalil! — exclamou Morris — Levi conversava comigo enquanto outros dos seus asseclas o seguiam e o mataram. É melhor eu ir ao encontro, senão suspeitarão de mim!

E assim procedeu. Chegou ao local cinco minutos antes e ficou à espera do falecido Kalil. Meia hora depois, saiu furioso da sala de leituras numa cena bem estudada, pois havia diversas pessoas consultando os livros e ele sabia que entre elas havia alguma da confiança de Levi.

Morris sabia como agiam as organizações secretas e sabia que não mediam esforços para alcançar seus objetivos. Rumou direto para sua casa e, ainda assustado com os rumos que as coisas

tomavam, procurou estudar muito bem seus passos dali para frente. Nada faria até receber a visita do Sr. Levi. Só depois mandaria alguém apanhar em seu lugar o pacote que estava guardado nos correios. Começou a colocar certas coisas que indicariam se alguém entrou em sua casa.

Os dias foram passando e nada da visita do Sr. Levi. Mas mesmo assim continuou com os cuidados. Afinal, se haviam matado Kalil, não se deteriam antes de terem certeza de que ele nada lhe contara sobre o tal Livro de David.

Chegou o dia de sua palestra na Academia de Ciências e, na sua ausência da casa, ele o visitou. Mas o fez por intermédio de terceiros, pois estava presente quando Morris a iniciou e ficou até o final, ouvindo tudo com estudada atenção.

Quando ele a terminou, Levi fez questão de ir cumprimentá-lo. Assim que o fez, falou-lhe:

— Dr. Morris, tenho ótimas notícias de Hussein para o senhor.

— Quando poderei ouvi-las, Sr. Levi?

— Caso queira, pode me acompanhar até minha casa e lá não só serás informado como poderás atestar se algumas peças que recebi são autênticas.

— Tão rápido assim, Sr. Levi?

— Tenho ótimos contatos, Dr. Morris.

— Eu o acompanharei assim que me livrar dessas pessoas.

Um pouco mais tarde, já ao escurecer, Morris acompanhou Levi até sua casa.

Após sentar-se, ele lhe mostrou algumas peças antiquíssimas que logo comprovou ser ou ter todos os requisitos para pertencer à 17ª dinastia dos faraós.

— Posso levá-las comigo, Sr. Levi? Eu as devolverei assim que compará-las com as que possuo.

— Será uma honra, caso elas lhe sejam úteis.

— Como as conseguiu?

— Com o Sr. Hussein, na cidade do Cairo. Despachei um auxiliar naquele mesmo dia que conversamos, e agora já temos nas mãos objetos que o ajudarão em sua pesquisa.

— O que mais soubeste do Sr. Hussein?

— Que ele só aceitará falar com mais profundidade sobre a 17ª dinastia caso receba £5.000.

— Tudo isso? — assustou-se Morris. — Onde eu conseguiria uma fortuna assim? Este homem está louco!

— Este é o preço dele, Dr. Morris. Mas ele garante que tem informações seguras sobre o local onde está o túmulo desse faraó.

— A mesma coisa me disse o canalha do Kalil, que sumiu com minhas 50 libras em troca de um bilhete escrito em árabe. Eu não devia ter confiado uma libra sequer àquele charlatão.

Levi deu uma gargalhada e comentou:

— Não se irrite, Dr. Morris! Eu também fui vítima dele, mas não se tratava de tumba de faraós, e sim do túmulo de David.

Morris então falou com ironia:

— Então o safado era especializado em tumbas? Essa é boa, Sr. Levi! — e riu muito.

— Do que estás rindo?

— Túmulo de David? Acaso o senhor desconhece que os hebreus não adotaram o hábito egípcio de construir monumentos aos seus líderes maiores?

— Bem, ele contou-me uma história mirabolante e até cheguei a lhe dar créditos.

Ainda rindo, Morris comentou:

— Agora é minha vez de duvidar de sua inteligência, Sr. Levi! Como pode isto? O senhor, que se diz um antiquário com ligações com muitos outros, crer em algo tão estúpido assim!

— Não rias, Dr. Morris. Eu já venho pesquisando este assunto há vários anos.

Era um jogo de duas mentes privilegiadas, e Morris sabia que Levi sabia de sua ligação com Karl. Então lhe falou:

— No mínimo acreditaste no Dr. Löwenstein! E deu outra gargalhada.

— O senhor o conhece?

— Como não? Particpei como convidado de uma conferência dele em Stuttgart há cerca de uns dez anos. É um fracassado, pois todas as suas iniciativas redundaram em nada. É um homem

que vende seus sonhos a um preço muito alto, pois lorde Silverstone amargou um grande prejuízo ao comprar um deles.

— Acho que sabes mais sobre ele do que eu.

— Como o senhor com os antiquários, eu acompanho pelos jornais os avanços e as descobertas da arqueologia.

— Sabe algo sobre uma planejada expedição do Dr. Löwenstein ao Egito e que falhou à última hora a alguns meses atrás?

— Não!

— Pois ele pretendia ir pesquisar justamente um local onde estariam enterrados os faraós da 17ª dinastia!

— O quê?! Morris fez uma cara de espanto e contrariedade.

— Isto o choca, Dr. Morris?

— Como não? Eu escrevi, a alguns anos atrás, ao Dr. Löwenstein pedindo-lhe algumas informações sobre essa dinastia e a única pista que me forneceu foi Luxor como ponto de partida. Na época, desejei-me boa sorte na empreitada!

— Por que a surpresa?

— Ele ocultou de mim o seu projeto! Queres mais espanto que isto? Comumente nós informamos a outros arqueólogos sobre nossos projetos e uns auxiliam os outros com informações coletadas ao acaso, mas que podem ser de suma importância a quem está centralizando tudo o que lhe chega às mãos para posterior montagem do seu plano de trabalho de campo.

— Eu pensei que estivesse a par das últimas tentativas dele em voltar ao Egito.

— Não enviarei mais informação alguma a ele! De agora em diante, vou tornar mais discretas minhas especulações sobre a 17ª dinastia, ainda mais porque não consegui ninguém interessado em financiá-la.

— Com seu prestígio não lhe será difícil arranjar financiamento, Dr. Morris!

— Já conversei com algumas pessoas e a receptividade foi zero, Sr. Levi.

— Sabia que o Sr. Kalil trabalhava com o Dr. Löwenstein?

— Não!?

— Isso mesmo! Acho que depois de ver abortadas as chances do alemão, Kalil saiu à procura de alguém com mais chances de levar adiante uma expedição ao Egito.

— Mas, por que será que não voltou a encontrar-me? Será que alguém lhe pagou melhor pelas informações que poderia ter?

— Possivelmente, Dr. Morris.

— Quem será que está preparando alguma expedição ao Egito em tanto segredo?

— Eu também gostaria de saber, Dr. Morris!

— Bem, acho que não estou só nessa empreitada. Só preciso descobrir quem é que está preparando algo de tamanha envergadura em silêncio absoluto.

— Talvez eu possa ajudá-lo.

— Faça isto, Sr. Levi. Agora peço sua licença, pois vou retornar à minha casa.

— Queres que eu o auxilie com estas peças?

— Fico-lhe agradecido.

E Levi acompanhou Morris até sua residência. Assim que entraram, Morris acendeu a lamparina e colocou as peças sobre sua mesa de trabalho. Mas notou que algo estava errado.

— Isto não estava assim quando saí hoje de manhã!

Deu mais uma olhada e exclamou:

— Alguém andou mexendo nos meus papéis.

Correu rápido até uma estante e procurou a sua bolsa com os papéis com anotações sobre a 17ª dinastia.


— Kalil! — exclamou alto. Levi veio até ele e indagou:

— O que há com Kalil?

— O maldito só esperou uma oportunidade para vasculhar minha casa e roubar-me tudo o que eu havia coletado sobre a 17ª dinastia. Como fui estúpido!

— Acalme-se, Dr. Morris. Talvez não tenha sido o egípcio.

— Como não? Primeiro ele ficou sabendo do meu interesse sobre a 17ª dinastia. Depois fingiu vender-me informações, mas as passou a outro. Logo depois, fiquei sabendo pelo senhor que Löwenstein está preparando uma expedição ao Egito e agora me roubam tudo o que eu havia coletado sobre a 17ª dinastia. Isto é



um complô, Sr. Levi! Sou mais estúpido que imaginastes na biblioteca! Voltei ao ponto de partida sem nada mais para corroborar minhas pesquisas.

— De fato, faz sentido tudo o que dissestes.

— Faz sentido? — gritou Morris. — Fui roubado, Sr. Levi.

— Calma, Dr. Morris. — falou Levi. — Eu estou do seu lado, lembra-se?

— Desculpe-me, Sr. Levi! Estou nervoso e confuso ao mesmo tempo.

— A polícia certamente achará o autor deste crime.

— Não posso ir à polícia e tornar público tal roubo.

— Por que não?

— Talvez o meu adversário oculto em relação a tal empreendimento não saiba muito sobre a 17^a dinastia e ainda esteja coletando informações para conseguir algum financiamento. Se eu falar algo agora, certamente ele se recolherá e não ficarei sabendo quem é o miserável.

— Mas se denunciarees o roubo à polícia, talvez abortes os planos dele.

— Não creio, Sr. Levi! Acho melhor levarmos de volta estas peças à sua casa.

— Não, Dr. Morris! Continue com suas pesquisas e assim saberei com toda certeza se são verdadeiras ou falsas.

— Está certo, Sr. Levi. Mas as devolverei assim que examiná-las à luz do dia.

— Então está tudo bem, Dr. Morris! Eu ainda acredito nas suas chances de fazer a sua tão sonhada expedição ao Egito.

— Por que tanto interesse, Sr. Levi?

— Pode ser que eu lhe seja muito útil no momento da retirada das peças de altíssimo valor, caso encontres as tumbas dos faraós.

— Nunca deixarás de ser um mercador, não é, Sr. Levi?

— Vivo disso, Dr. Morris. E por isso vou ajudá-lo a coletar o que me for possível sobre a 17^a dinastia. Afinal, os faraós são imortais!

— E suas riquezas também, não, Sr. Levi?

— Isto mesmo. Vou auxiliá-lo com muita discrição e, caso o senhor encontre algo de grande valor, dividirás um pouco comigo.

— Talvez, Sr. Levi!

— Por que talvez?

— Estou no ponto zero do meu sonho. Acho que vou aceitar um convite da Real Academia de Ciências para fazer pesquisas na América do Sul.

— O que poderás encontrar num continente que é só florestas, Dr. Morris?

— Terei liberdade de ação, e assim o campo estara livre ao que me parecer mais interessante.

Morris, em suas recordações, ainda se lembrava da reação do Sr. Levi. Poucos dias depois, devolveu-lhe as peças raras com um atestado de autenticidade.

Por meio de um aluno, retirou o pacote do armário do correio e admirou-se com o que lhe enviara o Dr. Löwenstein. Havia um arquivo com todas as informações colhidas a respeito do túmulo de David e outro falando da 17^a dinastia, mapas e várias peças que atestou serem autênticas. Até as correspondências que havia trocado com ele lhe foram devolvidas. Após ler tudo e a tudo examinar, acondicionou num baú e o enterrou no jardim de sua residência. Em poucos dias, partiria para uma expedição à América do Sul e queria ter certeza de que encontraria tudo quando voltasse. Uma governanta iria cuidar de sua casa na sua ausência.

Já estava fazendo os últimos preparativos quando recebeu a visita do Sr. Levi. Este trazia um jornal do dia sob o braço.

— Como vai, Sr. Levi?

— Bem, e o senhor, Dr. Morris?

— Ótimo. Já me refiz e assimilei o golpe recebido. Parto hoje à tarde para a América do Sul, Sr. Levi.

— Trago-lhe boas notícias, que talvez o façam desistir desta viagem.

— São tão boas assim?

— Consegui reaver seus papéis, Dr. Morris!

— Como? — perguntou com ar atônito, como se não soubesse que havia sido o próprio Levi o autor intelectual da invasão de sua casa. — Onde estão, e como conseguistes?

— Em minha loja, Dr. Morris.

— Passarei lá para apanhá-los. Mas, como conseguistes reavê-los?

— Tenho meus contatos, e um deles os localizou na casa do Dr. Löwenstein.

— Não! — exclamou Morris, sentando-se na poltrona, como se estivesse arrasado.

— Custou-me 100 libras reavê-los, mas acho que foi um choque para ele perder estes papéis.

— Por quê?

Levi abriu o jornal e lhe mostrou a manchete do dia: o famoso arqueólogo Karl Löwenstein suicidou-se em sua residência em Berlim.

Morris leu a notícia com espanto verdadeiro desta vez. O jogo de Levi estava assustando-o de verdade. Quando devolveu o jornal, perguntou:

— O que sabes do suicídio dele, Sr. Levi?

— Estou tão admirado quanto o senhor. Os documentos foram recuperados há 15 dias, Dr. Morris. O homem que os subtraiu da casa do Dr. Karl nada tem a ver com sua morte, pois ainda está hospedado em minha casa.

— Sinto muito lhe dizer isto, mas não considero a morte dele uma boa notícia. Talvez o Sr. Kalil o tivesse enganado também e ele pensasse que os documentos houvessem sido obtidos de forma legal.

— É possível. Mas a boa notícia é que, com seus documentos, eu consegui convencer alguém a adiantar as 5 mil libras para obtermos as informações com o Sr. Hussein na cidade do Cairo.

— Usastes os meus documentos pessoais, Sr. Levi?

— Desculpe-me ter feito tal coisa sem consultá-lo, mas era preciso. Eu li ontem sobre sua partida para esta tarde e tive que agir com rapidez, se quisesse impedi-lo de zarpar.

— Eu não vou interromper agora minha viagem à América do Sul, Sr. Levi!

— E seu sonho, Dr. Morris?

— O que é um sonho comparado à desonra de cancelar à última hora uma viagem acertada com o conselho da universidade. Seria minha ruína moral como historiador e arqueólogo com uma cátedra sob minha responsabilidade. Sinto muito, mas perdeu seu tempo. Antes de zarpar, passarei por sua loja para apanhar meus papéis.

— Talvez se souberes que junto com seus papéis vieram alguns que dão certas informações sobre o túmulo de David, muda de ideia.

— Ainda alimentas ilusões sobre um sonhador como Karl Löwenstein?

— Por que não? Seria o maior achado da história da arqueologia.

— Não se iludas, Sr. Levi. Eu conheço muito da história e do costume dos antigos hebreus e um deles era o de não dar de volta à terra nada além do corpo dos seus defuntos. Chegavam mesmo a enterrá-los seminus só para não perderem suas vestes.

E, creia-me, o rei David não levaria para seu túmulo sua fortuna, caso a possuísse de verdade.

— Mas Löwenstein cita rolos de papiro com informações sobre o tempo de David.

— Esqueça isto, Sr. Levi! Os sábios daquele tempo não iriam seguir o costume dos egípcios ao sepultar seus reis. Eles abominavam tudo o que faziam os sacerdotes dos faraós. E o senhor, como bom judeu, sabe disso tão bem quanto eu que sou um péssimo judeu, mas bom historiador e arqueólogo.

— Concordo, mas deve haver alguma verdade nas informações colhidas por ele.

— Era um crente convicto, isto sim! O tal Kalil deve ter lhe vendido tal informação falsa, com toda certeza. Morris ainda se lembrava da expressão de ódio que fizera ao dizer essas palavras.

Mais tarde, passou na loja de Levi e apanhou seus papéis. Deu uma lida rápida nos que abordavam o túmulo de David. Reconheceu não ser aquela a letra do Dr. Löwenstein, mas nada deixou transparecer. Então os devolveu a Levi.

— Não quer examiná-los com mais calma, Dr. Morris?

— Já vi o que tinha o Dr. Karl. Isto comprova tudo o que eu imaginava. O rei David jamais iria ser sepultado no Sinai, Sr. Levi! Como podes acreditar numa fantasia como esta?

— Leve-os consigo e torne a examiná-los com mais atenção e talvez descubra detalhes que a mim escapam.

— Só perco o meu tempo com informações que tenham um fundo de verdade, e isto que tens são suposições e nada mais. Se tens um financiador, então vá procurar o túmulo do rei David, Sr. Levi.

— Não sou arqueólogo, Dr. Morris!

— Mas encontrarás muitos que darão crédito a uma ilusão como esta, só para poderem viajar a custa de alguém que tem muito dinheiro. Eu sou muito meticoloso no que faço. E só faço aquilo que acredito ter uma boa razão de ser explorado. Até a vista, Sr. Levi.

— Até a vista, Dr. Morris. Caso mude de ideia, procure-me, pois os faraós são eternos!

— Suas riquezas também, Sr. Levi! Se não fosse por elas, nós, os arqueólogos, seríamos uma classe sem prestígio algum. Até a vista.

— Até, Dr. Morris.

E Morris passou oito meses na América do Sul colhendo informações e muitas amostras que enviava regularmente à universidade onde tinha a sua cátedra de história.

Já ia entrar no nono mês, quando recebeu a visita do Sr. Levi. Vinha com mais informações e uma oferta irrecusável.

— Não desiste mesmo, Sr. Levi! Estou muito ocupado em minhas pesquisas e não tenho a menor intenção de interrompê-las agora.

— Mas, Dr. Morris! O nosso financiador pagou ao Sr. Hussein o seu preço, e tenho muitas informações sobre o local onde certamente encontrarás túmulos de faraós da 17^a dinastia.

— Estás muito afoito para pôr suas mãos nas riquezas deles, não?

— Isto eu deixarei aos seus cuidados, Dr. Morris. Eu não poderei acompanhá-lo, mas tenho certeza de que guardarás alguma coisa do que encontrares só para presentear seu auxiliar dedicado que está fazendo tudo que pode para realizar o seu sonho e fazê-lo entrar para a história em grande estilo.

— Um mecenas às custas alheias!

— Mais ou menos, Dr. Morris. Posso voltar e dizer ao nosso financiador que aceitastes a oferta de 5 mil libras para chefiar uma expedição a Luxor?

— Cinco mil libras? Isto é mais do que ganharei em toda a minha vida lecionando.

— Isto é só uma parte, Dr. Morris! Dependendo do que guardares para mim no final de suas descobertas, talvez possas triplicar esta quantia.

— Triplicar?

— Isto mesmo! O que digo ao nosso generoso financiador?

— Vou pensar, Sr. Levi.

— Então direi a ele que aceitastes.

— Não se precipites, pois eu ainda não disse sim.

— Não temos pressa, Dr. Morris, pois os faraós são eternos.

Morris, nada respondeu, pois estava pensando na imensa quantia oferecida e no porquê de tanta insistência de Levi em tê-lo no comando da expedição exploratória, se outros arqueólogos tão bons quanto ele havia em Londres.

Certamente ainda não desistira de fazê-lo revelar o que sabia sobre o túmulo de David. Então falou para Levi:

— Caso eu aceite, quero liberdade de ação nas minhas escavações, Sr. Levi!

— Nosso financiador já conhece seu gênio, Dr. Morris. Ele se contentará em ter parte nas suas descobertas que o ressarcem dos gastos e lhe aumentem um pouco mais sua já imensa fortuna. Dinheiro não será problema para sua expedição, isto eu posso garantir.

— Preciso de mais um mês aqui e dois em Londres para completar meu trabalho.

— Está certo, Dr. Morris! Aguardo-o na primavera em Londres. Fique com esta pasta contendo tudo o que consegui recolher de informações até agora.

— Não, Sr. Levi. Leve-a consigo, porque não quero correr o risco de vê-los desaparecer mais uma vez.

— Como quiser, Dr. Morris.

No dia seguinte, Levi partiu, e Morris já tinha certeza de que Kalil falara algo que o colocara nas suspeitas dele. Não adiantava ocultar-se na América do Sul, porque seria encontrado, caso se negasse a ir ao Egito. E certamente seria assassinado. Teria que agir com cautela.

O que Morris não ficou sabendo é que, assim que Levi chegou a Londres, alguns senhores muito discretos se reuniram com ele na mansão do Barão R. e trocaram o seguinte diálogo:

— Ele aceitou a oferta, senhores! — falou Levi.

— Ótimo, Levi. Agora tudo dependerá do que Kalil e Löwenstein passaram para ele.

— Eu já tentei fazê-lo trair-se de todas as formas imagináveis, e ele não caiu em contradição. Às vezes me pergunto se não é possível que ele realmente nada saiba.

— Fica pronto para partir antes dele, Levi. Estarás bem preparado para quando ele chegar ao Egito. A partir daí não o percas de vista um minuto sequer. Nós temos certeza de que ele tentará encontrar o túmulo do rei David. Seja cauteloso, porque não estás tratando com um tolo. O Dr. Morris tem um cérebro privilegiado e é mais astuto do que imaginas. Acreditamos mesmo que ele saiba que você está por trás da morte de Karl Löwenstein e do desaparecimento de seus papéis.

— Não creio.

— Você foi muito tolo ao apresentar-se na biblioteca logo após ele ter se encontrado com Kalil. Se não tivesse se precipitado e matado Kalil, hoje talvez nós já tivéssemos recuperado o que existe no túmulo do rei David.

— Diga-me, rabino: acreditas mesmo que exista o túmulo de David?

— Sim.

— Mas...

— Nós temos indícios de que o homem que contactou o Dr. Karl Löwenstein o tenha encontrado ao acaso e quis tirar proveito vendendo-lhe o segredo de sua localização.

— Vou precisar de uma boa quantia em libras para montar meu esquema de vigilância no Egito.

Outro homem na sala falou:

— Ó Barão R. lhe fornecerá a quantia necessária.

Este reagiu áspero.

— Deste jeito irei à falência!

— Serão só alguns milhares de libras, Barão! — falou Levi — Sua fortuna é grande.

— Mas isso, sem contarem com o que já gastei com o tal Hussein e o que gastarei com esta expedição. Irão me arruinar deste jeito!

— Preferes outro tipo de ruína, Barão R.? — falou o rabino chefe — Talvez prefiras que venha à tona seus gostos extravagantes.

— Não, isto não! Eu só espero ter alguma compensação no final de tudo isso!

— Terás, Barão! — falou Levi — O que o Dr. Morris encontrar em Luxor será seu, mas a nós interessa o que ele encontrar no Sinai. Só isto!

Os homens ainda trocaram informações coletadas sobre o túmulo da David. Se havia alguém capaz de encontrá-lo, certamente esse homem era o Dr. Morris.

Isto Morris não sabia, mas algo o deixara intrigado em sua partida.

Alguns dias antes de partir, foi até o porto e viu Levi.

Seguiu-o a distância e viu quando ele embarcou num navio cargueiro. Ocultou-se até que o navio levantasse âncoras e zarpassse. Então se informou e ficou sabendo que aquele navio dirigia-se com uma carga diretamente ao Egito e transportava mercadorias do Barão R.

Levi havia lhe dito que não estaria presente no dia de sua partida por causa de uma viagem que faria até Berlim. Isto era um mistério para Morris. Levi certamente não era o dono da loja de antiguidades, pois disso já havia se informado. Também não trabalhava para o Barão R. e também não havia nascido na Inglaterra. Quem seria Levi, na verdade?

Que estava por traz das mortes de Kalil e do Dr. Karl não havia dúvidas. Com toda a certeza ele ia na frente e daria um jeito de colocar espiões para vigiar todos os seus passos assim que pisasse no solo egípcio.

Morris suspeitava até que houvesse homens vigiando-o no navio. Seria melhor alterar seus planos com o Sr. Kemps.

Foi pensando nisso que esperou escurecer bem e foi até a cabine do Sr. Kemps. Depois de uma longa conversa, decidira como procederia dali em diante.

Kemps desembarcaria na parada seguinte e levaria consigo todos os papéis que falavam do túmulo e do Livro do rei David. Tomaria outro navio e se apresentaria ao Dr. Morris como candidato a uma vaga nas suas escavações; assim os informantes não desconfiariam de nada e não levantaria suspeitas sobre Levi.

Morris saiu e logo voltou com uma pasta com todos os papéis e cartas suas e de Löwenstein. Entregou-as com uma recomendação:

— Não mexas no conteúdo dessa pasta, Sr. Kemps. Quero que a guarde consigo até nos encontrarmos em total segurança.

— Posso saber o motivo, Dr. Morris?

— Não. Isto é um assunto particular e só lhe revelarei algo quando for necessário.

— Está certo.

— Aqui tens o dinheiro necessário para que embarquem em outro navio e se hospedem com certa dignidade na cidade do Cairo.

— Obrigado, Dr. Morris. Serei discreto ao me aproximar do senhor no Cairo.

— Boa noite, Sr. Kemps. Não nos falaremos mais aqui neste navio.

— Boa noite, Dr. Morris.

Quando Morris ia sair da cabine, deu de encontro com Shirley que retornava do convés. Cumprimentou-a rápido e voltou em silêncio para a sua.

Ela entrou e perguntou:

— Já estão bem íntimos, não?

— Desembarcaremos amanhã, Shirley. Vamos nos separar do Dr. Morris.

— Por quê?

— Já consegui a confiança dele e só voltaremos a vê-lo no Cairo ou em Luxor.

— Então já sou dispensável!

— Ainda não.

— Por que não? Nosso trato era eu servir de isca ao capitão e já não precisas mais dos meus encantos, pois vejo que até coisas pessoais ele já lhe confia.

Kemps (Silverstone) nada respondeu, pois estava vendo os papéis do Dr. Morris, e o que via deixou-o espantado. Não cumprira a promessa de não violar a pasta.

— O que o atrai tanto, “vovô”?

— Cale-se! Isto é muito maior que eu imaginava.

— Bem, divirta-se com suas descobertas. Eu vou à cabine do capitão!

— Por quê?

— Ele irá me contar como foi que Jerome Kempas desapareceu.

— Volte logo, Shirley.

— Incomoda-lhe onde eu passe a noite, vovô?

— Não fiques muito tempo com aquele homem, pois eu vi como ele a olha.

— Desde quando o que uma prostituta fará interessa-lhe?

— Aqui você não é uma prostituta, Shirley. É minha neta; procure agir com dignidade que o nome que usa lhe confere.

Shirley nada falou. Saiu batendo a porta da cabine e dirigiu-se à do capitão David. Assim que bateu, ele a abriu e a tomou nos braços dando-lhe um longo beijo. Quando se soltaram, ela falou:

— Vá mais devagar, David! Não estou acostumada a ser tratada assim.

— Perdoe-me, Shirley, mas eu estava louco para tomá-la nos braços novamente e beijá-la. Desde nosso último encontro, minha paixão aumentou muito.

— A minha também, David. Mas eu sei como controlá-la.

— Eu já não posso dizer o mesmo. Dê-me mais um beijo, minha querida Shirley!

Tornaram a beijar-se longamente. Depois, ela pediu-lhe:

— Conte-me como foi que conheceu meu pai e como foi a morte dele, David.

— Antes vamos tomar uma bebida.

David serviu-lhe uma taça de vinho enquanto se serviu de uma dose de uísque. Então começou a falar:

— Eu, na época, tinha 12 anos de idade e embarquei com meu pai no navio do capitão Kemps. Com o passar dos dias, acabei íntimo dele. Quando estávamos na costa sul do Brasil, fomos atacados por dois navios piratas, e boa parte da tripulação foi morta. Os restantes foram feitos prisioneiros e a valiosa carga foi transportada para os navios dos piratas. Depois nos prenderam no porão do nosso navio e o deixaram à deriva. Quando estavam a certa distância, ouvimos disparos de canhões e fomos atingidos. Por sorte, uma bala arreventou o tampão de ferro que nos trancava nos porões. E assim conseguimos subir para o convés antes do naufrágio do navio. O capitão Kemps arrastou-me até a sua cabine e apanhou uma bolsa de couro com seus documentos pessoais e seu diário de bordo. Quando voltamos ao convés, o navio já adernava. Então ele me puxou pelo braço e mergulhamos no mar. Foram momentos de muito medo, mas conseguimos escapar do naufrágio. Nadando a favor da corrente, fomos parar na costa uruguaia agarrados a um pranchão do casco do seu navio. A praia onde escapamos da morte era totalmente deserta. Ficamos vários dias ali.

O alimento era escasso e comíamos o que encontrávamos em alguma árvore frutífera próxima da praia ou os peixes que conseguíamos fisgar com varas pontiagudas.

Depois de uma semana ali, o capitão decidiu partir rumo ao interior do continente. Viajamos muitos dias sem chegarmos a lugar algum. Foi nesse meio-tempo que ele adoeceu e veio a falecer.

Mas antes confiou-me sua bolsa e pediu-me que, se eu sobrevivesse, procuraria sua esposa em Londres e lhe entregaria o conteúdo dela.

Infelizmente só voltei a Londres oito anos depois e já não havia mais uma Dolores Vilvas Kemps. Só uma velha moradora da

casa ao lado lembrou-se dela e me disse que havia morrido mais ou menos um ano depois do desaparecimento do capitão Kemps.

Indaguei da sua filha, e ninguém soube me informar nada.

Então fiquei muito triste, pois ele realmente amava sua esposa e a filha ainda pequenina. Nos seus momentos finais, delirava muito devido à febre muito alta e as chamava a todo instante. Vendo lágrimas nos olhos da jovem, falou-lhe:

— É isto, Shirley! Vamos, não chores assim, pois nada mais o trará de volta e só irás aumentar seu sofrimento por não poder tê-lo conhecido.

— Não consigo conter minhas lágrimas, David. Como sinto não ter conhecido ele.

— Eu ainda guardo a bolsa com os documentos do capitão Kemps. Vou apanhá-la para você.

David foi até um baú, retirou uma velha bolsa e a entregou a Shirley.

Ela a abriu e retirou outra bolsa menor.

Dentro dela estava o diário. Ao folheá-lo, viu muitas folhas manchadas. David falou-lhe:

— Ele segurou a bolsa o tempo todo acima da água, mas não pôde evitar que um pouco dela entrasse no seu interior. É por isto que algumas páginas estão borradas. Eu já o li e reli muitas vezes, por que ele a chamava de minha manchinha negra quando se referia a você?

— Talvez seja pelo pedaço de pele escura que tenho numa parte do meu corpo.

— Onde fica esta mancha?

— Shirley corou com sua pergunta indiscreta.

— Oh, David, isto é muito pessoal!

— Ora, Shirley! Vamos, diga-me logo.

Ela não falou, mas apontou para sua nádega esquerda. Então ele falou:

— Não há mais dúvidas. Você é mesmo a filha do capitão Kemps. Enquanto navegávamos, ele falava da filhinha com uma mancha escura em sua nadegazinha delicada e pequenina. Ele dizia que essa mancha a tornava diferente de todas as outras meninas e muito especial.

— Bem... — começou a falar Shirley. Mas foi interrompida por ele.

— Quero ver como é esta mancha, meu amor! Sempre a tinha como uma menininha com uma mancha a marcá-la, mas assim que soube quem era Shirley Kemps, comecei a ver a mais linda mulher e com algo tão especial num lugar de seu corpo que eu muito gostaria de ver.

— David!!!

— É isto mesmo, Shirley! Case-se comigo e singrarás por todos os sete mares na mais venturosa alegria.

David a envolvera nos braços enquanto falava estas coisas no ouvido de Shirley. Ela conteve seu arrebatamento, mas também sentia vontade de se entregar a ele. Era a primeira vez que sentia seu coração bater devido às emoções que ele lhe causava. Mas não podia se deixar trair, senão se revelaria uma grande conhecedora do sexo.

E o que mais desejava era ser amada com intensidade. Ele a apertou ainda mais e falou-lhe:

— Não sabes como é difícil viver solitário no interior de um navio. São dias, meses e anos de solidão. Amanhã faremos nossa última parada antes de chegarmos ao Egito. Case-se comigo antes de levantarmos âncora amanhã, minha amada!

— David, você nem me conhece e já quer se casar comigo!

— Que importa isso? Agora eu a tenho, pois já a conhecia desde que ainda era uma bebezinha. Só estou prendendo em meus braços alguém que sempre sonhei encontrar.

— Mas... posso não ser a virgem dos seus sonhos!

— Nos meus sonhos não há lugar para uma virgem, e sim para a mais bela e ardente das mulheres. E você é ela!

— Mas...

— Assim que aportarmos iremos até a capitania e nos casaremos, Shirley. Eu não preciso saber mais nada a seu respeito do que já sei. E eu sei que a amo muito!

— Também o amo, mas penso que seria melhor lhe contar um pouco da minha vida. Talvez depois disso deixe de me amar com tanto ardor.

— Eu nada quero saber sobre seu passado, Shirley Kemps! Você, para mim, nasceu assim que embarcou neste navio e só o deixará ao meu lado e para nos casarmos. Esta noite não sairá dessa cabine.

— David, tenho de voltar, senão meu avô ficará furioso comigo.

— Será a última vez que ouvirás algo dele, pois eu prometo-lhe que o porei para fora dessa embarcação assim que estivermos casados.

Ele a beijou com ardor, e, só ao amanhecer, Shirley voltou para sua cabine. Quando entrou, Silverstone estava acordado.

— Ainda não dormiu, vovô?

— Como poderia, se só agora voltas à sua cabine?

— Isto o incomoda, tio?

— Tio? Que conversa é esta?

— Foi o que ouviu, tio que nem se preocupou comigo quando meu pai morreu a seu serviço.

— Você está louca, Shirley?

— Não estou não, meio-tio! Que ironia do destino, não? Sua sobrinha é uma prostituta e é com ela que costuma se divertir.

— Estás assumindo muito rapidamente e com muita convicção o seu papel de Shirley Kemps.

— Saiba que este é o nome que eu tinha no orfanato, tio. Eu sempre fui Shirley Kemps, e isto é fácil provar, pois ainda possuo meu nome registrado no livro de entrada de órfãos daquele orfanato onde o maldito Barão R. mandou que me raptassem. Eu era só Shirley lá na casa de prazeres, mas se eu fiquei espantada quando me entregou o documento em que meu próprio nome estava escrito, também fiquei feliz, pois sabia que iria descobrir algo sobre minha família e meu passado, lorde Silverstone!

Agora já sei de tudo e pela sua própria boca. O que me faltava, o capitão David tem em sua cabine.

— Você está brincando comigo, Shirley!

— Não estou não, meio-tio! Ele ainda guarda os papéis, documentos e o diário de meu pai, o capitão Jerome Kemps.

— Impossível!!!

— Não, tio. Impossível foi eu acreditar quando o capitão David me falou que descobriu que os piratas afundaram o navio de meu pai porque descobriram que nos caixotes não havia nem armas nem munição. Todos estavam cheios de pedras, meio-tio! O senhor enviou meu pai com uma carga falsa e deixou que piratas soubessem de sua rota e destino final. Com isto, condenou-o à morte. O senhor o matou, meio-tio! Maldito miserável!

— Cale-se, Shirley! Não lhe dou o direito de falar assim comigo.

— Falo como bem quiser, seu assassino frio! Vou denunciá-lo assim que o navio atracar logo mais e garanto que irás pagar caro pelo que fez ao meu pai, minha mãe e comigo.

— Você, uma prostituta, uniu-se a este canalha só para conseguir alguma coisa de mim. O que querem?

— Ele não quer nada, pois vai se casar comigo. Mas eu quero vê-lo ser decapitado na torre de Londres. És um assassino, e esta é a única recompensa que me satisfará, meio-tio maldito.

— Isto tudo é invenção sua.

Shirley levantou sua saia e mostrou a mancha escura na nádega esquerda em forma de uma folha de pessegueiro e falou:

— Esta mancha já conheces muito bem, não?

— Sim. E a acho muito linda sobre sua pele alva.

— Pois ela está bem descrita no diário de bordo do capitão Jerome Kemps, meu pai, lorde Silverstone!

E não está só em uma página. Ele a descreve desde que anotou o dia em que nasci e em todas as viagens longas quando sentia saudades de mim e minha mãe. Finalmente, Deus fez Sua justiça prevalecer contra um canalha na Terra. Qualquer corte inglesa atestará que aquele é o diário de bordo do capitão Jerome Kemps. Mas tem também documentos que provam que ele era seu irmão por parte de pai. Isto me torna uma herdeira legítima da fortuna de seu pai e meu avô.

— Não é possível!

— É sim, meio-tio! Logo mais a capitania do porto registrará tudo e quero ver como farás numa prisão não inglesa. Lá, não poderás usar suas influências e sua fortuna.

— Posso dar uma olhada nesses documentos?

— Como não? Acompanhe-me, lorde Silverstone.

— Não digas ao capitão que sou lorde Silverstone.

— Estás com medo do Barão R. descobrir que seu velho inimigo viajou a bordo do navio fretado por ele só para espionar sua expedição?

— Cale-se, pois estás me deixando furioso.

— Vamos, tio, agrida-me agora se tiveres coragem!

— Quero ver o diário do capitão Kemps e seus documentos.

— Pois não!

Shirley levou-o até a cabine do capitão David e logo foram recebidos. Ela pediu a ele a bolsa e retirou o diário. Então falou:

— Olhe as páginas que dobrei, vovô! Este é o diário de papai, como poderás atestar.

Após olhá-lo e ler as páginas dobradas, ele o devolveu e pediu para ver outros documentos, Shirley sorria ao lhe entregar um que atestava que Jerome Kemps possuía 3 mil (libras) depositadas na casa bancária de Silverstone. Só lhe mostrou mais um em que trazia a assinatura do pai dele, onde atestava que Jerome Kemps era seu filho legítimo e tinha direito à metade de sua herança. Era um testamento.

Silverstone empalideceu ao confirmar a assinatura de seu pai.

— Shirley, você então é a herdeira legítima da herança de Lord Henry Silverstone! — falou o capitão David. — Ainda bem que conservei todos os documentos de seu pai. Algo me dizia para nunca me desfazer deles. O filho legítimo de Lord Silverstone o enviou à morte certa.

Então ela falou:

— Satisfeito agora, vovô?

Ele gaguejou antes de dizer algo. Por fim, falou:

— Vamos voltar à nossa cabine. Preciso falar-lhe a sós.

Ela o acompanhou e ficou olhando-o séria.

— O que você quer para devolver-me estes documentos?

— Primeiro quero vê-lo ser castigado e depois retomar o que sempre me pertenceu. O capitão não lhe contou, mas também possui uma confissão assinada pelo líder dos piratas, um tal de capitão

Gerald Cornfield, que nela o acusa de lhe ter pagado mil libras para que matasse o capitão Kemps. E sabe por que ele o denunciou? Não havia nada de valor nas caixas que o navio de meu pai transportava. Ele ficou furioso e concordou em fazer a confissão na presença do capitão David e outro capitão que não vou contar-lhe quem é.

— Não podes fazer isto comigo!

— Posso e vou! É a hora de minha vingança, meio-tio. O próximo será o Barão R. Logo será a vez da ovelhazinha sacrificar o seu maldito pastor. Eu sempre soube que um dia Deus ouviria minhas preces e os culpados por minha dor pagariam caro, mas muito caro mesmo!

— Não me denuncies e lhe darei metade do que possuo.

— Mas isto já é meu, tio! Metade sempre foi minha. Agora eu quero é ver a justiça castigá-lo.

— Meu Deus! Você está louca!

— Isto, só o senhor sabe que logo estará, pois eu espero que não enlouqueça antes de pagar o que me deve.

— Shirley, case-se comigo e herdará tudo o que possuo. Eu a amo.

— Que é isto, tio? O senhor me ama?

— Mas é a verdade! Eu a procurei todos esses anos e vi nesta viagem a oportunidade de mudar sua identidade e seu modo de vida para então me casar com você. Será que ainda não percebeu que a amo desde que a encontrei naquela casa de prazeres?

— Estás dizendo isto só para ganhar tempo, lorde Silverstone.

— Não!

— Mas é claro que sim, porque só agora falas isto para mim?

— Antes eu precisava conhecê-la melhor, ver como reagiria quando insultada, e tudo mais que formam o modo de ser de uma mulher.

— Pois eu digo que estás se mostrando melhor ator que eu, caro e falso tio!

— Mas é a verdade, Shirley! Case-se comigo e terá a metade de tudo sem precisar se envolver em nenhuma batalha judicial. Além do mais, não se entra no fechado círculo da nobreza inglesa pela via judicial.

— Isso eu já sei, meio-tio. Mas esqueceste que sou sua sobrinha? Como irmão acolher-me se souberem que me casei com meu próprio tio?

— Você continua sendo Shirley Kemps, e ninguém além de nós dois saberá de nosso parentesco.

Após pensar um pouco, ele continuou:

— Pense um pouco, Shirley querida! Será chamada de lady Shirley Kemps Silverstone por toda a Londres e possuirá uma das maiores fortunas do império!

Shirley não havia pensado nisso, mas até que era uma boa ideia, pois teria toda chance de apossar-se de sua fortuna sem se expor à crítica de ter revelada a sua vida passada num prostíbulo.

Então ela falou:

— Assim que o navio atracar iremos ao Consulado Britânico e, na presença do seu conselheiro, nos casaremos. Mas assinarás também uma declaração anexa em que me torna dona de metade dos seus bens. De acordo?

— Total, minha querida. Mas manteremos nossa união em segredo.

— Isto não, meio-tio! O senhor mandará publicar nas primeiras páginas dos jornais a notícia de nossa união e dirá que preferiu fazê-lo a distância para não ter de se expor às críticas de sua união com uma jovem, 32 anos mais nova. Além disso, imaginará uma boa biografia para mim enquanto vou falar com o capitão David.

— Traga os documentos quando voltares, Shirley.

— Só os terás depois de estarmos legalmente casados, tio-marido.

— Vejo que não confias em mim.

— Nem um pouco, tio. Vou antes querer ver o casamento consumado para então lhe entregar os documentos.

— Estou em suas mãos, não?

— Exatamente!

— Está certo! Faça como achar melhor, Shirley Kemps, minha sobrinha-esposa.

Assim que ela saiu, Silverstone ficou a imaginar nos acontecimentos que já haviam lhe sucedido naquela viagem absurda.

Inventara uma história absurda e agora o Dr. Morris lhe confiava suas pesquisas de anos e anos sobre um tal túmulo de David. Desenterrara o fantasma de Jerome Kemps como disfarce, e a prostituta que contratara com um fim específico não só era a filha dele como possuía papéis que o enviariam à forca como assassino e traidor da Coroa. No mínimo até seu filho iria para a prisão, e o nome da sua família iria parar na lama e nos anais dos traidores da Coroa. Como tudo acontecera de forma tão inexplicável, então se lembrou das últimas palavras de seu pai: “Se não cumprires o que estou lhe ordenando, volto do inferno só para atormentá-lo. Cuides de fazer chegar até Jerome a parte dele na herança que fiz constar no testamento ou se arrependerás!”.

— Meu pai! É isso! O maldito voltou do inferno só para me atormentar. Mas e quanto a esses papéis do Dr. Morris? Qual o desígnio que os conduziu às minhas mãos? Será que o maldito Löwenstein também voltou do inferno, tão pouco tempo depois de morrer?

Preciso me acautelar por enquanto. Só mais tarde cuidarei dela, pois agora tenho de envolvê-la junto aos meus interesses mais imediatos. Vou fazer-lhe uma ótima biografia. Isto a iludirá até que eu encontre uma forma de eliminá-la, como fiz com seu pai.

E Silverstone preparou rapidamente uma ótima biografia de Shirley Kemps, que seria enviada aos jornais londrinos e posteriormente ao resto do mundo. Só bem mais tarde ela voltou com um sorriso nos lábios. Ele levantou-se do seu lugar, e ainda abatido pela noite não dormida, entregou-lhe a biografia.

— Leia-a, minha querida!

— Prefiro ler os jornais com ela estampada na primeira página, tio! Amanhã mesmo os jornais de Chipre deverão trazê-la como furo jornalístico.

— Assim será, Shirley!

Por volta das 11 horas, o navio ancorou e ambos desembarcaram rápido. O capitão avisou-lhes que só zarpariam no dia seguinte ao amanhecer.

Lorde Silverstone rumou para um hotel, fez a barba e banhou-se. A seguir, vestiu-se com as roupas de hábito e, com

Shirley, rumou para o Consulado Britânico. Após conversarem longamente com o cônsul, seu velho conhecido, este ficou responsável pela divulgação da notícia à imprensa local e para que chegasse o mais breve possível a Londres. Foi uma tarde muito agitada para eles, pois o trato com Shirley exigia que o casamento se consumasse naquele mesmo dia.

À noite, a cerimônia se consumou com uma recepção no Consulado Britânico às autoridades locais e inglesas presentes na ilha de Chipre. Vários ingleses de famílias nobres que a visitavam foram convidados. Shirley estava radiante na noite de seu casamento. Só tarde da noite retornaram ao hotel. Então Silverstone falou:

— Satisfeita, Lady Shirley Kemps Silverstone! O mensageiro já partiu com a notícia a Londres, e logo todos saberão que és a minha escolhida e tens parte em tudo o que possuo.

— Por enquanto, meu querido tio-marido! Mas antes de ficar totalmente feliz, quero fazer valer o que foi assinado na presença do cônsul e com o testemunho dele e do conselheiro.

— Poderás ir com este documento até Londres e tomar posse do que me pertence, pois legalmente és minha esposa e casada com comunhão total de bens. Você é a mulher mais cara que já possuí, Shirley!

— Engano seu, tio! Só estou assumindo o que por direito sempre foi meu. Digamos que eu estou lhe dando o direito de continuar vivendo às custas do meu silêncio. Não acha que está pagando um preço muito baixo por sua vida?

— Como assim?

— Eu deveria não só receber a minha parte, como ser compensada por ter sofrido muito pela sua traição ao meu pai.

— Estás ficando muito ambiciosa, querida Shirley!

— Aprendi com o senhor, tio!

— Bem, deixemos isto para lá, pois agora somos marido e mulher e não ficará bem para nós começarmos a discutirmos estas coisas. Vamos para a cama?

— Com muito prazer, tio. Ou vovô? — falou ela rindo.

— Lorde Silverstone, Shirley! Agora tens um lorde todo seu, minha querida.

E Shirley Kemps mostrou todas as suas qualidades de amante ao seu lorde.

Ela tinha um plano e o manteve acordado até altas horas. Quando ele acordou, sentiu um cheiro de fumaça e foi até onde ela nascia. Viu Shirley queimando o último papel numa bandeja. Ainda viu a capa negra do diário de Jerome Kemps consumir-se nas chamas.

Sobre a mesa só restavam as bolsas velhas vazias.

— Por que não me devolveu os documentos? Ou melhor, por que não me chamou para acompanhá-la quando fostes buscá-los?

— Eu não fui, meu lorde! Enviei o mensageiro do hotel para buscá-los. Não ias gostar que o Dr. Morris visse quem era o meu vovô Kemps, não é mesmo?

— Ele não subtraiu documentos das bolsas?

— Eu examinei tudo, pois sou a maior interessada em que nada mais o ameace com a força agora que estamos legalmente casados.

— Vejo que não és nem um pouco tola, Shirley querida!

— Dormistes bem, meu lorde?

— Maravilhosamente bem. Acho que foi a minha melhor noite nos últimos anos.

— Só terás ótimas noites de agora em diante, meu lorde! Dê uma olhada no jornal. Estamos na primeira página como prometestes.

— Satisfeita?

— Muito, pois agora sou Shirley Kemps Silverstone e dona da parte do meu pai.

— Ótimo, agora vou comer um pouco, pois estou faminto. Me acompanhas?

— Sim.

E ficaram na ilha de Chipre por várias semanas até que o mensageiro voltou com os jornais londrinos. Todos estampavam a notícia do casamento de lorde Silverstone, 56 anos, com Lady Shirley Kemps, uma inglesa residente numa colônia inglesa.

O mensageiro levava uma carta dele ao seu filho em Londres ordenando que comunicasse à imprensa os motivos de casar-se tão distante da Inglaterra. Não queria despertar a curiosidade nem ser

incomodado por ninguém devido à contração de núpcias com uma jovem.

Ela olhou os jornais de vários dias e sorriu satisfeita. Silverstone então falou:

— Vamos partir logo para o Egito, Shirley! Meu filho já me enviou o que eu precisava para passar a perna em alguém que odeio.

— O Barão R.?

— Ele mesmo. Vou pregar-lhe o maior susto quando voltar a Londres com o meu achado histórico. O navio que trouxe o mensageiro é de minha propriedade e está pronto para zarpar.

— Eu preferia voltar para Londres.

— Ainda não é hora, meu bem. Deixe o tempo fazer com que a curiosidade sobre nossa união diminua, para só então voltar.

— Tens razão! Até lá ninguém mais irá me relacionar a uma prostituta vulgar.

— A cada dia eu a admiro mais, Shirley. Ages como uma dama, mas és tão esperta quanto uma mulher da vida.

— Tu me fizestes assim, querido tio! Devo o que sou ao senhor.

— Vamos comer algo!

E foram saborear uma deliciosa refeição. Alguns dias depois, o navio de lord Silverstone aportava no Egito. Após o desembarque discreto, ele foi ter com o governador inglês na cidade do Cairo. O Egito estava sob intervenção inglesa há vários anos, e lord Silverstone o conhecia desde sua mocidade.

Depois de conversar com o governador, foi à procura do tal Hussein, o antiquário. Viu várias referências a ele nos papéis de Morris e achou que ali estaria um bom começo.

Quando entrou em sua loja acompanhado por Shirley, não despertou maior curiosidade que outro casal inglês despertaria. Falou ao atendente que queria falar com Hussein e logo foi introduzido numa sala cheia de antiguidades. Após os cumprimentos, falou:

— Sr. Hussein, um amigo falou-me muito bem do senhor como conhecedor dos segredos mais fabulosos desta parte do mundo!

— Agradeço ao seu amigo por tão elogiosas referências. Se ele falou isto de mim, então é meu amigo. E se és amigo dele, também és meu amigo, senhor...

— Silverstone. Lorde Silverstone, Sr. Hussein!

— Quanta honra para mim recebê-lo em minha humilde loja, lorde Silverstone! Em que posso servi-lo?

— Onde poderíamos nos encontrar para falarmos com toda discrição possível?

— Onde estás hospedado?

— Num hotel próximo ao palácio do governador inglês.

— Um hotel não é um bom local para se discutir certos assuntos, meu senhor!

— Também concordo. Por isto quero que me indiques um local onde não correremos o risco de sermos ouvidos.

— Que tal minha casa? Lá só entra meus amigos ou pessoas de minha total confiança.

— Ótimo, Sr. Hussein! Como faço para chegar a ela?

— Mandarei alguém de minha confiança apanhá-lo no hotel, lorde Silverstone.

— Quando?

— Ao anoitecer, às sete horas, está bem?

— Eu estarei pronto, Sr. Hussein.

Às sete horas em ponto Silverstone acompanhou o enviado de Hussein. Pouco depois entrava numa casa que era uma verdadeira fortaleza. Logo foi conduzido a uma luxuosa sala, toda decorada no mais fino bom gosto árabe. Hussein revelou-se um conhecedor dos gostos ingleses, e Silverstone foi servido com um ótimo uísque escocês.

Após isto, Hussein ficou olhando-o à espera de que tocasse no ponto que interessava a ambos. Silverstone pigarreou e falou:

— Estou aqui para saber o que podes me dizer sobre o local onde se localiza o túmulo do rei David e quanto me custará chegar até ele.

Apesar de toda a frieza árabe e astúcia maior ainda, Hussein demonstrou espanto com o que lhe perguntara o inglês.

— És muito direto, lorde Silverstone!

— Costumo resumir meus negócios ao indispensável, Sr. Hussein! Nada de meias palavras ou rodeios que não levam a nada. Isto eu deixo para os diplomatas, pois sou comerciante e tenho meu modo de negociar com meus interlocutores.

-
- O que o senhor sabe sobre ele?
- É justamente isto que quero que me digas, Sr. Hussein! Foi para isto que vim pessoalmente, em vez de enviar um empregado.
- Muito objetivo, lorde Silverstone!
- Estou a ouvi-lo, Sr. Hussein.
- Pouco sei sobre este assunto.
- Talvez seja do meu interesse o pouco que sabes.
- Não temes a lei do silêncio?
- Nós somos o silêncio em carne e osso, Sr. Hussein.
- Mas alguém me indicou ao senhor!
- Ele já morreu, Sr. Hussein.
- Quem era ele?
- Karl Löwenstein.
- Ele morreu?
- Sim.
- Ou o silenciaram?
- Talvez!
- Quando ele abordou este assunto com o senhor?
- Eu financiei uma expedição do Dr. Karl há muitos anos e, quando ele voltou, falou-me deste assunto. Ficou de coletar mais informações para então iniciarmos uma nova expedição. O tempo foi passando e quando Kalil foi a Londres para falar comigo, alguém o silenciou antes de nos encontrarmos. Logo a seguir foi a vez do próprio Karl.
- Sabias que há uma poderosa organização secreta envolvida nisso tudo?
- Eu imagino que sim; por isso quis lhe falar onde não seríamos ouvidos. Quero saber o que sabes e o quanto me custará tal informação.
- Não temes essa organização do silêncio?
- O senhor a teme?
- Sim.
- Mais um motivo para que sejamos o silêncio vivo, Sr. Hussein!
- Nisso eu concordo!
- Então...

— Preciso me informar, lorde Silverstone, e isto custa muito dinheiro!

— Imagino que seja o razoável por uma boa informação, não?

— Sim, senhor.

— Quanto?

— Sabias que estou sendo muito procurado ultimamente para dar boas informações?

— Quanto, Sr. Hussein?

— Veio até mim há alguns meses um enviado do Dr. Löwenstein à procura de informações sobre o local onde estariam enterrados vários faraós da 17^a dinastia egípcia.

Silverstone só o ouviu sem nada falar. Então ele continuou:

— O homem que veio em nome do Dr. Karl, por incrível coincidência, faz parte da organização do silêncio. Não é estranho uma coisa dessas?

— Coincidência, não?

— Muita, lorde Silverstone! Mas o mais incrível é que as informações que lhe vendi foram parar nas mãos de um arqueólogo inglês chamado Morris, um judeu.

— Muita coincidência.

— Mas isto não é tudo, meu senhor. Quem financia o Dr. Morris é o Barão R., e no mais absoluto silêncio, pois nem uma linha foi publicada nos jornais sobre sua grande expedição arqueológica ao Egito, e o governador inglês o auxiliou muito para que chegasse até seu sítio arqueológico no mais absoluto silêncio.

— A organização do silêncio está por trás até do governador, não?

— Tem mais ainda, lorde Silverstone!

— O quê, senhor Hussein?

— O homem a quem vendi a tal informação montou um grupo de vigilância dos movimentos do Dr. Morris, que é o chefe da expedição financiada pelo Barão R. Como explicar isto, meu senhor?

— Talvez não confiem nesse Dr. Morris.

— Ou será que o Dr. Morris sabe algo do túmulo do rei David e estão à espreita de seus movimentos?

— Como sabe de tudo isso?

— Eu sou generoso com meus informantes, lorde Silverstone. Também tenho minha lei do silêncio e de recompensas.

— Compreendo. Tudo é uma questão de preço e de silêncio.

— Exatamente, lorde Silverstone. Qual o seu interesse neste assunto?

— Possuo dois interesses, Sr. Hussein!

— O primeiro...

— Chegar primeiro até algo tão extraordinário como o túmulo do rei David!

— E o segundo?

— Adiantar-me ao Barão R. e suas leis do silêncio e humilhá-lo publicamente.

— Só pela vida do meu irmão e Kalil vou ver o que consigo saber sobre o seu interesse, lorde Silverstone.

— De quanto precisas, por enquanto, para consegui-los?

— Duas mil libras-ouro.

Silverstone deu-lhe as duas mil libras-ouro e ouviu só isto dele:

— Passeie pelo Cairo, lorde Silverstone! Tens uma linda esposa e deves mostrar a ela os encantos da cidade. Se alguém se aproximar e lhe oferecer uma ótima mercadoria por um ótimo preço, então vá até minha loja para receber sua mercadoria.

— E quanto ao homem que vigia o Dr. Morris?

— Alguém também o está vigiando.

— Então redobre a vigilância para saber se ele irá vigiar-me ou se já está me vigiando.

— Já fiz isto e incluirei no preço final, lorde Silverstone!

— Meu amigo não mentiu quando me disse que eras o melhor em todo o Egito, Sr. Hussein!

— O amigo do meu amigo é meu amigo e aos meus amigos só posso oferecer o que de melhor possuo.

— Até a vista, Sr. Hussein!

— Até, lorde Silverstone!

Após deixar Silverstone na porta do seu hotel, o homem de Hussein rumou para outra direção. Logo o silêncio sobre o local onde se localizava o túmulo do rei David seria quebrado.



No dia seguinte, Silverstone passeou com Shirley pela cidade do Cairo. Em dado momento, ela falou:

— Meu lorde, eu gostaria de conhecer Alexandria. No hotel, disseram-me que é muito bonita.

— Não posso me ausentar daqui por enquanto, Shirley. Talvez mais para frente nós visitemos essa cidade.

— Por que não?

— Tenho compromissos aqui e só sairei do Cairo quando os tiver cumprido.

Shirley fez um ar de contrariedade ao ouvir suas palavras. Um rapaz que vendia quitutes locais e que ouvia tudo o que diziam enquanto ela comia, falou:

— Alexandria é linda, senhora! Quando a visitar não deixes de passar na loja de meu primo Abel, pois ele tem lindas joias e a preços muito bons.

— Onde fica a loja de seu primo, rapaz? — perguntou Shirley.

— Próximo ao porto, senhora. É só perguntar onde é a loja do antiquário Abel que qualquer um a informará. Ele possui até joias que pertenceram a princesas egípcias. Ficarás encantada com o que Abel possui.

Shirley virou-se para Silverstone e falou:

— Querido, por que não me deixas ir sozinha até Alexandria? Eu visito a cidade, compro algumas joias e depois volto. Este rapaz poderia me acompanhar até lá e servir de guia.

Silverstone ficou pensando um pouco. Seria bom para despistar quem quer que os vigiassem distrair-se com esta súbita separação. Também lhe daria tempo para que Hussein obtivesse informações.

A troco de algumas libras de ouro o rapaz aceitou servir de guia para Shirley. À tarde, ela partia rumo a Alexandria. O que Silverstone não soube é que enquanto voltavam para o hotel, o rapaz foi ao encontro de Levi.

— E então, Chaim, o que descobristes?

— Muito pouco, Sr. Levi. Os dois passearam pela cidade, visitaram o mercado e a mulher estava interessada em conhecer Alexandria. Comentei sobre as joias de meu primo Abel, e ela

convenceu lorde Silverstone a deixá-la ir sozinha. Vou ser o seu guia nesta viagem.

— Por que ele não quis ir?

— Disse a ela que tinha compromissos inadiáveis. O que faço?

— Guie-a até Alexandria e não a percas de vista. Mas também tomes cuidado para que nada aconteça a ela e mantenha-me informado.

— Sim, senhor.

Shirley partiu com a promessa de voltar três dias depois. Um casal de criados que viera no navio de Silverstone a acompanhou.

Silverstone foi jantar com o governador inglês e procurou saber dele quais as boas oportunidades de negócios na região.

Quando voltava para o hotel, foi abordado por um vendedor de artigos artesanais que lhe ofereceu algo tal como havia dito Hussein.

— Quando posso ver seu artigo, meu jovem?

— Ele está no hotel à sua espera. Não se assuste ao encontrá-lo nas suas acomodações.

— Obrigado, jovem!

Silverstone comprou uma de suas quinquilharias qualquer e rumou rápido para o hotel.

Assim que entrou nos seus aposentos viu um árabe com o rosto todo coberto, sentado numa poltrona. Silverstone encarou-o por algum tempo sem nada dizer até que ele descobrisse o rosto. Quando o fez, viu que o homem à sua frente era Hussein, o antiquário.

— Muito prazer em revê-lo, lorde Silverstone. Trago-lhe boas notícias sobre o lugar onde poderás encontrar seu amigo rei.

— Quais as possibilidades de eu encontrá-lo?

— 90%, meu senhor.

— Onde, Sr. Hussein?

— Antes vamos conversar um pouco.

— O que temos a conversar?

— Sobre sua esposa, meu senhor. Por que ela se ausentou?

— Ela quis conhecer Alexandria, e achei bom para os meus planos mantê-la longe por uns dois dias.

— Isto é um problema, pois o jovem que a serve como guia é um agente do Sr. Levi.

— Não!!

— Nós o vigiávamos há dias. O que o senhor mandou sua esposa fazer em Alexandria?

— Nada, absolutamente nada!

— Menos mal, lorde Silverstone. Vamos então falar de negócios e de como terás que fazer para encontrar seu amigo rei sem ser incomodado pelos amigos do Sr. Levi. Mas antes preciso de mais 5 mil libras-ouro para providenciar tudo o que precisas para conseguir tal coisa.

E Hussein começou a falar.

Mas em outro local alguém também falava. E como falava!

Era o Sr. Morris que estava sendo interrogado pelo Sr. Levi. Este o torturava com perguntas e mais perguntas sobre possíveis achados nas suas escavações.

— Sinto muito, Sr. Levi! — dizia Morris. — Mas não encontramos nada de valor por enquanto. Este é um sítio arqueológico muito vasto, e poderemos levar anos para encontrarmos o local onde eram sepultados os faraós.

— Eu não posso ficar anos à espera de um achado, Dr. Morris! Preciso de objetos de valor para agora.

— Nada posso fazer pelo senhor por enquanto. Vistes o andamento das escavações e entende tão bem como eu que, num caso como este, não há lugar para a pressa.

— Que tal o senhor pesquisar, paralelo a estas escavações, o túmulo do rei David?

— Outra vez com suas ilusões, Sr. Levi?

— Não são ilusões, Dr. Morris. Conheces lorde Silverstone?

— Só de nome, pois nunca o vi pessoalmente.

— Ele está no Cairo e já se prepara para partir à procura dele.

— Isto é loucura!

— Também concordo. Mas só alguém com informações confiáveis se lançaria numa caçada ao túmulo, não concordas comigo?

— Talvez tenhas razão, Sr. Levi. Tens alguma informação a respeito do local ou da região onde estaria o suposto túmulo?

— Se o tempo que me restar for suficiente para nos anteciparmos a ele, chegaremos primeiro que ele ao local. Mas antes quero saber se sabes algo sobre este assunto.

— Não! Eu nada sei além do que li nos seus papéis.

— Aceitas esta empreitada, Dr. Morris?

— Mas, e meu serviço aqui em Luxor?

— Um mês a mais ou a menos não influirá muito no resultado final.

— Se o Barão R. ficar sabendo, estarei encrencado, Sr. Levi!

— Não se preocupe com isto, Dr. Morris. Eu sou íntimo dele e saberei como fazer para que ele não fique sabendo dessa nossa empreitada particular à custa do dinheiro dele.

— Está certo, Sr. Levi. Só não me culpe caso venhas a sofrer uma decepção no final dessa busca maluca.

— Se usares todo o teu conhecimento em arqueologia, logo lhe provarei que não é só uma ilusão.

— Não me furtarei ao meu trabalho em Luxor, Sr. Levi. Devo satisfações ao Barão R. e não vou traí-lo só porque destes ouvidos a um lunático como Karl Löwenstein. Mas não se preocupe, pois, se chegarmos a um local onde existam vestígios do túmulo do rei David, eu o localizarei para o senhor.

— Ótimo, Dr. Morris! Em poucos dias voltarei ou então alguém virá até o senhor com uma senha minha e o procurará.

— Qual é a senha?

— É esta, Dr. Morris: Os faraós são eternos!

— O que respondo, Sr. Levi?

— Dirás: Os profetas também são! Então ele dirá outra contrassenha assim: Então guardemos a memória dos nossos profetas, pois dela vive nosso povo.

Só após isto poderás acompanhá-lo em segurança.

Assim que Levi afastou-se, Morris se pôs a pensar: “Levi estava a serviço da lei do silêncio. Talvez o Barão R. também estivesse e o contratara pensando que eu, Morris, fosse à procura do túmulo de David e seus pergaminhos.

Mas o que teria acontecido com o Sr. Kemps? Por que não o procurara?

Teriam os homens de Levi eliminado a ele também? Ou será que ele se decidira a traí-lo e vendeu os papéis a lorde Silverstone?

Talvez isso fosse o que realmente acontecera, senão já teria tido notícias dele, e Levi não estaria tão inseguro e preocupado com a empreitada de Silverstone.

Bem, em todos os documentos pessoais seus, nenhum aludia a um local específico, mas sim a uma região. O Sinai era um deserto muito vasto para ser vasculhado e, se não tivesse o local exato, vagaria durante anos nele e nada descobriria.

Passou o resto do dia dando ordens aos seus subordinados e instruiu seu auxiliar imediato para o caso de precisar se ausentar por algumas semanas.

Enquanto isso, Shirley chegara em Alexandria e refrescava-se numa banheira cheia de água fresca. Após uma rápida e escaldante viagem, esta era a melhor forma de se refrescar.

Descansou até a tarde para então chamar o seu guia e ir conhecer um pouco dos encantos de Alexandria. No final do passeio, ele a levou até a loja do seu primo e ficou encantada com as belas joias que lhe foram mostradas.

Após muita indecisão, decidiu-se por um broche de brilhantes e um colar de pedras preciosas que ele jurou ter pertencido a uma princesa egípcia muito famosa. Só não soube precisar a época do seu reinado.

Após os acertos, Shirley pediu ao guia que lhe mostrasse os cais do porto e as casas de café egípcias.

Num dado momento, ela viu o navio do capitão David ancorado. Com a desculpa de comprar uma peça de artesanato, correu a vista pelo local até localizá-lo em um café.

Nada falou ou fez para se denunciar. Pagou o artesanato e pediu para o condutor da charrete voltar devagar ao hotel. Assim que guardou suas compras, tornou a sair e foi jantar no restaurante em frente.

Mal havia se sentado e recebeu um galanteio de David.

— Finalmente encontro uma dama de verdade nesta cidade encantadora.

Como Shirley nada dizia, ele pediu:

— Posso sentar-me, senhorita?

— Senhora, cavalheiro. Sou lady Kemps Silverstone, caso isto lhe interesse.

— Capitão Redcliff às suas ordens, milady! — disse ele sentando-se sem ser convidado.

— Muito prazer, capitão, mas eu não consenti com sua pessoa à minha mesa.

— Se estivesse há tanto tempo quanto eu já estou nessa maldita cidade onde só se ouve o árabe como meio de comunicação, não negarias a um patricio seu a alegria de poder conversar em sua própria língua e com alguém tão encantadora quanto a senhora.

— Não vejo nada de encantador, capitão!

— Acaso estás me chamando de desagradável companhia, lady Kemps Silverstone?

— Desculpe-me se o ofendi, capitão. Não foi esta a minha intenção. Só quero comer um pouco e voltar ao meu hotel para descansar.

— E perder a oportunidade de contemplar as belezas da noite em Alexandria? Não, isto não! Não vou deixar de mostrar-lhe a mais bela cidade do Oriente, pois sei que depois de admirá-la jamais esquecerás esta noite.

— Está certo, capitão, jante conosco então! Este é meu guia e já me mostrou boa parte da cidade durante o passeio que fizemos à tarde.

Enquanto comiam, ele perguntou-lhe:

— O que faz tão linda senhora sozinha aqui em Alexandria?

— Só faço um passeio para matar a curiosidade que sempre tive de conhecer muitos lugares que só me era possível ver nos mapas e livros de mistérios.

— Onde está o seu esposo?

— Lorde Silverstone? Ah, vive envolvido com seus negócios e dá pouca atenção à sua jovem esposa, que sou eu.

— Compreendo! Só pensa nos seus negócios e se esquece do seu maior tesouro, não?

— Mais ou menos, capitão. E o que faz um inglês nesta cidade?

— Estou aguardando um embarque para então levantar âncoras, milady! Mas já estou ficando cansado de tanta demora em carregar meu navio e acabarei partindo com ele vazio. Nunca vi povo tão complicado como este para despachar uma carga.

Ainda falaram muitas trivialidades até terminar o jantar. David então a convidou para lhe mostrar um pouco da beleza de Alexandria à noite. Ela ordenou ao guia que voltasse para o hotel. Só após uma ordem incisiva ele concordou em deixá-la a sós com o capitão, não sem antes dizer:

— Eu prometi ao seu marido que a protegeria, milady. O que vou dizer-lhe quando me perguntar se a protegi bem, se sei que a deixei a sós com um estranho numa cidade estranha para a senhora?

— Você ainda é muito jovem, meu rapaz! Há coisas que não são para serem ditas. Tome esta moeda, volte para o hotel e fique à minha espera.

— Sim, senhora.

Ele apanhou a moeda e atravessou a rua em direção ao hotel. Quando eles tiveram certeza de que já não os via mais, saíram pelos fundos do restaurante e por uma viela desembocaram numa outra rua extremamente movimentada. Pouco depois, estavam no interior do navio do capitão David.

Após longos beijos e muitas carícias, ele falou:

— Já estava a ponto de desistir de esperá-la e ia sair à sua procura, Shirley!

— Não lhe prometi que viria ao seu encontro, meu querido? Pois aqui estou eu. Pare de falar e me ame um pouco.

Só após matarem a saudade e o desejo, Shirley falou-lhe o que a segurara tanto tempo. Após relatar tudo a ele, pediu-lhe:

— Quero que você vá para o Cairo disfarçado para que eu possa lhe informar quais serão os próximos passos de Silverstone.

— Você está decidida a se vingar mesmo dele, não?

— Sim. Só me darei por satisfeita quando o tiver feito passar pelo mesmo sofrimento que passei por causa da sua ambição, covardia e traição. Vai me ajudar, David?

— Sim, mas já estou quase sem dinheiro, pois desde que desembarquei a última carga não saí daqui. O que faz este navio dele, ancorado desde que vocês chegaram?

— Aguardam ordens dele e é a ele que você seguirá, pois os exploradores enviados pelo seu filho irão encontrá-lo no deserto do Sinai.

— Como sabe disso?

— Ele falou-me. Tudo o que uma expedição precisa está dentro daquele navio. Só estão à espera do local onde devem se dirigir e esperá-lo ou encontrá-lo já no meio do deserto, mas partindo de direção oposta.

— Por que tanto mistério?

— Ele suspeita que estejamos sendo vigiados.

— Compreendo. O tal túmulo desperta muitos interesses, não?

— Então está tudo certo, não?

— Sim. Vou até Cairo e aguardo um sinal seu.

— Bem defronte ao nosso hotel tem um restaurante típico. Vá jantar lá todas as noites, pois assim que eu tiver alguma notícia, passo-lhe por escrito com tudo o que precisa saber.

— Espero que tudo termine logo, Shirley! Estou impaciente para poder tê-la só para mim.


— Logo isto tudo acabará, meu querido. Então eu terei não só o que me pertencia por direito de herança como estarei vingada do homem que matou meu pai tão covardemente.

— De quem irás se vingar depois?

— Você saberá no tempo certo, querido!

Ainda se amaram mais um pouco e, quando ela ia sair da cabine, entregou-lhe um maço de notas de libras inglesas e falou:

— Com isto poderás custear os gastos enquanto não termina toda esta aventura estranha.



Mais tarde ele a deixou na porta do hotel e despediram-se com todo respeito possível. Assim que ela entrou no *hall* do hotel, o guia a interpelou:

— Milady, quanta demora! Eu estava muito preocupado com a senhora.

Ela nada falou, mas lhe deu uma olhada tão reprovadora que ele se calou.

Shirley entrou em seu quarto no mesmo instante em que os primeiros raios de sol o iluminavam, deixando-o dourado. Atirou-se na cama vestida como estava e dormiu.

Acordou por volta do meio-dia e já com as roupas trocadas por sua criada. Tirou a camisola e banhoun-se mais uma vez na deliciosa água da banheira.

À tarde deu mais uma volta pela cidade, comprou mais alguns *souvenires* e voltou ao seu quarto. Jantou nele mesmo e, pouco depois, voltou a deitar-se. No dia seguinte, partiu de volta à cidade do Cairo.

Assim que chegou, encontrou lorde Silverstone ansioso.

— Por que tanta aflição com minha demora, meu lorde?

— Temos que partir ao amanhecer, Shirley.

— Por quê?

— Já sei onde procurar o túmulo do rei David e tenho tudo preparado para encontrá-lo em pouco tempo.

— Onde é o local, meu querido?

— Eu sabendo já é o bastante!

— Bem, eu acho que sou sua esposa e mereço um pouco de confiança, não?

— Só não quero que se envolva nos riscos dessa expedição, minha querida.

— Eu só queria estar par dos seus próximos movimentos para a eventualidade de lhe acontecer alguma coisa. Então eu poderia levar até o fim esta sua empreitada.

— Você tem razão, Shirley! Vou mostrar-lhe o local.

Ele retirou de uma pasta um mapa com o lugar onde seria o suposto local onde David havia sido sepultado.

Mas enquanto mostrava a ela e explicava como tudo se passaria para alcançar o local, ocorreu-lhe uma ideia macabra. Por que não aproveitar a oportunidade e se livrar de vez dela antes de voltarem a Londres. Então falou:

— Preciso ir até o governador inglês. Vá se preparando porque irás comigo, querida!

— Mas você não disse que iria sozinho para não despertar suspeitas nos seus espiões?

— Pensei melhor e direi a todos que irás comigo até Luxor numa excursão. Arrume só os pertences essenciais, Shirley!

Ele saiu, e ela se pôs a escrever uma mensagem; assim que a terminou, saiu do hotel e dirigiu-se para o restaurante. Sentou-se a uma mesa e pediu uma refeição. Ainda comia quando um árabe com o rosto semicoberto pelo turbante sentou-se na mesa próxima. Assim que o olhou reconheceu David. Com os olhos lhe fez que sim. Era o sinal, senha de que já sabia para onde o navio de lord Silverstone se dirigiria.

Assim que acabou de comer, pagou a conta e levantou-se. Já ia na porta quando o árabe a chamou:

— Senhora, estás se esquecendo de sua bolsa — falou num inglês todo errado.

— Oh, obrigada, meu senhor! Foi muita bondade sua ter visto que eu a esquecera e já ia embora. Deixe-me recompensá-lo. Como se chama, meu senhor?

— Hassan, minha senhora. Às suas ordens!

Ela tirou uma nota enrolada e lhe entregou, falando:

— Aqui está, Hassan! Dizem que os árabes não são confiáveis, mas não foi isto que eu vi no seu gesto.

Ele segurou a nota na mão, mas insistiu para que ela a pegasse de volta, dizendo que só fizera por honestidade e também pela sua extasiante beleza. Também a convidou para conhecer a cidade, mas ela, ofendida, lhe disse que preferia fazer isto com seu marido.

Ele desculpou-se e voltou ao seu lugar. Continuou a comer como se não ouvisse o sorriso do seu vizinho da mesa ao lado. Mal acabou de comer, pagou a conta, deu uma olhada feia para o engraçado e alisou o cabo do seu punhal em um mudo desafio. O outro

desviou os olhos e abaixou a cabeça como se não tivesse visto o gesto tipicamente árabe.

David saiu do restaurante sem olhar para trás.

Levi que a tudo assistira o seguiu a certa distância. Só deixou de segui-lo assim que o viu entrar numa casa árabe.

— “Acho que me enganei” — pensou.

Mas David não entrou de fato na casa. Só ocultou-se num desvão dela e ficou observando Levi afastar-se. Assim que teve certeza de que já não era seguido partiu rápido, pois teria que estar em Alexandria ao amanhecer.

Quando Shirley dissera: “Prefiro fazer isto com meu marido!”, ele entendeu que ela iria junto com ele à procura do túmulo do rei David.

Ao amanhecer, chegava ao seu navio. Assim que subiu a bordo começou a dar ordens. Por volta das dez horas o navio zarpava no encaço da embarcação de lorde Silverstone. Seria uma longa viagem, pois teriam que navegar a toda força para contornar toda a África no menor tempo possível. Seria uma viagem longa e cansativa, e só parariam para reabastecimento dos navios.

Com um pouco de sorte, alcançaria o navio de Silverstone dentro de uns dez a quinze dias, porque ele estava com um dia de vantagem. Mas isto não o incomodava; seu navio era um dos mais rápidos dos construídos para viagens de longo curso. Além do mais, o seu estava quase vazio enquanto o de Silverstone levava mais homens e uma pesada carga. E David singrou o mediterrâneo todo eufórico. “Ao tesouro”, pensou.

Mas enquanto isto, ao entardecer, um homem era insistentemente interrogado por Levi.

— Quero a localização, Hussein!

— Mas eu não sei, Sr. Levi! Já lhe disse tudo o que forneci ao lorde Silverstone. Creia-me, é a mais pura verdade!

— Não acredito em você e tenho bons motivos para crer que estás mentindo mais uma vez.

— Eu não lhe menti quando comprastes a informação do túmulo dos faraós da 17ª dinastia.

— Foi só aquela vez que não menti, mas isto porque as duas mil libras falaram mais alto que a sua moral.

— Estás enganado, Sr. Levi. Quando vendo uma informação, ela é segura, e se estou lhe dizendo que vendi a lorde Silverstone a localização de um antigo palácio egípcio, eu não minto.

— Veremos, Hussein! Caso esteja mentindo para mim agora, tenha certeza de que ajustaremos contas mais tarde.

— Cuidado, Sr. Levi! A adaga árabe corta dos dois lados de sua lâmina. Segure-a corretamente ou poderá se ferir ao manejá-la.

— Estás me ameaçando?

— Apenas cumpro um ritual muito antigo entre os do meu povo.

— Sei! O inimigo do seu amigo é seu inimigo, não?

— Vejo que não se esqueceu dos nossos antepassados.

— Saiba que sou muito ligado ao governador inglês, Hussein!

— Não duvido disso e até respeito suas “amizades”, Sr. Levi. Cuide bem delas, pois senão as perderá muito em breve.

Assim que Levi saiu da loja do antiquário acompanhado de três homens mal encarados, Hussein chamou um dos seus empregados e deu-lhe ordens específicas. Assim que parou de falar, o rapaz saiu rápido pelos fundos da loja. Então Hussein falou para si mesmo: “Está na hora de acertarmos a morte de Kalil, Sr. Levi! Sentirás na carne como é dolorida a vingança de um árabe, pois meu irmão está me cobrando e vou vingá-lo assim como ao meu bom amigo Löwenstein. Este sim, era um homem digno e sabia como amar à cultura que nos legou a civilização egípcia dos faraós. Mas alegre-se, Levi! Pois primeiro vou deixá-lo perder-se nas areias para só então enlouquecê-lo”.

Levi tinha uma dívida de sangue com Hussein e certamente a pagaria com mais sangue.

Quanto a lorde Silverstone, bem, ele viajava ao lado de Shirley e não demonstrava o mínimo cansaço após um dia de viagem sob o sol escaldante.

Estavam acampados à beira de um oásis, onde passariam a noite. Se tudo corresse de acordo com seus planos, no dia seguinte teria despistado Levi e estaria livre da ameaça que Shirley representava.

Mal haviam terminado a refeição e o oásis foi invadido por um bando de salteadores do deserto, muito comuns na região desde que os ingleses se estabeleceram no norte do Egito.

Vários dos homens contratados por Silverstone foram mortos no ataque. Tanto ele quanto sua jovem esposa foram levados prisioneiros pelos salteadores, que também levaram seus animais e toda a bagagem.

Um dos empregados foi deixado com vida para que levasse um recado ao governador inglês. Se quisessem Silverstone de volta e com vida, teriam que providenciar certa quantidade de armas e munições, e deixá-las ali mesmo, no oásis onde ele havia sido feito prisioneiro.

Só um cavalo foi deixado para que ele voltasse logo até o Cairo.

Os salteadores cavalgaram a noite toda e só pararam ao amanhecer. Então acamparam num vilarejo semideserto. Ali era a base de Omar, o chefe do bando.

Lorde Silverstone e Shirley foram presos numa casa de pedras e assim ficaram até que um homem veio buscá-lo e conduzi-lo ao chefe dos salteadores. Foi levado a uma tenda montada bem ao lado da casa onde havia estado preso.

Assim que se sentou, foi saudado com um sorriso macabro que se estampou no rosto de Omar. Este falou:

— Satisfeito, lorde Silverstone?

— Muito, meu amigo! Sua forma é um tanto violenta, mas creio que os que me vigiavam não terão motivos para se preocuparem mais comigo.

— Está cumprido o que tratei com Hussein. Deixo-o a partir de agora aos cuidados de Chafic.

— Quem é Chafic?

— Um homem da confiança de Hussein e que obedecerá às suas ordens se forem razoáveis. Ele conhece tudo deste lado como do outro do Mar Vermelho.

— Ótimo.

— Então vou partir. Quero ver se recebo as minhas armas e munições em poucos dias.

— Antes, tenho algo a oferecer-lhe como recompensa. É especial!

— Tens algo especial para mim?

— Muito. Vistes a mulher que me acompanha?

— Sim. Ela é muito atraente!

— Eu a contratei em Londres para se passar por minha esposa. Mas como ela está sabendo mais do que devia, é hora de afastá-la do meu caminho.

— O que sugeres, lorde Silverstone?

— O que estás pensando, meu amigo! A partir de agora ela é sua, mas com uma condição.

— Qual?

— Que ela nunca saiba o que acertamos aqui hoje.

— Eu cuidarei bem dela, meu lorde!

— Ótimo. E se um dia precisar do meu auxílio, fales com Hussein, pois os amigos dele também são meus amigos.

— Finalmente encontro um inglês inteligente, meu amigo! Que os ventos do deserto apaguem suas pegadas e confunda seus inimigos, milorde! Chafic já está com tudo pronto. Acompanhe-o e, assim que estiverem longe e em segurança, retiro a minha bela princesa inglesa de sua prisão.

Silverstone saiu da tenda atrás de Chafic. Este o levou até onde estavam os animais com a carga e partiram.

Uma hora depois, o salteador entrou onde Shirley estava presa.

— Cadê meu marido? — gritou ela assustada.

— Nós já cuidamos dele, bela princesa! Se procederes como ele, logo terás o mesmo fim.

— Você o matou?

— Não, não! Ele suicidou-se ao saber o que queríamos em troca de sua liberdade.

— O que vocês pediram?

— Que importa isto agora, se ele já não nos é mais útil? Mas o que pode uma bela inglesa oferecer a um solitário chagal do deserto?

— Nada tenho a oferecer-lhe, canalha!



— Pense bem, pois tudo o que puderes oferecer servirá para mantê-la viva, minha princesa.

— Que mais posso oferecer, se me tens como prisioneira?

— Uma mulher com sua beleza pode ter muito a oferecer em troca da vida.

Para Shirley estava tudo muito claro. Aquele miserável queria seu corpo e tudo o que ela podia oferecer em termos de prazer carnal. Ou cedia aos seus desejos ou teria o mesmo fim que seu marido.

— Em que maldita aventura aquele idiota ganancioso me meteu! — exclamou Shirley à guisa de submissão.

O salteador deu uma gargalhada e exclamou:

— Siga-me, minha princesa! É hora de levantarmos acampamento, e tens que conhecer os modos das mulheres árabes.

Shirley nada falou, pois sabia que isto só iria piorar as coisas para si.

Dali o salteador rumou para o sul até uma aldeia de pescadores às margens do Mar Vermelho. Ali ele possuía uma confortável residência. Para ela foi dado um pequeno quarto pouco confortável. Lembrava mais o da casa de prazeres em Londres devido à pobreza da mobília e ao aperto.

Pôde lavar-se da poeira impregnada em sua pele e recebeu roupas típicas das mulheres árabes.

Depois de estar vestida, uma criada a conduziu ao seu novo dono. “Nada muda na vida de uma prostituta!”, pensou ela. “Agora vou ter que agradar a esse bandido em troca de minha vida. Vamos ver até onde isto vai!”

Muitas coisas pensou Shirley enquanto aquele verme saciava sua fome de carne em seu cansado corpo. Muitas coisas são humilhantes para uma mulher. E a maior das humilhações é ter que se deixar possuir carnalmente por alguém que se tem nojo. Este sentimento estava sedimentando rapidamente no mental de Shirley ao ver como aquele verme insaciável explorava todas as partes do seu corpo na busca do prazer. Já não se tratava de troca, mas sim de submissão absoluta de quem não podia dizer não ante alguém que tinha o poder de tirar-lhe a vida, caso não se agradasse com o que seu corpo podia lhe oferecer em termos de prazer.

Se não o agradasse ou satisfizesse, já não deixaria de receber algumas moedas, mas sim seria morta. E morrer, ela já havia tido muitas oportunidades de ter conseguido com o suicídio, mas recusava tal saída. Isto seria só uma fuga ao destino sombrio que lhe fora imposto pelo Barão R.. Depois daquele dia, jamais voltara a sonhar com uma família, filhos e uma vida venturosa.

Agora chegara novamente ao ponto inicial de sua desgraça. Tal como acontecera da vez que fora possuída, agora satisfazia o seu novo possuidor ou perdia a vida.

“O que teria sido pior? Penso que nunca vou saber a resposta.” Pensava ela enquanto era brutalizada por aquele ser desprezível que a fizera escrava dos seus desejos.

Isso aconteceu por muitos dias e noites seguidas. O ódio que ele sentia pelos ingleses, descarregava-o por meio de sua libido no corpo de Shirley. Falava que já que não podia acabar com eles, então possuiria uma das suas mais belas mulheres como vingança.

Enquanto isso, quem passava por maus momentos era o Sr. Hussein.

Assim que Levi soube do ataque a lorde Silverstone, ficou furioso.

— Malditos salteadores! Acabaram com nossas chances de chegarmos ao túmulo de David. Sem Silverstone nunca saberemos como localizá-lo.

Vários dos seus espões estavam na sala, e ninguém sabia como continuar a busca do local. Então um deles sugeriu algo que o agradou.

— Sr. Levi, por que não raptamos o antiquário e o fazemos nos dizer tudo o que sabe?

-- Tens razão. Eu sei que aquele rato sabe onde devemos procurar. Comecem a planejar o rapto dele. Quero que vigiem todos os seus passos, mas para isto usem homens de fora do nosso círculo. Creio que estamos sendo vigiados pelos homens deles.

Quero que um de vocês vá buscar o Dr. Morris. Ele também irá nos dizer o que sabe sobre o assunto.

Três dias depois Morris vinha até Cairo, respondendo ao chamado de Levi.

— Como vai, Dr. Morris?

— Preocupado, Sr. Levi! Já estou alcançando um estágio onde os primeiros resultados concretos são vistos. Já localizamos vestígios de que o local deve ocultar algo muito grandioso.

— Ótimo! Logo o Barão R. terá motivos para não se lamentar do dinheiro investido na procura do túmulo de David.

— Mas...

— É isto mesmo, Dr. Morris. Esta é a hora da verdade. Eu segui uma pista e ela terminou num oásis no meio do deserto. Agora tenho que começar tudo de novo ou minha vida não valerá nada. Quero sua colaboração, espontânea ou não, Dr. Morris.

— Que pistas concretas o senhor seguia?

— Nós mantivemos uma vigilância cerrada em torno de lorde Silverstone e sabíamos que ele partira para a última etapa de sua busca do túmulo. Mas a perdemos quando foi atacado por um bando de salteadores alguns dias atrás.

— O que posso fazer para ajudá-lo, Sr. Levi?

Morris assumiu uma atitude colaboracionista, pois sentiu que corria perigo de agora em diante. Ele tinha certeza de que a sua expedição tinha outra finalidade, e o que queriam era encontrar o túmulo de David e seus livros e não as tumbas da 17ª dinastia dos faraós egípcios.

— Muito ou nada poderás fazer, Dr. Morris. Tudo dependerá do senhor a partir de agora. O que me dizes?

— Está certo. Vou começar a pensar como o senhor e crer que existe realmente um túmulo do rei David.

— Ótimo! Finalmente vou ter um cérebro privilegiado ao meu lado nesta árdua missão. De agora em diante, tudo será mais fácil.

— Preciso de referências para começar a estudar a região onde deverei selecionar alvos prováveis onde deveremos procurá-lo.

— Se tudo der certo, amanhã mesmo nós já teremos alguma coisa concreta, Dr. Morris. Agora vá descansar no hotel, pois está com uma aparência horrível.

— Eu tenho dormido muito pouco nos últimos dias, Sr. Levi. Passo meu dia nas escavações e a maior parte da noite estudando e analisando o material coletado.

— Compreendo. Descanse bem, Dr. Morris! Assim que eu tiver alguma referência, poderá estudá-la com calma.

— Mas, e quanto ao meu trabalho em Luxor? O que dirá o Barão R., Sr. Levi?

— Já lhe disse para não se preocupar com isto, Dr. Morris! Eu me preocupo com coisas mais importantes que os restos desses estúpidos faraós egípcios!

— Está certo, só espero que saibas aquilatar a encrenca em que estás me envolvendo.

— Encrecados estaremos nós, caso outro aventureiro alheio à nossa tradição encontre o túmulo e venha se apossar do que estiver oculto no interior dele.

Morris foi para o hotel, mas descansar não lhe foi possível. Mentira ao dizer que passava as noites acordado analisando amostras coletadas. O que acontecia de verdade é que não conseguia conciliar o sono devido à presença de Levi por perto a rondar seu sono com o espectro da morte.

Procurou relaxar um pouco porque a sorte estava lançada e não conseguiria fugir ao destino; teria que procurar o tal túmulo.

Dois dias se passaram depois da última conversa com Morris, quando os homens de Levi conseguiram raptar Hussein, o antiquário. Este chegou desacordado ao porão de uma casa usada por Levi.

Quando Hussein acordou com a água fria jogada em seu rosto, assustou-se ao ver o lugar em que estava e muito mais ao ver Levi sentado em um canto.

— O que querem de mim? — gritou ele.

— Acalme-se, Hussein! — falou Levi.

— Por que me trouxeram até este local imundo?

— Quero saber de umas coisas, e irás me dizer tudo o que quero ouvir, Hussein. É bom que saibas que caso se recuses a dizer, não sairás com vida deste porão.

— Mas caso eu diga também não viverei, não é mesmo? — falou Hussein com desprezo na voz.

— Isto mesmo, cão! — falou Levi. — Mas com um agravante. Irás falar, caso cooperes ou não. Nós temos meios de fazê-lo soltar

a língua e até de trair seus irmãos de raça e fé. A escolha é sua. O que preferes, antiquário?

— Um dia você pagará por tudo, Levi. Alah me vingará e fará com que apodreças ainda em vida.

— Enquanto não chegar este dia, quem sofrerá isto será você, cão traiçoeiro! Escolhas o método que achar melhor para dar as informações que quero.

Hussein deu uma gargalhada que desconcertou Levi e seus homens.

— Do que estás rindo, canalha? — falou Levi irado.

— Acalme-se, primo! Como sabes, sou um comerciante e vendo meus produtos a quem paga o meu preço. Como o preço do que queres saber é minha vida, acho que ninguém me ofertou ou ofertará coisa tão preciosa aos meus olhos.

— Continue, Hussein! — sussurrou entre dentes, Levi.

— O que desejas saber, primo?

— Não me chames de primo, cão raivoso! Não sou seu parente.

— Ora, primo! Não podes negar nossa origem comum só porque Ismael foi expulso para longe do pai comum a nós. Vamos conversar noutros termos, e terás o que queres, porque o preço que ofereces é muito alto a meu ver.

— Estamos começando a nos entender, Hussein! — exclamou Levi, mudando sua atitude para com ele. — O que tens para dizer-me?

— Primeiro digas o que desejas saber, senão não saberei o que dizer.

— Quero saber o que dissestes a lorde Silverstone.

— Triste fim o dele, não? — falou o árabe rindo.

— Muito triste, Hussein. O que você tem a ver com o fim dele?

— Quase nada. Apenas lhe vendi uma informação não muito boa.

— Como assim?

— Escute, Levi! Eu não consegui a informação que ele queria, ou seja, a localização do maldito túmulo do rei David.

Levi esbofeteou-o com força. Hussein reclamou da agressão sofrida.

— Por que me bates, se estou dizendo só a verdade?

— Não chames o túmulo do rei David de maldito, cão raivoso!

— Desculpe-me, primo! Eu o chamei assim pela encrenca em que estou, mas David é abençoado.

— Então digas o que tens a ver com o desaparecimento de lorde Silverstone.

— Eu, para satisfazer a ele, informei-lhe que o lugar onde ficava o túmulo ficava no deserto do Sinai. Tens um mapa aqui?

A uma ordem de Levi, logo alguém trouxe um.

— É aqui o lugar onde ele iria iniciar suas pesquisas.

— Mas aqui só há areias e nada mais.

— Isto nós dois sabemos, mas ele desconhecia tal coisa.

— Por que fizestes isso com ele?

— Ora, primo! Eu busquei em todas as minhas fontes de informações e nenhuma soube me informar nada sobre o tal túmulo ou o lugar onde se localiza. Mas eu não podia permitir que lorde Silverstone fosse dar suas 5 mil libras inglesas a outro menos escrupuloso que eu, que certamente lhe venderia tal segredo com muitas riquezas de detalhes.

Mas como eu sabia que você e seus homens o vigiavam, disse-lhe que fosse para o sul e depois retornasse, e assim despistaria seus seguidores. Ele enviou seu navio para este ponto aqui.

Hussein mostrou um ponto do mapa bem ao norte do deserto e nas costas marítimas.

— Ali existe um povoado e seria o ponto de encontro dele com o pessoal do navio com os equipamentos.

— Mas como era uma informação falsa, você vendeu Silverstone a um dos ratos irmãos seus.

— Digamos que eu devia alguns favores a Ismail e lhe paguei todos de uma só vez.

— Ismail? O salteador sanguinário?

— Ele mesmo. Irá trocar lorde Silverstone por armas e munição para seus homens.

— Mas Ismail jamais libertou um prisioneiro.

— Oh, Ismail é muito emotivo e odeia os ingleses, pois acredita que se não fosse pelos seus soldados, quem seria o sultão do Egito seria ele, o cão do deserto.

— Ele é um sanguinário, isto sim.

— Pois é isto, primo!

— Então você já não vale mais nada para mim, Hussein. É hora de morrer, cão traiçoeiro!

— Não faça isto, Levi! Há mais uma coisa que precisas saber.

— O que é? Digas logo, cão leproso!

— Ismail sabia que eu era vigiado por seus homens. Então procurei me precaver contra qualquer traição vinda de você. Como ele é quase um irmão para mim e eu para ele, então me jurou que degolará cem dos mais ilustres dos seus irmãos, Levi!

Agora é a sua vez de escolher. A vida de um cão leproso pela de cem dos seus. Mas saibas que Ismail gosta de sangue e, depois que começar, dificilmente alguém o fará parar. Ele tem centenas de seguidores aqui no Cairo e milhares em todo o deserto. Escolha, Levi! Um por cem é um grande negócio, principalmente porque entre os cem certamente estarão você e seus agentes.

— Seu miserável! — falou Levi.

Levi pensou um pouco. As palavras de Hussein tinham fundamento. Ismail era procurado tanto pelo sultão quanto pelo exército inglês. Ninguém sabia do seu paradeiro e seus crimes atingiam a todos, independentemente de raça ou religião.

Então Hussein era mais um dos que lhe davam cobertura.

— Sabes que eu poderia entregá-lo aos ingleses, Hussein?

— Faça isto, Levi. Mas o número cem será dobrado. Ismail sabe que só você está me vigiando e não pensará duas vezes para ordenar que seus homens deem início a um banho de sangue.

— Então nada pode lhe acontecer, não é mesmo, Hussein?

— Sabe, Levi, você pode ter sido educado nas boas escolas europeias e ter convivido com os poderosos daquela parte do mundo, mas pouco entende do nosso modo de vida e do equilíbrio precário que sustenta tantas pessoas a salvo no meio deste barril de pólvora chamado Egito. Eu sei de “irmãos” seus que são piores que eu e vendem o Egito aos ingleses, e ainda assim não toco neles, porque não quero quebrar a tênue linha que nos mantém vivos. Aqui trocamos muitas coisas, mas a vida é sagrada. Só poderemos pagar a nossa com a do vizinho e vice-versa. Escolha logo, Levi!

Algum dos meus homens já deve ter ido ao encontro de Ismail em algum lugar do deserto e logo o sangue correrá.

— Mas se algum dos seus já partiu, então não poderás deter Ismail.

— Se fores generoso, eu consigo isto, Levi!

— O que estás insinuando?

— Fui humilhado pelos seus homens ao ser trazido a força até aqui. Não me preocupo pelo vexame que sofri, mas sim pela vida dos seus.

— Desembuche logo e deixe de rodeios, Hussein!

— Terei de enviar alguns homens até Ismail e impedir que se consuma sua vingança.

— Quanto?

— Duas mil libras inglesas serão suficientes para impedir que um seguidor qualquer dele comece o massacre.

— É muito, Hussein.

— É o preço da humilhação que sofri, Levi.

— Dou-lhe quinhentas.

— Prefiro a morte a ter que ser chamado de miserável por Ismail.

Depois de algumas trocas de insultos, Hussein saiu do porão com mil libras inglesas. À guisa de despedida, falou:

— Afaste seus homens do meu caminho, Levi. Nós conhecemos os 23 que o servem e se os virmos de agora em diante rondando nossos negócios, não será bom para eles o sol do deserto.

Levi nada demonstrou, mas no íntimo impressionou-se com o que sabia a seu respeito o antiquário Hussein.

O árabe partiu apressado e com um sorriso no rosto. Mas assim que se lembrou da bofetada desferida contra seu rosto por Levi, um ódio mortal estampou-se no seu rosto.

“Você só precipitou sua morte, Levi! Terá seu couro arrancado com você ainda vivo, miserável.”

Assim que chegou à sua casa, Hussein chamou um empregado e lhe deu várias ordens.

Uma delas era para ele ir até Ismail, o chefe do bando de salteadores, e avisá-lo de que o cão mostrara os dentes.



Era uma senha que selava o destino de Levi.

Este por sua vez fora até o hotel onde estava Morris e falou:

— Dr. Morris, minha fonte de informações é muito pobre de recursos. A única coisa que pôde me dizer é que o túmulo do rei David fica no deserto do Sinai.

— Ele não deu nenhuma informação mais precisa?

Levi jogou com a sorte e, num repente, falou:

— Monte Sinai, Dr. Morris!

— Tem sua lógica, Sr. Levi. Estive olhando este mapa e cheguei à conclusão de que o único lugar plausível para alguém da importância do rei David ser enterrado seria o Monte Sinai.

— O senhor já o conhece?

— Nunca o vi pessoalmente, Sr. Levi. Não sei como é a região, mas já que conseguistes muito pouco, vamos até lá para que eu possa estabelecer uma pesquisa de campo e explorar as alternativas que teriam nossos antepassados no caso de quererem evitar que ele fosse objeto de idolatria.

— Acreditas nessa hipótese?

— Sim. O rei David foi um homem excepcional e muito mais evoluído que a época em que viveu. Fez coisas que nenhum dos nossos superou em grandeza ou sabedoria. Nem Salomão com todo o seu esplendor foi superior a David no aspecto político ou religioso. Se o trouxeram para tão longe, possivelmente foi para evitar que seu túmulo virasse local de idolatria por seus seguidores.

— Seu raciocínio tem a lógica dos sábios, Dr. Morris. Eu jamais teria encarado isto por este ângulo. O máximo que conseguiria era estabelecer uma ligação da grandeza de David com o desejo de nossos antepassados em manter seu túmulo inviolável e protegido dos estrangeiros ou ladrões.

— Mas ainda resta uma outra hipótese, Sr. Levi!

— Qual?

— Talvez por motivos políticos.

— Como assim?

— Os que sucederam David talvez se sentissem ofuscados pela sua grandeza e quisessem que sua memória fosse mantida longe dos súditos e seu legado fosse logo esquecido para que não

fossem feitas certas comparações, que certamente seriam feitas, no caso de não serem tão probos como ele.

— Em qualquer hipótese há uma lógica, Dr. Morris.

— Isto no caso de estarmos atrás de algo real, Sr. Levi!

— Nada de pessimismo! Estás descansado?

— Sim.

— Então partiremos ao anoitecer. Já temos tudo pronto para que alcancemos o deserto do Sinai em poucos dias.

Quando a noite chegou, Levi, Morris e alguns homens partiram rumo ao sul do deserto do Sinai. O monte que levava o seu nome era o alvo a ser alcançado o mais depressa possível.

Viajaram a noite toda. Seif, o guia, conhecia a região como a palma de sua mão e, ao amanhecer, estavam no mesmo oásis onde lorde Silverstone fora atacado.

Enquanto uma parte da expedição descansava, outra ficou de guarda, pois temiam um ataque. À tarde houve um revezamento e Levi ficou de guarda juntamente com outros homens. Quanto ao Dr. Morris, bem, ele se debruçava sobre mapas antigos e modernos à procura de rotas que denunciasses uma possível posição escolhida pelos contemporâneos do rei David e assim chegar a uma localização mais lógica para o terem sepultado.

Já anoitecia quando o grupo partiu. Não haviam avançado uma milha quando um grupo numeroso de salteadores caiu sobre eles. O ataque foi tão fulminante que quase todos morreram. Levi estava com um ferimento no peito e outro na coxa direita. O Dr. Morris, num lance de sorte, jogou-se na areia e rolou ribanceira abaixo, indo parar numa depressão que o protegeu da morte certa. Sacou de seu revólver e fingiu de morto. Com a escuridão a protegê-lo, ficou vigiando se alguém vinha à sua procura.

Ismail também recebeu um balaço no peito e agonizava sob as vistas dos seus assustados sequazes.

Morris ouviu os gritos dos restantes da expedição ao serem mortos. Mas ouviu também quando alguém gritou:

— Este não! Ele é o tal Levi que Hussein quer vivo. Vamos improvisar uma padiola para levá-lo ao chefe e Ismail até a aldeia.



Morris ficou quieto no seu esconderijo e viu quando partiam devagar levando os dois feridos. Assim que sumiram de vista foi até o local onde vários corpos jaziam e vestiu o fato de um árabe por cima de suas roupas e cobriu sua cabeça como faziam os salteadores, apanhou um dos velhos rifles ingleses e saiu à procura de um cavalo. Quando conseguiu apanhar um, viu que era o que montava até o momento do ataque.

Galopou na direção que iam os salteadores e bem mais tarde os localizou sob a fraca luz da lua. Manteve a distância suficiente para não ser descoberto e assim poder libertar Levi quando parassem.

Ao amanhecer, viu eles chegarem a uma aldeia à beira-mar. Morris ocultou seu cavalo e aproximou-se sorrateiro por trás de umas velhas construções.

Aproximou-se o suficiente para ouvir o que falavam e pôde ouvir o que diziam os salteadores, tristes com o azar do chefe.

— O que faremos, agora que Ismail morreu? — disse um deles.

— Vamos para o sul levar Levi ao Sr. Hussein. — falou o outro.

— Pelo menos receberemos o que o velho prometeu a Ismail.

— Mas e se ele não quiser nos pagar? — insistiu o primeiro.

— Nós o degolamos juntamente com o desgraçado que matou Ismail.

— E a mulher inglesa? O que faremos com ela?

— Deixe-a aí mesmo onde Ismail a prendeu. Depois de recebermos a recompensa de Hussein voltaremos e a levaremos até um mercado para vendê-la. Ela é bonita e vale um bom dinheiro no mercado de escravos.

— Por que não nos divertimos um pouco com ela antes?

— Tens razão! Vamos até onde ela está.

Morris observou onde eles entraram e logo ouviu gritos de uma mulher. Aproveitou a distração e foi até onde Ismail jazia morto. Suas vestes árabes e sujas de sangue o ocultava de qualquer outro daqueles salteadores, andava devagar para simular ferimento e tomou um pouco de água de uma bolsa deixada perto do corpo de Ismail. Como ela estava quase cheia, pendurou-a no seu pescoço e

olhou os ferimentos de Levi. Tomou o seu pulso e o sentiu muito fraco. Logo ele estaria morto, pensou Morris.

Apanhou mais um fuzil, cartuchos de balas e outra bolsa cheia de água e voltou lentamente ao seu ponto de observação. Dali viu quando os dois salteadores saíram sorridentes de uma velha construção sem janelas e trancaram a porta por fora.

Pouco depois, um mais expedito dava ordens para que levantassem acampamento.

Meia hora depois saiu de seu esconderijo e foi até onde estava aprisionada a mulher. Com uma pedra estourou a fechadura, e a porta escancarou-se.

— Não me toques mais, seu maldito. Deixem-me em paz! — gritou Shirley.

— Acalme-se, senhora. Não sou um salteador.

— Quem é você?

— Um amigo que veio libertá-la. Levante-se e acompanhe-me.

— Quem é você?

— Morris, um inglês.

— Morris?

— Sim, Albert Morris. Fomos atacados próximos de um oásis e meu amigo foi trazido até aqui.

— Quem é ele?

— Levi é o seu nome.

— Ouvi quando o antiquário Hussein pronunciou este nome várias vezes ao chefe dos salteadores. Isto foi ontem, no local onde mora o tal Ismail. Serão os mesmos?

— Sim. O tal Ismail morreu, e Levi agonizava quando o examinei. Já deve ter morrido a esta hora. Como se chama, mulher?

— Shirley Kemps Silverstone. Ismail matou meu marido.

— Você é a esposa de lorde Silverstone?

— Sim.

Morris a levou para fora do quarto semiescuro e a olhou bem. Aquela mulher lhe parecia familiar, mas não se recordava de onde. Afinal, ele só a vira uma vez e por poucos instantes na sua cabine do navio e ainda assim estava um pouco escuro. Além do mais, ela

havia mudado muito devido ao sol abrasante e a brutalidade dos seus raptos. Então ele falou:

— Kemps! Kemps!! Você não é a neta de um senhor Kemps que conheci numa viagem há algum tempo atrás?

— Sou a esposa de lorde Silverstone, Sr. Morris! Quem é o senhor? — falou Shirley lembrando-se do arqueólogo.

— Arqueólogo, senhora. Tome, beba um pouco de água enquanto procuro por uma veste mais adequada para viajarmos pelo deserto.

— Para onde vamos, Sr. Morris?

— Direto a Luxor. Lá terei meios de ajudá-la, senhora. Além do mais, logo os salteadores voltarão para apanhá-la e levá-la até um mercado de escravos e vendê-la a quem fizer a melhor oferta.

— Salve-me deles, Sr. Morris. Já não suporto mais tanto sofrimento e humilhação — falou Shirley chorando.

Ele a abraçou e procurou acalmá-la, imaginou o quanto ela, uma dama inglesa, deveria ter sofrido nas mãos daqueles salteadores. Levou-a para junto do cavalo e saiu à procura de roupas que cobrissem seu corpo. O jeito foi tirar as vestes de Ismail. Foi até um poço que havia na aldeia abandonada e a lavou do sangue já seco. Também lavou a que vestia. Quando ela vestiu aquelas roupas bem maiores, ficou um tanto estranha, mas servia para ocultar suas formas femininas.

Morris achou melhor tomar outro caminho e ir pelo norte. O melhor seria ir até onde não poderiam ser encontrados pelos salteadores e depois tomar a direção da cidade do Cairo. Lá falaria com as autoridades inglesas e voltaria a Luxor em segurança.

Viajaram no mesmo cavalo por várias horas, até que achou melhor deixá-lo descansar um pouco. A partir dali, andaram.

— O que a trouxe a um lugar como este, lady Silverstone?

— Uma loucura do meu marido, Sr. Morris.

— Que loucura?

— Prefiro não falar sobre o assunto, Sr. Morris. Para mim já chega de confusão.

— Seria o túmulo do rei David, senhora?

— Como? O senhor também está à procura dele?

— Sim. Eu ia para o provável lugar onde ele se encontra.

— Vejo que meu marido não era o único que esperava encontrá-lo.

Shirley sabia que Morris era o homem que havia entregado os seus documentos pessoais ao seu marido, então falou:

— O que o senhor sabe sobre o túmulo do rei David, Sr. Morris?

— Pouco, lady Silverstone. Cheguei à conclusão de que ele está localizado no Monte Sinai.

— Pois foi onde meu marido me disse que ele estava localizado.

— Quem falou isso para ele?

— O antiquário Hussein, depois de arrancar-lhe vários milhares de libras.

— Hussein! A senhora disse que ouviu Hussein falar várias vezes o nome de Levi. Então são a mesma pessoa.

Morris parou um pouco e pensou. Então falou:

— Senhora, estamos mais perto do que nunca do local onde se encontra um dos maiores tesouros históricos. Queres acompanhar-me até o Monte Sinai?

— Mas, Sr. Morris! Esta loucura já causou a morte de muitas pessoas. Para mim já é o suficiente eu voltar ao convívio de pessoas civilizadas.


— Então me diga o que seu marido descobriu e eu a ajudo chegar até a cidade do Cairo.

— Tens um mapa com o senhor?

— Um momento, devo ter um no meu bolso.

Morris retirou o mapa e o abriu. Shirley achou que devia compensar Morris pela traição de Silverstone e lhe mostrou onde se localizava o túmulo de David. Ele o assinalou e reiniciou a marcha. Ao entardecer, encontrou uma coluna mista de soldados egípcios e ingleses.

Após apresentar-se ao comandante inglês e explicar o que lhe acontecera e a seus amigos, apresentou a ele lady Shirley Kempes Silverstone. O comandante foi até ela e a cumprimentou.



Shirley, ao sentir-se salva começou a chorar. O comandante inglês a conduziu a uma carroça e ela subiu. Então ele perguntou-lhe se gostaria de falar sobre o acontecido.

Ela explicou-lhe que iam a Luxor quando foram atacados, depois foram levados a uma aldeia abandonada à beira-mar e ali lorde Silverstone foi morto por um homem chamado Ismail. Depois ele a levou a uma aldeia mais ao sul, onde tem sua base e a fez sua escrava, mas graças ao Sr. Morris ela fora salva por um acaso do destino.

— Uma patrulha a conduzirá em segurança até o Cairo, lady Kems Silverstone. Eu irei com o resto dos soldados e o Sr. Morris até a aldeia e prenderemos os restantes dos assassinos.

— Sim, senhor, e muito obrigada, comandante.

— Disponha, senhora. Digas ao governador que já não deve pagar o resgate pedido por Ismail, pois lorde Silverstone está morto.

— Eu direi, senhor.

— Se não fosse pelos bandidos, eu pessoalmente a acompanharia, senhora. Mas fique tranquila, porque está em segurança.

— Compreendo, comandante. Castigues esses salteadores pela morte de meu marido.

— Eles sentirão a garra do leão em suas jugulares por terem ousado tanto contra a Coroa britânica. Isto eu lhe garanto!

— Obrigada, senhor!

Shirley partiu com os soldados, e Morris cavalgou ao sul ao lado da longa coluna de soldados. Quando chegaram à aldeia abandonada, um grande grupo de salteadores foi surpreendido e massacrado. Como era noite, os corpos foram amontoados, e os soldados acamparam ali mesmo.

Ao amanhecer do dia seguinte, partiam rumo à aldeia onde ficava a casa de Ismail e ponto de encontro dos salteadores há muito procurados; ao entardecer, o trabalho estava feito.

Morris conseguiu que o comandante lhe desse uma escolta para acompanhá-lo até o Monte Sinai. Contou uma história diferente da do túmulo de David. Doze ingleses iam com ele. Atravessaram o golfo do mar Vermelho e logo estavam do outro lado, bem na direção do seu alvo.

No entardecer do dia seguinte, estavam próximos do Monte Sinai. Morris abriu o mapa e o analisou bem.

Havia algo na indicação que não atendia aos requisitos de uma sepultura. Quando chegou ao local, viu que estava certo em suas deduções. Pediu aos soldados que vasculhassem à volta dele e procurassem indícios de cavernas.

Foram dois dias de procura, mas no final do segundo dia veio a recompensa. Por trás de uma enorme pedra, triangulada na face norte, foi encontrada uma estreita passagem. Morris reuniu todos os soldados ali e, com uma tocha, entrou nela. Caminhou por uns dez metros e desembocou em uma grande caverna. Ali havia muitas ossadas humanas. Examinou tudo, mas nada encontrou que o satisfizesse. Então chamou os soldados, e o exame em busca de uma gruta ou passagem oculta foi iniciado.

Do lado de fora já havia escurecido, mas Morris não desistia de sua busca. Uma pedra chamou-lhe a atenção. Convocou os soldados e a removeram depois de muito esforço.

Nesse momento Morris viu seus esforços coroados, pois havia uma passagem estreita que não era natural. Ela havia sido entalhada na rocha. Com toda cautela, ele rastejou e deu numa câmara mortuária.

Viu um esqueleto envolto numa mortalha toda puída pelo tempo. Ao lado, viu um baú. Chamou um soldado e, com a ajuda dele, retirou-o do interior da tumba. Quando o abriu, viu rolos e mais rolos com escritas muito antigas. Ela não lhe era estranha, mas não iria perder tempo tentando ler o que estava escrito. Procurou mais alguma coisa que pudesse ter pertencido a um rei, mas nada encontrou. Então ordenou aos soldados que lhe passassem os esqueletos espalhados no interior da caverna. Após recolher todos ao interior da tumba, Morris salpicou de areia a estreita passagem e tornaram a recolocar a pedra em seu lugar. Novamente ele jogou areia em toda a volta da pedra. Com a ajuda dos soldados, apagaram todas as pegadas feitas por eles e saíram da caverna eliminando todo vestígio que pudesse denunciar a presença de alguém ali.

O mesmo cuidado foi tomado em relação ao acesso a pedra. Quando Morris se deu por satisfeito, já eram dez horas da noite.

Voltaram para o improvisado acampamento e descansaram o resto da noite.

Ao amanhecer, Morris pediu uma das mochilas dos soldados e colocou nela os rolos de papiro. Depois disso, quebrou a velha arca e a lançou na fogueira. Ficou escrevendo uma carta a Shirley enquanto esperava que o fogo consumisse toda a arca. Dobrou a carta e a entregou ao sargento que comandava o destacamento.

— Entregues esta sacola com estas inutilidades e esta carta a lady Silverstone, Sr. Philips.

— Sim, senhor. Diga-me, Dr. Morris, o que esperava encontrar?

— Por que a curiosidade?

— Desculpe-me, mas estás muito triste.

— Bem, sargento, muitos morreram por nada. Todos pensavam encontrar uma fortuna em pedras preciosas, joias e outras coisas tão ao agrado dos homens ambiciosos, e o que havia era os restos mortais de um sacerdote egípcio.

— Isso costuma acontecer, Dr. Morris. Já vi vários homens perderem suas vidas a troco de nada.

— Não sei ao certo o que lorde Silverstone procurava, mas penso que o ridículo achado deve ficar só entre nós, sargento! Não seria bom para nós, ingleses, ver estampado nos jornais que lorde Silverstone morreu a troco de nada.

— Tens razão. Isso encheria de júbilo essas pessoas que vivem de vender aos tolos informações falsas a respeito de tesouros inimagináveis.

— Diga isso aos seus homens, senão a memória de lorde Silverstone será manchada. Não lhe serão atribuídas as honras de ter sido morto quando visitava uma das colônias do império britânico, mas sim será zombado como mais um dos tolos que morrem por causa de suas ambições.

— A versão oficial permanecerá, Sr. Morris.

— Caso não encontres lady Silverstone quando chegarem ao Cairo, não dê isto a mais ninguém, sargento. Pode não valer nada, mas para ela tem o valor da vida do seu marido.

— Nem ao meu comandante?

— Não. Ela me deve 400 libras pelo serviço prestado, portanto, quero que as recebas por mim e as distribua entre esses homens que me acompanharam.

— Mas, Sr. Morris!

— Faça isto, senhor. Eu não posso receber um pagamento por nada. Então que seja dado a vocês que passam a vida toda a nos proteger enquanto ficamos a cometer erros monumentais nestas paragens desconhecidas.

— Já que foi o senhor quem disse isso, eu aprovo totalmente.

Ainda conversaram mais um pouco até que Morris apanhou a mortalha que envolvia o esqueleto e a lançou no fogo. Um pouco mais tarde, partiram. Quando chegaram ao oásis fatídico, Morris agradeceu aos soldados e foi sozinho para Luxor.

Ja pensativo sobre tudo o que já acontecera desde que Löwenstein lhe comunicara sobre a existência do túmulo de David. Havia sido uma sucessão interminável de mentiras. Todos mentiam ao mesmo tempo para todos os envolvidos na busca do túmulo. Ele mesmo mentira há pouco ao soldado ao dizer-lhe que os rolos de papiro encontrados nada valiam. Era uma forma de mantê-los a salvo até que voltasse à Inglaterra e pudesse decifrá-los.

Se algo de importante houvesse neles, então seria a sua consagração como arqueólogo e historiador.

Com lady Silverstone estariam seguros, porque na carta ele lhe pedira para que guardasse muito bem aqueles rolos de papiro até que ele, Morris, fosse apanhá-los em Londres.

Quando chegou ao local das escavações, outra surpresa desagradável o esperava. Levi estava à sua espera, e tinha Hussein ao seu lado.

Seu espanto foi muito grande, pois julgava Levi morto e Hussein seu inimigo mortal.

— Como conseguistes se salvar, Dr. Morris? — perguntou Levi.

— Pura sorte, Sr. Levi. Mas lhe devolvo a pergunta, se eu mesmo o vi agonizando.

— Eu dramatizei um pouco os meus ferimentos e isto me salvou a vida. Agradeço pela água que me destes enquanto os bandidos de Ismail descansavam. Quando fiquei a sós com Hussein, chegamos a um acordo e aqui estou eu, ferido, mas vivo.

Morris usou de toda a sua capacidade de encenação e de mentir e falou:

— Você está louco, Levi! Tantas mortes por nada.

— Como nada?

— Este homem aí, Hussein, vem enganando a todo mundo, pois não existe o tal túmulo com os livros de David. Tudo não passa de uma bem montada trama para arrancar dinheiro dos tolos.

— Como podes saber?

Morris retirou o mapa do bolso e o mostrou aos dois homens.

— Este foi o local que este homem aí indicou a lorde Silverstone como o lugar onde se encontraria o tal túmulo. Sabes o que há aí, Levi? Só uma encosta íngreme e sem o menor vestígio de abrigar nada além de serpentes e escorpiões venenosos.

Hussein olhou o local e falou:

— Este é o local que indiquei a Silverstone, Levi! Mas o Monte Sinai é muito grande e deve ser vasculhado com mais atenção. E lorde Silverstone fará isto para nós, pois seu navio leva equipamentos adequados e provisões suficientes.

— Prepare-se, Dr. Morris, nós vamos voltar lá amanhã mesmo e esperar que lorde Silverstone o encontre para nós. O guia dele nos contratará como auxiliares que conhecem o local e, na hora em que for achado, nos apossamos do que for encontrado.

— Silverstone está vivo? — perguntou Morris.

— Sim. — falou Hussein.

E este lhe contou todo o plano armado para desviá-lo da espionagem de Levi. Quando Hussein acabou o seu relato, Morris estava boquiaberto. Então lhe perguntou:

— E como se explica que a esposa dele estivesse prisioneira de Ismail?

— Não sei o porquê, mas foi o próprio Silverstone quem a deu para Ismail.

— Que loucura! Vocês estão loucos e deviam estar presos num manicômio para doentes mentais perigosos. Como pode o marido entregar a própria mulher a assassinos como Ismail? Eu vi quando os homens dele a violentaram com brutalidade e a libertei num estado lamentável.

— Coisas da vida, Dr. Morris! — exclamou Levi. — Vá descansar, pois amanhã cedo partiremos rumo ao Monte Sinai e aguardaremos a chegada de lorde Silverstone.

— Sinto muito, Sr. Levi, mas para mim chega dessa loucura.

— O senhor irá conosco, Dr. Morris! — exclamou incisivo Levi.

Morris tirou seu revólver da cintura e o entregou a Levi.

— Aí tens a minha resposta, Levi!

— O que significa isto?

— Você é um assassino frio, e não vou mais participar de sua loucura criminosa. Minha vida, eu a dediquei ao estudo e às pesquisas e não vou mais me envolver com sua carreira criminosa.

— Não vai me deixar agora, ou acabo com sua carreira afastando-o do meio acadêmico britânico.

— Faça melhor, Levi. Acabes com minha vida!

— Estás louco, Dr. Morris?

— Não, Levi. Só estou tentando evitar de me tornar um igual a todos vocês. Aperte o gatilho, Levi!

— Vou fazer melhor, Dr. Morris. Vou encerrar sua tão sonhada descoberta do local onde estão os malditos restos mortais dos faraós.

— Isto não compete a você, e sim ao Barão R.

— Aí você se engana! Se fosse por ele, o senhor continuaria na América do Sul, morrendo de malária.

— Não creio nisso, Levi!

— Aqui estão os documentos me dando o direito de interromper suas escavações quando me aprouver.

Morris leu os documentos de Levi e perguntou-lhe:

— Tudo isto foi só por causa de sua loucura, Levi?

— Digamos que sim. Ou me acompanha e me ajuda ou o dispenso agora mesmo e voltas para casa arruinado, Dr. Morris!

— Então encerres de vez esta loucura, Levi! Dê-me um documento em que fique bem claro que foi você quem decidiu parar com as escavações, porque não vou interrompê-las agora que estou tão próximo de alcançar grandes descobertas.

— Estás enganado, Dr. Morris. Eu perguntei aos seus homens sobre isso, e estão todos muito desanimados com os resultados alcançados.

— Ainda assim exijo minha dispensa por escrito. Não vou querer me justificar por uma atitude prepotente e tomada à revelia tanto do Barão R. quanto minha.

Levi chamou um dos seus auxiliares que haviam vigiado o Dr. Morris e mandou que redigisse dois documentos. Um foi dado ao Dr. Morris e o outro o próprio redator foi encarregado de levar ao Barão R. em Londres, juntamente com um pedido de mais 20 mil libras esterlinas.

— Vejo que o Barão R. é muito generoso contigo, Levi. Já que dinheiro não é problema para você, quero receber o resto do que tratamos pela minha vinda até aqui.

— Sinto muito, Dr. Morris. Meu dinheiro acabou.

— É problema seu. Ou me paga ou irei às autoridades inglesas e o denunciarei.

— Ou eu o mato, não?

— Isto mesmo, Levi, ou você me mata.

Muito a contragosto, Levi pagou Morris e falou:

— Posso pernoitar em seu acampamento, Dr. Morris?

— Faça como quiser, Levi. Você já me causou muitos problemas e aguentá-lo por perto mais um dia não será difícil.

Morris foi descansar, mas antes deu uma olhada no andamento das escavações. Tinha certeza que no local havia algo muito grande.

Ao anoitecer, Levi e Hussein partiram do acampamento rumo ao Monte Sinai. No dia seguinte foi Morris quem deixou o acampamento depois de dar várias ordens.

Rumou direto para o Cairo à procura de Shirley.

Encontrou-a hospedada na casa do governador inglês. Assim que ela o viu, sorriu e o abraçou dizendo:

— Que alegria revê-lo, Dr. Morris! Serei eternamente grata ao senhor.

— Então posso lhe pedir algo?

— Sim.

— Onde podemos falar em particular?

— Venhas aos meus aposentos, Dr. Morris.

Assim que ficaram a sós, ela tirou de um baú a mochila com os rolos de papiro e lhe entregou.

— Fiques com eles, Dr. Morris! Logo partirei de volta a Londres.

— Por quê?

— Já não tenho nada que me detenha por aqui.

— Primeiro, quero que guardes e leve consigo estes rolos de papiro para Londres. Eu os apanharei quando retornar à Inglaterra. São muito cobiçados e, como estivestes fora de toda esta loucura, ninguém suspeitará que estarão com a senhora.

— São os tais livros de David?

— Ainda não os examinei, mas creio que sim. Mas tem algo que deves saber.

— Então digas logo, Dr. Morris!

— Lorde Silverstone está vivo e à espera da chegada do seu navio às margens do Mar Vermelho.

Shirley assustou-se com a notícia e sorriu e chorou ao mesmo tempo. Morris esperou que ela se acalmasse para continuar. Quando falou, ela não sorriu ou chorou, mas revoltou-se com o que ouvia. Um nome citado por ele a chocou muito, mas ele não percebeu devido ao seu estado emocional alterado.

Após Morris falar, ela comentou:

— Quanta sordidez e traição nesta louca aventura.

— Também penso assim, minha senhora. Olhes isto aqui.

Ele lhe mostrou o documento que encerrava sua expedição em Luxor, assinada por Levi.

— Isso significa que ele o usou o tempo todo, não?

— Sim. Por isso eu vim até a senhora. Gostaria de pedir-lhe que me auxiliasse para que eu não seja forçado a interromper minhas pesquisas. Sei que em poucas semanas encontrarei algo muito grande.

— De quanto precisas, Dr. Morris?

— Por enquanto duas mil libras serão suficientes.

— Vou chamar o criado, pois ele está com os pertences de meu marido. Só lhe peço que não digas a mais ninguém que ele está vivo e planejou minha morte. Este será mais um dos nossos segredos, Dr. Morris.

— Então posso contar com seu financiamento?

— Sim. Tudo o que precisar me peça, pois oficialmente ele está morto e eu estou assinando alguns contratos firmados por ele com a intermediação do governador. E, como ele planejava assiná-los quando voltasse, eu assumi seu lugar e agora tenho pleno acesso aos seus negócios. Vou sacar uma grande quantia antes que ele retorne, e terá tudo o que for preciso para levar adiante sua expedição.

— A senhora é muito generosa, milady.

— Devo-lhe a vida, Dr. Morris, e isto é o mínimo que posso fazer, por enquanto.

— Se vai permanecer aqui, então a aconselho a se mudar para uma residência particular. Assim, só a senhora ficará sabendo do andamento de minhas descobertas.

— Assim que tiver me instalado, eu lhe enviarei o endereço, Dr. Morris.

— Está certo. E, caso eu venha a descobrir algo de valor, enviarei aos seus cuidados os achados. Diga-me, senhora, onde adquiristes este colar?

— Em Alexandria. Eu o comprei de um antiquário que um rapaz daqui me indicou.

— Ele é árabe?

— Não. É um judeu-egípcio.

— Então não foi Hussein quem vendeu a informação do local da tumba dos faraós a Levi.

— Como assim?

— Veja, aí falta uma pedra, e eu a tenho com toda a certeza. Posso examiná-lo?

— Claro! — Shirley lhe deu o colar, e Morris tirou do bolso um pequeno brilhante que se encaixou perfeito nas pequenas garras.

— Incrível! Onde o senhor o achou?

— Numa escavação próxima de onde estou trabalhando. Agora já sei para onde direcionar meus homens.

— Espero que tenhas muito sucesso, Dr. Morris.

— Será o nosso sucesso, lady Silverstone! Nosso sucesso e de ninguém mais! Logo terás boas notícias enviadas por mim ou trazidas pessoalmente.

— Então me aguarde aqui mesmo que vou pegar o dinheiro com o criado, Dr. Morris! Mas tudo o que encontrares será seu, pois acho que o senhor fez por merecer um sorriso da boa sorte.

— Não, tudo será dividido meio a meio, senhora. Só espero que o seu marido não se aposse de sua parte.

— Ele nem sabe que estou aqui, Dr. Morris. Ficará surpreso e encrencado quando voltar.

Shirley saiu e pouco depois voltou com a quantia pedida pelo arqueólogo. Ele se despediu e foi sorridente ao encontro do seu promissor futuro.

Quanto a Shirley, bem, ela fechou a porta do seu quarto e jogou-se na cama aos prantos. Ela havia suportado todas as humilhações com certo estoicismo; todas as traições com certa galhardia. Mas o que ouvira de Morris já era demais.

Como tantos enganaram e traíram por tanto tempo só por causa de interesses escusos.

Shirley não chorava por causa de lorde Silverstone e sua bem urdida trama para se livrar dela, mas sim por David.

Sim, Morris dissera há pouco que Levi lhe contara que até o capitão do navio o espionava e que David Redcliff era empregado do Barão R. que tinha por obrigação vigiar qualquer pessoa que entrasse em contato com ele, Morris, durante a longa viagem, e que deveria facilitar o embarque de quem julgasse suspeito.

Então David soubera o tempo todo que Silverstone estava mentindo e que ela não era neta dele. Por isso ele concordara tão facilmente quando ela lhe dissera que iria desembarcar para tornar-se dona de uma grande fortuna com os papéis conseguidos e também concordara em ficar esperando-a em Alexandria por tanto tempo.

Na certa Levi fazia seu jogo às custas do Barão R., mas ele por sua vez usava David para fazer seu jogo pessoal e vigiava a todos por meio do seu fiel capitão. Só que várias coisas estavam

acontecendo fora do planejado por cada um dos participantes daquela suja aventura.

David possuía os papéis que incriminavam Silverstone. Este por sua vez viera para se apossar das descobertas de Morris e acabara indo atrás do tal túmulo e livro de David. Morris fora o mais enganado nesta história toda e agora se colocava sob sua proteção financeira. Ela, Shirley Kemps, era agora uma lady britânica e não uma prostituta vulgar.

Então tinha que agir rápido, se quisesse continuar sendo uma lady. David estava com os documentos e o diário de seu pai e precisava reavê-los com urgência, caso não quisesse ser passada para trás, uma vez que eram falsos os que ela “queimara”.

Shirley foi falar com o governador e disse-lhe assim:

— Preciso mais uma vez do seu auxílio, governador!

— Do que se trata, lady Kemps Silverstone?

— Encontrei entre os papéis de meu marido um comunicado ao comandante do seu navio. Ele havia ordenado que o capitão o esperasse no mar Vermelho, pois pretendia fazer-me uma surpresa.

— Que surpresa?

— Iria me levar a conhecer toda a costa africana e depois voltaria aqui para concluir seus negócios e voltarmos a Londres.

— Por isto ele ia para o sul?

— Creio que sim.

— O que posso fazer pela senhora então?

— Preciso de uma escolta para chegar até onde o navio deve estar ancorado à nossa espera e mandá-lo de volta.

— Queres que eu mande um mensageiro?

— Não, governador. Prefiro ir pessoalmente. Assim o capitão não desobedecerá às ordens que recebeu de meu falecido marido.

— Que ordens são essas?

— De só fazer o que ele ordenasse.

— Como queiras. Lorde Silverstone era um homem estranho.

— Pode ceder-me os jornais que falam do rapto dele e de sua posterior morte? Creio que com isso serei obedecida pelo seu leal capitão.

— Sim, senhora. Quando pretendes partir?

— Amanhã mesmo. Quero voltar o mais rápido possível e concluir os negócios por ele iniciados para então voltar a Londres. Imagino que por lá as coisas não estão melhores que por aqui.

— Ao amanhecer, os soldados estarão prontos, senhora. Assim, logo poderemos fechar de vez os negócios iniciados por lord Silverstone.

— Obrigada, senhor governador!

— Disponhas, milady.

Shirley voltou aos seus aposentos e começou a separar algumas peças de roupas, próprias para viajar pelo deserto em uma montaria.

Ao amanhecer, o comandante que a trouxera quando fora salva dos salteadores já a esperava no alojamento dos soldados com um destacamento pronto. Após cumprimentá-la, comentou:

— Hoje estás bem melhor que quando a encontramos no deserto, lady Kemps Silverstone!

— Obrigada pelo elogio, comandante! Também me sinto mais forte após tudo o que aconteceu comigo nos últimos dias.

— És uma mulher extraordinária, milady! Só honras a memória de lord Silverstone.

— Espero não decepcioná-lo. Ele confiava muito em mim, comandante.

— Por favor, senhora! Chame-me de John.

— Só John?

— John Davis é meu nome.

— Está certo, Sr. Davis, vamos?

— Imediatamente.

— Já sabes para onde temos que ir?

— O senhor governador já me indicou o lugar. Em dois ou três dias estaremos lá. Conheço os melhores caminhos para cavalgarmos melhor. Estás preparada para uma longa e forçada marcha?

— Procurarei não lhe causar transtornos, Sr. Davis.

— Ótimo!

Com uma ordem, os soldados montaram e o destacamento partiu rumo às costas do Mar Vermelho. De fato, Shirley portou-se

como uma perfeita amazonas e não deu aos soldados o prazer de ver uma mulher se lamentando do calor ou da poeira, nem mesmo do fato de passar tanto tempo no lombo de um animal.

Por volta do meio-dia do terceiro dia, eles chegaram ao local indicado como de encontro do navio. Era um pequeno porto de uma aldeia à beira-mar.

Assim que o navio chegara, lorde Silverstone desembarcava seus equipamentos e partira rumo ao seu alvo. Como Shirley imaginava que ele tivesse feito isto, subiu sozinha para falar com o comandante. Este a recebeu com respeito e cortesia à esposa de seu patrão.

Shirley conversou longamente com ele.

— Então quer dizer que não vistes pessoalmente meu marido, capitão?

— Não, senhora. Um tal Chafic veio até o navio e retirou os equipamentos encomendados por lorde Silverstone. Eu achei um tanto estranho, mas pensei tratar-se de mais uma de suas excentricidades.

Então Shirley abriu uma bolsa de lona e mostrou os jornais com as notícias de rapto; o pedido de resgate pela sua vida e a de seu marido, e os mais recentes contavam sobre a libertação dela e a morte de lorde Silverstone.

— Então fui enganado! — exclamou o capitão.

— Sem dúvida, capitão. Mas ainda bem que cheguei a tempo para evitar que até o navio fosse tomado por esses salteadores.

— O que devo fazer, senhora?

— Em princípio não digas a ninguém que trouxe certos equipamentos até aqui. Vistes que meu marido dissera ao governador inglês que iria fazer uma excursão pelo Egito. Se vierem a saber que ele fazia uma coisa ilegal, será um grande problema.

— Eu me calarei e direi a sua versão: lorde Silverstone planejava partir daqui e descer pela costa africana.

— Ótimo, assim é melhor. Agora, levante âncoras e parta de volta a Alexandria. Ao chegar lá, vá até o Cairo e me procure junto ao governador. Mas antes, desembarques a encomenda especial do meu marido.

— O que sabes sobre ela, senhora?

— Tudo, capitão! Meu marido não tinha segredos para comigo.

— Mas é muito perigoso, senhora!

— Estou acompanhada de um destacamento de soldados ingleses e guardarei comigo no Cairo. Acho que assim estará em melhor segurança.

— Procurarei dissimular o melhor possível a encomenda especial.

— Certo, vou mandar o capitão John Davis apanhá-la, capitão!

— Sim, senhora.

Shirley desceu do navio até o bote e logo estava na margem. Então pediu ao comandante que acompanhasse os remadores e apanhasse uma carga para ela. O homem, com seus quarenta e poucos anos, estava encantado com a nobre senhora e seria capaz de matar alguém se ela lhe ordenasse tal coisa. Imediatamente ele saltou no bote e foi levado até o navio fundeado a uns cem metros da margem.

Algum tempo depois, o bote voltou à margem com três baús cobertos por grossos panos que os ocultavam. Assim que foram descarregados, Shirley mandou que fossem levados até sua tenda. Lá ela os abriu e ficou extasiada com o que viu.

No interior deles havia milhares e milhares de moedas de ouro, todas reluzentes. Ela tornou a trancá-los e ficou imaginando o quanto não valeriam aqueles baús. Então esta era a encomenda especial que Silverstone falara.

Ele só dissera a ela que iria receber uma encomenda especial e que, com ela, faria vários e grandiosos negócios com o governador. Shirley já assinara alguns contratos com ele, mas nenhum justificava uma fortuna tão grande como aquela. Os dois deviam ter algum outro negócio em andamento, e ela precisava saber logo do que se tratava.

Shirley chamou o comandante e pediu-lhe que colocasse guardas à volta de sua tenda, pois levava alguns valores nos baús e não queria ficar preocupada com a segurança.

Imediatamente foi atendida pelo homem que tudo fazia para agradá-la. Então ela pediu dois soldados para acompanhá-la até a aldeia, pois gostaria de comprar umas lembranças.

Mas o que Shirley ia fazer era se encontrar com o capitão David. Ela o vira sentado no pequeno ancoradouro e, com um olhar, haviam se entendido.

Assim que chegou a uma loja, pediu aos soldados que esperassem do lado de fora e entrou. No interior, David já a esperava. Ela foi para um canto onde não eram vistos e falou rápido.

— Preciso urgente dos documentos que provam que sou Shirley Kemps, a filha do capitão Jerome.

— Por quê?

— Dê uma olhada nesses jornais.

Após dar uma olhada rápida, David falou:

— Como é possível, se ontem eu vi lorde Silverstone aqui nesta loja?

— Ele forjou um falso ataque e quase que não nos vemos mais se não fosse pela ajuda do Dr. Morris.

— Morris está por aqui?

— Não. O tal Levi o obrigou a acompanhá-lo, mas foram atacados no mesmo local onde meu marido planejou o seu falso ataque. Só que desta vez foi real. Morris escapou com vida e salvou-me dos salteadores e, para sorte nossa, alcançamos uma patrulha de soldados ingleses e fui para o Cairo. Morris voltou para Luxor, e logo Levi e Hussein o procuraram. Então Morris ficou sabendo por meio do árabe que meu marido me entregara aos bandidos para que me matassem. Só não o fizeram por querer ganhar mais e me vender como escrava.

— Então o safado é mais astuto do que imaginastes, não?

— Sim. Se a princípio abriu mão de metade de sua fortuna, depois ficou imaginando como me eliminar. Por isso preciso de todos os documentos. Se o filho de Silverstone vier ao Egito, vou evitar que ele me mantenha ao largo da partilha da fortuna da família.

— O que farás?

— Caso ele não seja razoável, eu o intimidarei com a desonra da família e até a força, porque o acusarei de conivência com os negócios sujos do pai. Agora que já sabes de tudo, ficarás aqui e irás até onde eles estão. Silverstone não deve voltar mais a ser visto com vida.

— Compreendo! Como ele não apareceu pessoalmente, você convenceu o capitão dele com os jornais.

— Sim. Agora ele está navegando de volta a Alexandria.

— Procurarei impedir que Silverstone apareça com vida novamente. Demore-se um pouco por aqui enquanto eu vou apanhar os documentos.

David saiu apressado da loja, e Shirley começou a escolher algumas quinilharias artesanais locais. Meia hora depois ele estava de volta com eles. Shirley os examinou e viu que estavam todos ali.

Após colocá-los na sua bolsa, despediram-se com um longo beijo. Assim que ele saiu, ela limpou os lábios e falou entre dentes: — Falso traidor! Agora é minha vez de traí-lo, querido David.

Shirley apanhou suas mercadorias e saiu da loja. Um soldado se ofereceu para carregar sua cesta com os *souvenires*.

Ao chegar ao acampamento, perguntou quando partiriam.

— Amanhã, senhora. Assim, os cavalos poderão se alimentar bem e, com eles descansados, desenvolveremos melhor marcha no nosso retorno.

— Está certo, Sr. Davis. Eu também estou muito cansada.

— Imagino que sim. És uma mulher extraordinária, milady. Qualquer outra estaria em profunda depressão ou choraminga ido pelos reveses sofridos.

— Isso adianta alguma coisa, Sr. Davis?

— Não. Pensar nos azares da vida só torna mais difícil solucionarmos os problemas que temos de enfrentar.

— Também és um homem extraordinário, Sr. Davis!

— Sou um militar, senhora. Aprendi a encarar a vida pelo seu lado prático. Assim, convivo bem no meio desse inferno escaldante. Se não fosse isso, eu enlouqueceria devido à solidão deste lugar.

— Imagino o quanto não sejas solitário, Sr. Davis.

— Sou muito mais do que possas imaginar, lady Kemps Silverstone.

— Depois de tudo o que passei, também me sinto solitária, Sr. Davis. Pode parecer que tenho muita resistência, mas na verdade estou toda ferida, marcada e magoada por dentro e em minha alma. Enquanto estou em atividade, pareço resistente. Mas à noite, em minha tenda, também me sinto solitária.

— Então somos dois solitários nesse fim de mundo, senhora.

— Acho que sim, Sr. Davis. Gostaria de conversar um pouco em minha tenda esta noite?

— Não a incomodarei?

— Será um prazer dividir minha solidão com um solitário.

Davis sorriu discretamente. Shirley tomou um banho com a água disponível e trocou de roupas. Sua aparência ficou linda. Quando Davis entrou na tenda dela e a viu, suspirou profundamente e falou:

— Estás encantadora, lady Kemps Silverstone!

— Chame-me de Shirley, Sr. Davis. Para que tanta formalidade e distância a nos afastar?

— Trouxe-lhe uma garrafa de conhaque francês. Aceitas um cálice?

— Sim, nada como uma bebida forte para diminuir as barreiras que impedem uma conversa agradável.

Ele serviu-lhe um cálice de conhaque e ficaram a conversar até tarde da noite.

Davis não avançou muito além do que ela havia permitido, e ela não lhe cedeu mais do que lhe era permitido em tal situação e ocasião.

No dia seguinte, logo cedo reiniciaram a marcha de volta ao Cairo. Quando acamparam à noite, ela o convidou a fazer-lhe companhia mais uma vez e, ao reclamar que todo o corpo lhe doía, Davis se ofereceu para massageá-la. Da massagem a um envolvimento maior foi uma questão de tato, e ele soube como envolvê-la com palavras adequadas.

Dois dias depois, estavam de volta ao Cairo. Shirley, com a ajuda de Davis, encontrou uma residência muito boa e a alugou. Depois de retirar seus pertences da casa do governador e levar consigo o casal de criados, enviou um homem até Morris com o seu endereço atual.

Davis acabou tornando-se frequentador assíduo de sua residência, assim como o governador que ia tratar de acelerar os negócios iniciados por lorde Silverstone.

Duas semanas depois, Morris veio até ela com uma notícia muito boa.

— Lady Kems Silverstone, encontrei o que sempre imaginei que estaria oculto nas tumbas dos faraós.

— Acalme-se, Dr. Morris, estás muito eufórico! Vou servir-lhe uma bebida e depois me contarás tudo.

— Obrigado, milady! Eu encontrei uma câmara mortuária e trouxe comigo o que havia nela.

— Não me digas que trouxe uma múmia para cá, Dr. Morris!

— Não, não! Estou falando de peças de ouro. São várias peças fundidas de puro ouro. Vou apanhá-las.

Morris foi até o quintal e descarregou a carga do animal. Quando mostrou as peças a Shirley, esta arregalou os olhos e falou:

— Mas são lindas, Dr. Morris! Existem mais peças como estas?

— Eu não ousei trazer todas, mas espero encontrar a tumba de um verdadeiro faraó, então teremos acesso ao verdadeiro tesouro. Mas tem um problema, senhora. Estou com medo de ser assaltado.

— Vou providenciar uma guarda especial ao senhor e às suas escavações. Ainda esta noite virá me visitar o comandante das forças inglesas, e pedirei a ele que envie um destacamento com o senhor para protegê-lo como aos seus “achados arqueológicos”. Poderás enviá-los por meio dos soldados.

— A senhora deu as libras que lhe falei àqueles soldados?

— Sim.

— Então consiga que aquele sargento vá junto comigo e receberá em segurança os meus “achados arqueológicos”.

— Amanhã mesmo o terá à sua disposição.

— Também preciso de mais dinheiro, senhora. Tenho que pagar o meu pessoal e minhas libras acabaram-se.

— Vou apanhar, Dr. Morris!

Shirley trouxe o dinheiro pedido e indicou um quarto onde ficaria hospedado. Morris banhou-se e jantou com Shirley e Davis.

Ela falou ao comandante sobre o problema de Morris, e ele ficou de enviar uma patrulha até Luxor com outras ordens, mas que protegeriam às suas escavações.

Ficou acertado que o sargento Moore e seu destacamento iriam com o arqueólogo e protegeriam as peças que fossem despachadas para o Cairo.

— Mas, e quanto ao governador, Davis?

— Eu tenho autonomia, milady! Posso tomar certas decisões à sua revelia. Ainda mais em se tratando da senhora.

— Não quero que ninguém saiba de nada antes de o Dr. Morris terminar com suas explorações. Quero que ele mesmo dê ao mundo a notícia de suas descobertas.

— Fico envaidecido com sua deferência, lady Kemps Silverstone! — falou Morris. — Geralmente os financiadores das expedições arqueológicas ou científicas tomam a frente e nos deixam em segundo plano.

— Pois eu não acho justo que o verdadeiro responsável seja relegado a um segundo plano, Dr. Morris! O dinheiro tem sua serventia, mas sem o ser humano a domar sua força, torna-se vil e aviltador das virtudes humanas.

— Oxalá, todos pensassem como a senhora, e este mundo seria bem melhor — falou Davis.

— Não vamos nos deixar influenciar pelo modo de ser e agir dos que se dizem nossos semelhantes, senhores! Um brinde às virtudes humanas!

— Viva!!! — responderam Morris e Davis.

Morris voltou às suas escavações secretas sob a proteção de soldados de confiança. Logo descobriu a tumba do faraó e, como havia imaginado, lá havia um imenso tesouro. Eram arcas e mais arcas de joias, pedras preciosas e objetos de ouro fundido. Só um grupo seleta teve acesso à câmara mortuária, e soldados se plantaram na guarda do achado.

Morris separou o ataúde do faraó e, de outros dois, tirou as múmias dos seus interiores e os encheu com as peças de ouro, joias e pedras preciosas. Quanto aos baús, encheu-os com pedras comuns e os levou à sua habitação improvisada.

Depois, despachou os três ataúdes para Shirley sob a proteção dos soldados. Eles iam envoltos em grossas lonas e no interior de carroções cobertos. Alguns soldados ficaram de guarda na sua casa para proteger o tesouro. Morris colocou mais alguns homens armados com os soldados.

Com isso, evitava que pensassem que o tesouro estava sendo transportado para o Cairo. Numa carta, ele relatava tudo a Shirley. Três dias depois, ela recebia as múmias descobertas por ele. Assim que ela leu a carta e ficou sabendo do que continham em verdade dois dos ataúdes, mandou que os soldados os levassem até um quarto e os deixassem ali. Depois lhes serviu uma saborosa refeição, deu-lhes uma gratificação e os despachou de volta a Luxor.

Morris iria enviar peças entalhadas de alto valor histórico e arqueológico e iria precisar da proteção deles. Assim que os soldados partiram, ela foi abrir os ataúdes. O primeiro foi o do faraó.

Shirley ficou admirada com o trabalho desenvolvido pelos artesãos e embalsamadores do antigo Egito. As peças e símbolos reais eram obras de artistas. Ela o fechou e lacrou como lhe ordenara Morris e foi ver os outros dois. Abriu um e correu a abrir o outro.

Estavam cheios até a borda com um imenso tesouro. Ele valia muito mais que toda a fortuna de Silverstone.

“Morris é um homem de caráter a toda prova”, pensou ela. “Qualquer outro teria ocultado tudo isto e só enviaria esqueletos enfaixados aos seus financiadores”.

Então ela entendeu o que ele queria dizer com: “ataúdes vazios não despertam a ambição”. À tarde, foi fazer compras no mercado e encheu vários baús toscos de utilidades domésticas. Depois de chegar em sua residência os esvaziou e os levou ao quarto. Sem pressa foi passando as joias, moedas e pedras para o interior deles. Depois os arrastou para o seu quarto e trancou-os com grossos cadeados. Em seguida, ocultou-os atrás de um armário.


Os três ataúdes continuariam lacrados como havia ordenado Morris.

No dia seguinte, ela comprou mais baús em outro ponto da cidade e os deixou num canto da sala. Estavam cheios de utensílios domésticos.

À noite, ela foi chamada às pressas por um emissário do governador. Este a aguardava com o rosto contraído.

— O que houve, senhor?

— Seu marido, senhora! Ele está aqui.



— Silverstone está aqui? — e Shirley teve um desmaio, mas foi amparada por Davis que entrava na sala naquele momento.

Logo ela foi reanimada e, quase sem voz, perguntou:

— Onde ele está?

— Não sei se deves vê-lo, lady Kemps Silverstone! — falou solene o governador.

— Por que não? — perguntou ela aflita.

— No seu estado, eu não a aconselho que o veja, pois está em estado de putrefação. Ele foi trazido até aqui por um árabe chamado Hussein, que imaginamos ser o mesmo que lhe armou a cilada no oásis e nos foi denunciado por um prisioneiro.

— É o antiquário?

— Sim. Como sabes?

— Eu o vi com Ismail enquanto estive cativa em sua casa. Ele está com o dinheiro do meu marido e minhas joias que levávamos na nossa bagagem?

Davis então falou:

— Acompanhe-nos e veja se são suas essas coisas.

Shirley foi até uma sala e viu sobre a mesa uma caixa com várias joias e um cinturão com várias bolsas cheias de dinheiro. Eram muito comuns esses cinturões naquele tempo.

— Sim, são do meu marido. Podem olhar por dentro das pequenas bolsas e verão as iniciais de meu marido impressas a fogo nelas.

O governador abriu uma e viu as iniciais de Silverstone impressas lá.

— Sem dúvida, são de lorde Silverstone. Senhora, isto tudo lhe pertence. Sentimos muito não poder lhe devolver o seu marido com vida.

— Eu quero vê-lo, governador! — exclamou ela chorando.

— Não a aconselho, milady.

— Eu insisto em vê-lo, senhor governador!

— Como queiras, senhora. Acompanhe-a, Davis, pois eu não vou tornar a olhar aqueles cadáveres.

— Sim, senhor.

Davis tirou um lenço e deu a Shirley, dizendo:

— Tape as narinas muito bem. O mau cheiro que exalam os corpos é insuportável.

— O senhor disse os corpos?

— Sim. Hussein trazia três corpos de ingleses com ele.

— Quem são os outros dois?

— Ele não soube nos dizer e estão sem identificação alguma. Acredito que sejam de viajantes capturados por Ismail e, como já não tinham utilidade alguma, Hussein os matou juntamente com lorde Silverstone.

— Como o encontraram?

— Por acaso. Ele nos viu e disse que havia encontrado lorde Silverstone já sem vida. Então negociou o corpo dele e vinha nos devolver porque tinha certeza de que seria recompensado por sua lealdade para com os ingleses.

— Canalha! Mata e ainda pensa em se passar por leal aos ingleses!

— Nós sempre desconfiamos que haveria alguém muito influente a dar informações a Ismail, mas nunca imaginamos que fosse um antiquário com a respeitabilidade dele.

— Tem uma lógica macabra nisso tudo, Davis! Ele vendia suas antiguidades valiosas e informava a Ismail, que as roubava e as repassava a ele para posterior revenda. Além do mais, ele tinha acesso aos segredos dos seus clientes, tais como: fortuna, itinerários, datas de partida, etc.

— Tens um bom raciocínio investigativo, milady!

— Estou aprendendo a ser prática, Sr. Davis.

— Compreendo! — exclamou ele rindo. — Preparada?

— Sim.

Davis a conduziu até uma carroça coberta com uma lona e a puxou. Quando o archote iluminou os corpos, ela sentiu náuseas e ficou tonta. Mas procurou controlar-se e examinou bem os cadáveres. Lá estava Silverstone, David Redcliff e outro homem que pelo jeito era o tal Levi, pois ela o havia visto várias vezes antes de partirem.

— Está tudo acabado, Davis. Este é lorde Silverstone sem dúvida alguma. Quanto aos outros, eu não os conheço — disse ela quando se afastaram.

— Se quiseres, podemos enviar o corpo dele a um especialista que o embalsamará e assim poderá ser enviado para a Inglaterra.

— Farias isto por mim, Davis?

— Não se preocupe! Eu cuidarei de tudo para você, Shirley.

— E quanto aos outros dois infelizes?

— Ao amanhecer serão enterrados em covas no cemitério inglês, pois não há reclamações de desaparecimento de mais ninguém.

— O que farão com o tal Hussein?

— Será julgado por uma corte militar e provavelmente será enforcado. Quer que eu lhe avise quando isto acontecerá?

— Não. Eu prefiro não ver mais mortes.

— Quer que eu a leve até sua casa?

— Sim.

Lorde Silverstone recebeu o tratamento de um especialista e foi enviado para Londres três dias depois. Shirley enviou uma carta ao filho de Silverstone juntamente com um relatório do governador dando-lhe conta de como foi encontrado o corpo dele assim como da pena imposta ao seu assassino: a forca!

Dias depois, Morris veio pessoalmente trazer o resto dos seus achados arqueológicos. Duas carroças vieram lotadas de engradados repletos de peças antiquíssimas. Junto ele trouxe um diário descrevendo-as e mais um livro de anotações com a descrição da época em que reinara aquele faraó. As outras duas múmias foram recolocadas nos seus ataúdes, e Shirley mostrou a ele onde estavam os baús com a fortuna encontrada na câmara mortuária. Morris então falou:

— Estas peças nesses engradados valem tanto quanto estes baús, senhora! O valor histórico delas é inestimável.

— Acredito que sim, Dr. Morris. Vamos voltar para Londres agora?

— Ainda não.

— Mas já tens o bastante para alcançares a glória e viver na riqueza pelo resto de sua vida!

— Espero encontrar mais algumas câmaras mortuárias em poucas semanas.

— Isto já é o suficiente, Dr. Morris.

— Para mim não, milady.

— O que é suficiente para um homem como o senhor?

— Posso responder com sinceridade?

— Sim.

— Desde que vi a senhora na porta do meu camarote aquele dia, meus instintos não pararam de atormentar-me.

— Então o senhor se lembrou de mim, afinal!

— Num primeiro momento me foi difícil, e estavas muito abatida e queimada pelo sol do deserto. Mas, naquela noite em que jantei aqui, eu me lembrei de seu rosto. Você é a neta do senhor Kemps que viajou comigo no navio do capitão David.

Shirley o tomou pelas mãos e o levou até um banco sob as fruteiras do quintal.

— Por que me trouxestes até aqui, senhora?

— Sente-se, Dr. Morris. De todos os envolvidos nessa nossa aventura, talvez sejas o mais honesto, leal e honrado homem. Vou contar-lhe minha vida desde o nascimento até o dia de hoje. Espero que me compreendas, mas se isto não lhe for possível, tudo o que encontrastes está guardado aí e é seu. Apesar de valer uma fortuna, não me pertence.

E Shirley lhe contou do seu pai, Jerome Kemps. Do pai do seu pai e pai de lorde Silverstone. Do orfanato. Do Barão R. Da casa de prazeres. Do seu envolvimento, e o que a levou a aceitá-lo, com lorde Silverstone. Da descoberta dos documentos que provavam ser ela Shirley Kemps, filha de Jerome e herdeira de metade da fortuna deixada por seu avô paterno. Da chantagem que fez com lorde Kemps e da traição dele para com ele, Morris. Da louca procura do túmulo do rei David. E de sua libertação por um homem digno chamado Morris.

Quando ela parou de falar, o arqueólogo disse-lhe:

— Eu acredito que só fizestes o mais acertado. Foi o destino que a conduziu até aqui. Eu também menti para Levi, o Barão R. e os homens encarregados de manter a lei do silêncio. Menti a todos para poder ser o primeiro a tocar nos livros de David. Mas agora que os tenho, não sei se devo decifrá-los e trazer à luz o que está escrito neles.

— Pare com as escavações e volte para Londres, Dr. Morris. Com a fortuna que conseguiste, poderás se dedicar só a decifrá-los para então julgar se deve divulgar ou não o que está escrito neles.

— Sabe, Shirley, posso chamá-la assim?

— Lógico. Agora o senhor sabe que não sou uma lady de verdade. E sim uma prostituta sem valor algum.

— Não se julgue assim, Shirley! Não pudeste evitar o que lhe aconteceu, mas agora poderás viver o que lhe pede o coração e a razão. Já não estás mais à mercê dos muitos barões nem dos lordes Silverstone que tornam nosso mundo tão falso e nos obriga a sermos falsos também se quisermos sobreviver nele com um mínimo de decência.

— Sabes o que mais eu gostaria de ser e ter, Dr. Morris?

— Não.

— Eu gostaria de não ser o que sou e de tê-lo conhecido ao me iniciar como mulher.

— Por quê?

— Só assim eu saberia como é ser amada por um homem decente e que sabe o valor dos sentimentos.

— Pois eu a julgo a mais honrada das mulheres, Shirley. Só alguém com muita vontade de viver suportaria o que você já passou e ainda continuaria a sonhar com o verdadeiro amor.

— Como eu gostaria de ser amada, não pela minha aparência física, mas sim pelo que sinto.

— Deixe-me amá-la ao meu modo, Shirley. Não sou grande conhecedor dos mistérios femininos, mas o que mais desejo é poder abraçá-la, beijá-la, tocar em seu corpo e tê-la quente, pulsante e vibrando a vida junto a mim.

Shirley o ouvia e tinha os olhos úmidos e brilhantes. Os raios da lua refletiam neles e davam um brilho especial a ela.

— Então me ame, Dr. Morris! Faça isto por alguém que nunca foi amada por alguém que dá mais valor aos sentimentos que as emoções.

Morris amou Shirley ao seu modo. E como a amou! Ela o havia cativado com seu modo de ser e falar. Também possuía uma beleza rara que só os muito sensíveis conseguem ver, que é a beleza da alma. Se ela fora o que fora, é que outra escolha não tivera. Mas isto não a diminuía aos seus olhos. Ele ficou com ela por três dias seguidos e, antes de voltar a Luxor, falou-lhe:

— Shirley, caso algo me aconteça, fiques com tudo o que achei. Leves uma vida em que seus reais valores prevaleçam sobre os que a forçaram a viver, e que são falsos.

— Não vá, Morris! Fiques comigo e partamos para Londres hoje mesmo, pois tenho um navio à nossa espera em Alexandria.

— Preciso continuar minha busca até o fim, Shirley. Só assim poderei tirar essa obsessão de minha mente. Enquanto eu não esgotá-la, não terei paz. És capaz de compreender isto?

— Acho que não.

— Espero terminar em pouco tempo minhas explorações.

— Ficarei à sua espera e só partirei quando a tiveres esgotado de sua mente. Então serás meu para sempre.

— Assim será, mas caso algo me aconteça, leves tudo consigo e uses os rolos de papiro com os livros de David para se vingar do Barão R., pois o canalha merece pagar o preço de sua obsessão macabra. Cobre caro dele, Shirley! Para os guardiões da lei do silêncio da Tradição, estes livros valem milhões de libras, eles podem alterá-la toda de uma hora para outra.

— Nada lhe acontecerá, Morris. Mas, caso estejas pressentindo isto, então não vá. Fiques comigo!

— Logo estarei de volta, e aí poderei viver em paz ao seu lado.

Shirley ainda argumentou com ele, mas de nada valeram suas súplicas. Ele partiu, e ela ficou chorando.

Dias depois o filho de Silverstone chegou ao Egito e foi direto à residência do governador.

Após conversar muito tempo com ele, foi levado até a residência de Shirley.

Depois de cumprimentá-la e ser servido com uma bebida, ele falou:

— Então você é a minha Cleópatra!

— Sua o quê?

— Minha Cleópatra! Primeiro foi a vez de Júlio Cezar cair aos seus pés e dividir o seu poder e riqueza com sua eleita. E meu pai foi o seu Júlio Cezar, pois desde que a conheceu naquele prostíbulo, não conseguiu mais viver sem você. Tanto fez que morreu à míngua no meio do deserto.

Agora é a vez do seu Marco Antônio se perder também. E eu sou o seu Marco Antônio!

— Por que dizes que és Marco Antônio?

— Eu não acredito que tenhas me feito vir de Londres até esta terra miserável só para lhe trazer a única parte que lhe interessa no espólio de meu pai. Tal como Cleópatra após a morte de Júlio Cezar, você deve estar preparando algo para me levar à ruína.

— Por que achas que quero sua ruína?

— O que mais uma prostituta iria querer, além de fazer chantagem com o nome de meu pai?

— Saiba que fui casada com comunhão total de bens com seu pai, e pelas leis inglesas sou dona legal de metade do espólio dele.

— Eu não disse?

— Trouxestes o quadro do nosso avô?

— Meu avô, queres dizer, não?

— Que seja! O trouxestes?

— Sim, está lá na carruagem. Vou apanhá-lo.

Logo James Silverstone lhe entregava o quadro. Shirley desembrulhou-o com cuidado e o examinou com atenção, depois de ver que a moldura não havia sido violada, ela falou:

— Veremos se sou sua Cleópatra ou se tu és meu Otávio depois que eu abrir esta moldura.

— Eu serei o seu Otávio?

— Já que colocastes as coisas nestes termos, sim! — exclamou ela rindo. Com uma faca cortou a moldura e tirou o forro dele.

— Por que estás destruindo o quadro com meu avô pintado nele?
— Aguardes um pouco, primo, pois já posso vê-lo aqui. Eis aí, primo!

— Não sou seu primo! E James olhou as folhas nas mãos dela.

— Não? Então vamos ver o que está escrito aqui?

Eu, L. Silverstone, de pleno juízo dos meus sentidos, dou fé de que Jerome Kemps é meu filho legítimo, mas não reconhecido por mim na época do seu nascimento, pois me encontrava naquela época casado com Victória Drew Silverstone. Em razão disso, não pude, para não causar um escândalo familiar, assumir a paternidade dele. Mas hoje, no dia tal do ano tal, é com grande culpa em minha consciência que torno público que Jerome Kemps é filho da união carnal entre eu e Louise Kemps, nascida em Londres dia tal, de tal ano e falecida no dia tal do ano tal e enterrada em Devon.

Assim sendo, eu, L. Silverstone, de plena posse de minhas faculdades mentais e temente do juízo de Deus, torno público que Jerome Kemps é herdeiro da metade dos meus bens. Sendo assim, meu outro herdeiro, filho de minha união legítima com (fulana de tal, etc.) fica encarregado de se reunir com Jerome Kemps e dividir todos os meus bens nas bases que estou determinando aqui neste documento. Cada um tem direito a metade do que possuo.

O memorial descritivo continuava e sempre ele reafirmava que estava de posse de suas faculdades mentais e temente do juízo de Deus.

Duas testemunhas assinavam o documento. Um era o bispo de Canterbury e outro o ministro chanceler de sua majestade. Cada uma trazia o timbre dos seus respectivos assinantes.

James estava boquiaberto com o que leu. Então falou:

— Meu pai tinha um irmão!

— E uma sobrinha, caro primo! Eu sou Shirley Kemps, filha de Jerome.

— Talvez você tenha assumido esta identidade, “prima”!

— Então vamos dar uma olhada em outros documentos, primo?

— Que documentos?

Shirley trouxe os documentos guardados pelo capitão David Redcliff e lhe entregou um a um para que os lesse. Após ler a última folha do diário do capitão Jerome Kemps, ele falou:

— Até aqui o testamento do meu avô está de acordo com o que tens do meu tio. Mas e quanto a você, como podes provar que és a filha de Jerome Kemps?

— Fácil, primo! Antes de sair de Chipre, eu dei um bom dinheiro ao conselheiro britânico para que fosse à Inglaterra e até o orfanato onde vivi até os 13 para 14 anos, e me trouxesse tudo o que restasse de Shirley Kemps. Esta semana ele voltou com muitas coisas. Até um retrato meu pintado por uma amiga de infância e hoje bem casada está em meu poder.

Shirley buscou uma bolsa com várias provas de que ela era a Shirley Kemps citada no diário do capitão Jerome Kemps e também num documento assinado por lorde Silverstone.

As suas assinaturas em documentos do orfanato foram confrontadas com as suas atuais e não diferiam em nada.

James então reconheceu que ela era realmente Shirley Kemps, mas ainda falou:

— Vamos ver se és minha Cleópatra e se eu serei o Marco Antônio que irá tornar uma prostituta uma honrada lady, ou se serei o Otávio que irá combatê-la e ver se a destrói sem ser destruído junto.

— Como, querido primo?

— Quero ver se realmente tens a tal mancha escura numa de suas nádegas.

— Não acho que deva fazer isto!

— Se não o fizer agora e tornar-me seu Marco Antônio, certamente terá que fazê-lo aos honrados juízes que terão de presidir a disputa judicial do seu Otávio.

— Compreendo.

Shirley guardou todos os documentos e os que estavam no quadro e o convidou a acompanhá-la até o quarto. Assim que ele entrou, ela encostou a porta e despiu-se toda. Sem uma peça de roupa a cobrir seu corpo, ela deu uma volta e perguntou-lhe:

— O que serás para essa Cleópatra, primo?

James ajoelhou-se e, abraçando suas coxas e colando o rosto em seu baixo ventre, falou:

— Conquistastes o coração de Marco Antônio, minha rainha. Eu matei Otávio e alterei o desfecho de nosso dramático encontro. A partir de agora sou mais um dos seus escravos a delirar por uma carícia sua. Foi assim que arrancastes todos os segredos do meu pai e soubestes que o testamento de vovô estava oculto no seu quadro?

— Não, querido primo. Isto seu pai falou durante o sono agitado, devido ao peso na sua consciência e ao medo da vingança de nosso vovô.

— Saiba, querida prima, que cumprirei todos os desejos de vovô e reunirei novamente os seus dois descendentes.

Shirley sorria com o modo de James falar. Parecia sincero e ao mesmo tempo apaixonado. Então lhe perguntou:

— Por que falas assim, primo James?

— Saiba que desde o dia que a vi embarcar ao lado de meu pai, não só fiquei com inveja da sorte dele em tê-la ao seu lado como também fiquei com ciúmes e não parei de sonhar com você, querida prima.

Então ele levantou-se, envolveu-a nos braços e a beijou por um longo tempo. Dali para a cama foi tão rápido que, quando ela se deu conta, ele já estava nu em seus braços. Bem, o jeito foi aproveitar e amar o seu primo e enteado ao mesmo tempo.

Durante o jantar, ela perguntou-lhe:

— Primo, o que teria acontecido com a história se Otávio gostasse de mulheres em vez de mancebos?

— Muito provavelmente ele teria feito de Cleópatra a maior rainha que os romanos poderiam ter.

— Isto significa o quê, se adaptarmos esta solução ao nosso caso?

— Significa que eu me curvo perante você. Os contratos assinados por aqui nos deu a primazia nesta rota comercial muito rica. Eu seria um idiota se não reconhecesse que foi graças aos seus esforços que eles se realizaram. Como conseguiu fazer com que

o governador afastasse o Barão R. dos negócios já firmados entre eles e nos deste todas as outras preferências?

— Bem, primo, eu sabia que era parte da família e o melhor a fazer seria aumentar o patrimônio. Só assim você não ficaria muito triste com sua parte na divisão, caso ela fosse litigiosa.

Saibas que a encomenda especial pedida pelo seu pai não foi usada como forma de afastar o Barão R. dos rentosos negócios dessa colônia com a metrópole.

— Não?

— Nem uma moeda saiu dos baús e poderás levá-los consigo quando voltares a Londres.

— Como conseguistes tal façanha com um homem mesquinho, ganancioso e poderoso como o governador do Egito?

— Mesmo homens como ele têm um ponto fraco quando não são um Otávio na vida. Então eu usei de tato, primo. Muito, mas muito tato mesmo!

— Tato, hein?

— Isto mesmo, primo.

— Os soldados que montam guarda na sua bela residência são decorrências desse tato?

— Eles estão aí para guardar-me, mas quem os colocou aí não foi o governador, e sim o comandante do exército britânico nessa região. Eu induzi o governador a afastar o comandante-geral anterior e nomear o de um regimento para tal função.

— Prima, tens muito “tato” mesmo! Como consegue essas coisas com tanta facilidade?

— Primo, não se esqueça que dos 13 aos 24 anos eu fui usada pelos homens e fiz seus gostos por miseráveis níqueis. Agora é minha vez de dar-lhes uns miseráveis momentos de prazer pelo que me interessar.

— Estou incluído entre os que pagarão caro por uns miseráveis momentos de prazer?

— Não, primo. Com você, Morris e Davis serei muito generosa.

— São tantos os seus pretendentes que aprecias?

— O que posso fazer, primo? Não consigo amar um só homem, mas gosto do modo de ser de alguns deles. Então, aos que gosto dedico todo o amor que não posso dar a um só.

- Compreendo. Quando voltarás para Londres, prima?
- Só depois de ter terminado um negócio particular e puder voltar a Londres pela porta da frente.
- Tens algum negócio especial em vista, prima?
- São particulares, James. Não sejas curioso demais, pois só saberá do que se trata quando eu voltar à Inglaterra.
- Está bem, Shirley. Eu gostaria de conhecer Cairo à noite. Me acompanhas?
- Esta noite não posso, primo.
- Negócios?
- Prazer! — disse Shirley sorrindo.
- Gosto de sua franqueza, prima.
- Prefiro que seja assim entre nós dois, James. Ou usamos de franqueza e lealdade ou não ficaremos juntos por muito tempo. Gosto de você como primo, pois até pouco tempo eu não tinha ninguém a quem considerar como tal, mas também gosto do seu modo espirituoso de falar, e esta é uma qualidade rara nos homens. Mas também gosto de sua beleza.
- Então possuo várias vantagens entre os seus admiradores, prima!
- Por que achas isto?
- Eles terão que chegar furtivos e ficar pouco tempo ao seu lado, mas eu não. Poderei passar dias junto de você e todos dirão: “veja como James Silverstone é atencioso com sua madrastra”.
- Shirley sorriu mais uma vez com o jeito de falar dele.
- Tens razão, primo. Realmente tens várias vantagens sobre os meus outros admiradores.
- Então com sua licença, Shirley! Vou voltar à residência do governador inglês e passar a noite com ele e sua família.
- Não chegues antes da meia-noite, primo.
- Por que não?
- Ele deve estar saindo de sua casa neste momento e só voltará à meia-noite em ponto.
- Eu gostei da aparência física da esposa dele. Creio que ela também gostou de mim, porque não me deixou a sós um instante sequer, e o único jeito de não causar constrangimento ao seu marido foi vir vê-la.

James Silverstone deu uma gargalhada, e Shirley sorriu mais uma vez. Então ela falou:

— Sabe qual é a diferença entre um banqueiro e uma prostituta, primo?

— Já ouvi várias, Shirley, mas diga-me qual o seu ponto de vista a respeito da diferença entre esses dois “ramos de negócios”.

— Com ela, a prostituta, quanto mais aberto for o seu cofre menos são os que usufruem dos seus favores, pois preferem as com ele bem fechado. Já os banqueiros, se não os tiver bem abertos, nada ganham, pois poucos têm acesso aos seus favores.

Depois de boas gargalhadas, James falou:

— Vou dizer-lhe o que sei sobre o assunto, prima! Para uma prostituta, quanto mais ela abrir o seu cofre, mais ganhos terá. Já um banqueiro, se abri-lo muito, só verá sair e muito pouco lucro terá.

Depois de outras boas gargalhadas, ela falou:

— Pois conheço mais uma comparação, primo.

— Diga logo, prima.

— É assim: uma prostituta empresta a sua moeda para conseguir algumas moedas para o seu cofre vazio. Já o banqueiro empresta as moedas alheias para poder esvaziar o seu cofre cheio.

— Mas tem outra comparação, Shirley! Uma prostituta dá o melhor de si a troco das migalhas do cofre de seus clientes. Já um banqueiro dá suas migalhas a troco do melhor dos seus clientes.

Quando cessaram os sorrisos, ela falou:

— James, se unirmos nossas experiências nesses dois ramos de negócios, seremos imbatíveis e logo a maior fortuna do império britânico pertencerá à casa dos Kemps Silverstone.

— Será?

— Não tenhas dúvidas, primo. Agora vá embora e saia pelos fundos, pois ele chegou!

— Espero não ter que sair sempre desta forma, prima!

— Este encontro é muito importante, e não posso constranger um dignitário britânico.

— Compreendo. Então nos veremos amanhã, prima?

— Com toda certeza, primo James!

Bem, os dias se passaram, e James partiu a contragosto de volta a Londres. Levava consigo a “encomenda especial” de seu pai e vários contratos assinados por sua madrastra.

Quanto a ela, ficou à espera de Morris. Não iria embora sem ele, pois realmente o amava muito.

Um mês depois ele retornou de Luxor com um ar muito cansado. Tinha a aparência de doente.

Trouxera consigo suas últimas descobertas e não pretendia retornar a Luxor. Com o passar dos dias, seu estado piorou e os médicos nada conseguiram fazer para impedir o agravamento de sua desconhecida doença. Um mês depois de chegar à residência dela, faleceu.

Suas últimas palavras foram todas de amor por ela. Também lhe entregou um documento em que lhe dava a posse de tudo o que descobrira. Quando ela lhe perguntou por que fazia aquilo, ele lhe respondeu:

— Como você, eu também não tenho a mais ninguém. E como você, eu também me prostituí, pois servi a quem me fez a melhor oferta. Então, que você usufrua tudo e não se esqueça de deixar um lugar para minha memória em seu generoso coração.

— Nele você sempre viverá, Morris querido. Talvez se eu o houvesse conhecido em outra época e noutras condições, não precisaríamos nos prostituir tanto.

— No fundo todos fazemos isto, Shirley querida. Uns por necessidade, outros por não terem outra alternativa e mais outros por interesse ou mesmo por prazer.

— Eu sei disso, Morris. Já fui por ser indefesa, depois por não ter alternativa, depois por necessidade. Agora estou me prostituindo por interesse.

— Logo chegará o tempo de fazê-lo só por prazer, Shirley.

— Então o que me aconselhas, Morris?

— Faça como eu e não terá um peso na consciência a atormentá-la.

— Então me ensine como conseguiu isto, meu querido sábio!

— Eu prostituí minha sabedoria porque sentia prazer em pesquisar, descobrir, etc. Então eu a direcionei para uma ciência que só enobrece a espécie humana. Com o passar dos anos outros aprenderão com o que descobri, escrevi e ensinei; assim a humanidade evoluirá. Isto é uma boa razão para eu não sentir remorsos por ter vendido minha sabedoria.

Então vendas o seu corpo se isto lhe der prazer ou satisfação pessoal e apliques o ganho em benefício de coisas que só engrandecerão a espécie humana.

— Obrigada pela última lição que está me dando, Morris.

— Morrerei feliz, Shirley. Sei que és inteligente e usará sua fortuna para enobrecer sua alma diante do seu juiz divino que julgará o porquê de sua vida nesta Terra, que só não é melhor devido à ignorância que envolve o ser humano. Só sinto não tê-la conhecido há mais tempo para que você me ensinasse um pouco mais em como eu deveria fazer para amar uma mulher como você. Mas, assim mesmo, a lição que me proporcionou viverá para sempre como lembrança inesquecível e uma saudade que permitirá um futuro reencontro em outro mundo onde não precisemos mentir ou ser falsos para podermos viver. Lá, a vida não comporta esses vícios tipicamente terrenos.

— Como você é inspirado ao transmitir seus sentimentos. Não podias ter sido outra coisa senão um mestre e pesquisador. Como eu sinto não tê-lo conhecido no tempo certo! Certamente hoje eu seria outra mulher e não uma triste prostituta.

— Viva o que a vida lhe reservou, mas não vivas dos remorsos da vida, senão nunca verás germinarem as sementes que semeares no jardim do Senhor, que é a espécie humana. Usufruas da vida, mas não se esqueça que há um Doador dela e que Ele é muito generoso para com os que tornam a espécie humana mais sábia, nobre e feliz — falou ele já quase sem vida.

— Morris, não se vá! Fique mais um pouco comigo, pois jamais encontrarei outro igual a você neste mundo que é o que é só porque assim o torna os seres humanos.

— Eu já vivo em seu coração, Shirley! Você já fala como eu e logo será muito sábia. Tem coragem de beijar-me mais uma vez, ainda que eu esteja enfermo?

— Só seu corpo está enfermo. Sua alma está mais sã que em toda a sua vida nesta Terra.

E Shirley o beijou ternamente. Morris faleceu em seus braços e exalou o seu último suspiro nos lábios de sua única paixão feminina em toda a sua vida.

Foram dias de tristeza para ela, pois o amara muito, apesar de ser ao seu modo.

Quando se decidiu a voltar a Londres, Davis a acompanhou, pois iria rever sua família num merecido descanso. Ele cuidou de proteger sua preciosa carga até a metrópole. Quanto ao governador britânico no Egito, logo visitou a capital do império e ficou hospedado na elegante residência de lady Kemps Silverstone, que acabou muito amiga de sua esposa, que era muito amiga de seu primo James.

Shirley, depois de assumir boa parte dos negócios de seu falecido marido e tornar a casa bancária de Silverstone uma das mais poderosas de todo o reino e ter ganhado muitas concessões nas colônias devido às suas boas relações com os homens que dirigiam os destinos do império britânico, começou a espalhar um pouco de alegria aos que nada tinham. Criou orfanatos, asilos para idosos, albergues para abrigar os vadios, desempregados ou desvalidos de qualquer bem material. Também criou e sustentou um hospital para doentes mentais. Mas em meio a tudo isto ela ainda achou tempo para se vingar do Barão R., um dos homens mais ricos do Reino Unido.

Um dia ela enviou uma mensagem a ele. Era um convite para que fosse visitá-la em sua luxuosa mansão. Como eram concorrentes em muitos campos, ele comentou após ler o convite dela:

— O que será que essa lady prostituta tem a oferecer a um ancião como eu?

Após ser levado a um amplo salão onde ela o esperava, ele falou:

— O que tens a oferecer-me ou pedir-me, lady Kemps Silverstone?

— Muito mais do que imaginas, Barão R.; eu tenho o que nem o senhor, nem David Redcliff ou os guardiões do silêncio da Tradição conseguiram.



Barão R. assustou-se com o que ela dizia.

— É isto mesmo, Barão R.! Está na hora de nós dois fazermos um grande negócio.

— Não me envolvas de novo nesse assunto, milady. Já perdi uma fortuna com essas loucuras dos nossos sábios anciões.

— Então recusas minha oferta?

— Não quero me envolver mais nesse assunto e ponto final.

— Como o senhor já deve estar sabendo, acabo de adquirir um jornal de grande tiragem. Se não aceitas minha oferta, vou publicar toda a história em que estivestes envolvido, pois possuo documentos que provam sua participação na busca do túmulo do rei David e seus livros.

— Quem os deu à senhora?

— O Dr. Morris, Barão R. Eu tenho toda a correspondência mantida entre ele e Löwenstein, Levi, o senhor e mais algumas pessoas.

Barão R. estava lívido. Então ela deu o golpe mortal. Apanhou um rolo de papiro envolto num pedaço de seda e o desenrolou diante dele.

— Eis aí o que tantos procuraram e só eu tenho. Caso não queiras se envolver, publicarei toda a história e também já tenho quem os traduzirá para a língua inglesa. Eu teria um furo jornalístico atrás do outro, pois protagonizei esta história suja como observadora privilegiada; e ainda a contarei sob meu ponto de vista, que não lhe será nada favorável, Barão R.

— Isto é chantagem, lady Kemps Silverstone!

— Exatamente, Barão R.. Assim como o seu nome, será citada a lei do silêncio da Tradição a que os sábios anciões tanto velam para que permaneça oculta dos olhos e ouvidos dos profanos.

— Não temes a eles?

— Nem um pouco, pois eles me temerão muito depois que se tornar pública a sua existência. A escolha é sua, Barão R.

— Falarei com eles, e terás minha resposta em poucos dias.

— Eu aguardarei ao senhor e a todos os que estiveram reunidos em sua casa no dia em que decidiram condenar Morris.

— Quem lhe revelou isto?

— Levi deixou uma lista com os nomes deles e ela está em meu poder. Com uma conversa íntima com o chanceler britânico eu posso causar sérios transtornos a todos eles em várias partes do mundo.

— Por que fazes isto?

— Logo saberás, Barão R.

Quinze dias depois, Shirley recebia um grupo de sisudos e calados homens em sua residência.

Depois de uma longa conversa na qual ela contou a eles toda a história que eles bem conheciam, perguntou:

— O que me dizem, senhores?

— Qual é o preço dos rolos e do seu silêncio, lady Kemps Silverstone?

— Altíssimo, senhores. Muito alto mesmo!

— Então digas qual é ele.

Shirley entregou-lhes três documentos prontos e já assinados por ela. Só faltavam a assinatura do Barão R. e das testemunhas, que seriam eles mesmos.

Após ler o que estava escrito nos documentos, Barão R. falou:

— Isto é um absurdo! Estes são os meus mais rentáveis negócios. Ela está querendo arruinar-me.

— Assine-o, Barão R. — falou um dos homens presentes à reunião.

— Mas isto é um absurdo!

— Nós o compensaremos mais tarde. Agora assine-o de uma vez!

O Barão R. se amaldiçoava por ter sido envolvido em um absurdo como aquele. Mas os assinou, pois não tinha outra alternativa.

— Quando poderemos levar estes rolos, senhora?

— A notícia das transações entre o Barão R. e eu sairá nos jornais de amanhã. Até lá, enviados meus assumirão a direção dos negócios aqui descritos, pois já os tenho preparados e à espera de uma ordem minha.

— Qual a garantia que temos de que os rolos permanecerão secretos?

— Também possuo a minha lei do silêncio, senhores. Conservem a vossa quieta e a minha não será quebrada.

— Como sabia que aceitaríamos sua oferta?

— Nós somos iguais em muitas coisas e esse tipo de negócio, ou seja, chantagem, é muito comum em pessoas de nossa espécie, senhores.

— Não temes represálias?

— Não, pois caso eu venha a sofrê-las, os senhores serão os primeiros que sentirão a vingança e depois muitos outros pagarão a sua contribuição também.

— Vejo que aprendestes com os árabes muitas coisas durante sua estadia no Egito.

— Certamente que sim, meus senhores! Estarei sujeita a represálias, nobres anciões?

— Tudo será oculto pela lei do silêncio que envolve certos negócios, e assim que sairmos de sua residência com os rolos de papiro a senhora não existirá para nós.

— Então voltem amanhã ao entardecer e os levarão consigo.

Eles se foram, e Shirley deu ordens aos seus homens. No dia seguinte, aconteceram grandes alterações no mundo fechado dos grandes negócios do império britânico.

Ao entardecer, o grupo de homens especiais voltou à sua residência. Após cumprimentá-los, ela lhes entregou os três rolos contendo os livros de David.

Um alívio tomou conta do rosto daqueles homens. O Barão R. então perguntou a Shirley o porquê de escolhê-lo como alvo de sua chantagem.

— Sentem-se, senhores, por favor! Vou contar-lhe por que eu o escolhi. O senhor tem uma dívida muito antiga para comigo e agora a saldou, se bem que o preço me foi desfavorável e ainda existem muitas outras que só irão cobrar-lhe quando estiveres no inferno.

— Não a estou compreendendo, lady Kemps Silverstone!

— Vou ser mais clara, Barão R. Há 12 anos, o senhor, numa de suas visitas a um orfanato, olhou para uma inocente ovelhazinha e a escolheu para um sacrifício muito especial. Eu era a pura e inocente ovelhazinha escolhida por um maldito homem que ocultava sua tara por trás de seu poder e dinheiro. Dois homens me raptaram e levaram-me a um casarão no campo, onde permaneci presa até

que o sacerdote do demônio do prazer viesse fazer sua oferenda ao seu maldito deus.

E Shirley contou àquele seletto grupo de sábios anciões tudo pelo que passou antes, durante e depois do sacrificio do Barão R.. Não omitiu nem as expressões usadas por ele em seu ritual do prazer maldito.


— É isto, Barão R.! Eu fui só mais uma das muitas meninas puras, virgens e inocentes lançadas, à custa de seu poder e dinheiro, ao alcance de sua maldita tara. Eu sofri o horror na carne, na mente e no espírito, Barão R.! — gritou Shirley chorando. — Hoje eu me sinto vingada, pois com esta imunda chantagem Deus usou um dos vícios humanos para mostrar-lhe que a única via de ascensão a Ele é por meio das virtudes, e não dos vícios humanos! Quando o senhor sacrificou uma ovelhazinha pura, inocente e virgem ao seu maldito deus do prazer, o meu Deus a cobriu com seu manto de luz e não permitiu que ela morresse, pois um dia Ele, o meu Deus, a usaria para castigá-lo pelas muitas outras que o senhor sacrificou em nome de sua tara maldita. Eu sou a vingança de Deus lançada contra o senhor, Barão R.! Por meio de mim o senhor sabe que o inferno o aguarda e que lá não se sacrificam ovelhas puras e inocentes, mas sim bodes negros imundos e amaldiçoados por Ele, o meu Deus!

Shirley falava com ódio nas palavras e chorava ao mesmo tempo. Então continuou:

— Logo o poderoso Barão R. irá ao altar de sacrificio do seu deus do prazer e será servido como o bode negro sacrificado ao demônio. Fales algo em sua defesa, maldito tarado que arruinou dezenas de inocentes, puras e virgens ovelhinhas de Deus que eram criadas nos campos benditos do Senhor para alegria Dele, o meu Deus! Vamos, diga algo em sua defesa, Barão R.!

O Barão R. não podia falar nada, pois estava à beira de um colapso. Então Shirley falou para os homens reunidos na sua sala de recepções:

— Ouçam bem, meus senhores! Eu já me vinguei desse maldito. Mas dos senhores, Deus ainda irá vingar-se, porque sabiam há muito tempo dos crimes dele e a única coisa que souberam fazer foi chantageá-lo. Enquanto estiverem nesta terra abençoada, estarão livres do castigo, mas logo que esses corpos apodrecerem



sentirão nas vossas almas a fúria de Deus para com os que são coniventes com o crime de derramar o sangue das suas inocentes, puras e virgens ovelhinhas que Ele, o meu Deus, soltou nos Seus campos para que se alimentassem com a alegria da vida e assim vivessem nele para sempre. Saiam desta casa e nunca mais quero ouvir falar em código de honra, lei do silêncio ou Tradição que oculta um crime desses e protege seus autores só porque têm dinheiro ou pertencem a determinada crença religiosa. Ao inferno com o Barão R. e todos os que o ajudaram na sua tara ou o protegeram por causa do seu sujo e maldito dinheiro. Talvez não saibam, mas mais algumas pessoas sabem de tudo o que falamos ontem e hoje nesta sala. Eu tenho tudo escrito e até já encontrei as ovelhazinhas que sofreram o sacrifício dele, mas a duras penas conseguiram sobreviver. Tentem algo contra mim ou os que amo e protejo e sentirão o sabor da vingança. Revelem algo do que foi falado aqui, e a minha lei do silêncio será quebrada e muita podridão virá à tona de uma só vez. Será tanta podridão que muitos dos seus serão enlameados conosco nesta suja história de sangue e horror. Além do mais, eu quero de volta todos os finos tecidos em que este maldito colheu o sangue inocente das virgens e puras meninas que ele violentou com requinte inimaginável de prazer maldito e luxúria satânica! Eu vou ficar aqui mesmo nesta sala esperando por todos eles. Saiam agora e só um de vocês volte aqui para me devolvê-los!

O grupo saiu da residência de Shirley e a deixou chorando. Por volta das dez horas da noite, um daqueles homens voltou e foi introduzido na sala onde Shirley ainda se encontrava. Os olhos inchados e vermelhos falavam pelo que ela sentia.

— Boa noite, lady Shirley Kemps Silverstone!

— O que tem de boa esta triste noite, ancião?

— Desculpe-me se a incomodo a estas horas, mas só há pouco me foram entregues os lenços que a senhora exigiu.

Ele passou para as mãos dela um pacote, e Shirley foi até perto da mesa onde a luz da lâmparina era mais forte. Após abri-lo, começou a desdobrar os finos lenços manchados com o sangue virginal das vítimas do Barão R.. Em cada lenço com uma mancha escura havia um nome. O primeiro era a cordeirinha Susan. Depois desdobrou outro e viu a cordeirinha Alice. E assim foi Shirley em

frente. Mary, Alberta, Leslie, Mavis, etc., até que ela viu o que tinha grafado o seu nome: cordeirinha Shirley.

Dos seus olhos já inchados as lágrimas brotaram, e os soluços voltaram com força total.

O ancião nada dizia, pois havia se dado conta da monstruosidade cometida pelo Barão R. e também chorava. Shirley olhou-o e ambos se abraçaram. Era a união de dois tipos diferentes de dor.

Mais tarde, enquanto ela jogava um a um os lenços na lareira, ele lhe dizia:

— Sabe, milady, eu, quando criança ainda, fui resgatado do meio de uma multidão enfurecida que massacrava várias famílias de meu povo numa horrível noite que ainda hoje não me saiu da memória. Eu a relembro em pesadelos ou quando leio num jornal que alguns dos meus foram massacrados como foi minha família. Talvez seja por causa desse medo latente do massacre, que é a expressão da ignorância e da maldade, que homens como eu, tementes e ao mesmo tempo fiéis a Deus, aceitemos pessoas como o Barão R.. São os iguais a ele que conseguem se sobressair e nos trazer um pouco de tranquilidade nesse mundo tão bom, mas tão cruel ao mesmo tempo. Se não fosse por causa desse nosso medo latente, creia-me, nós, sábios anciões, seríamos os primeiros a condenar pessoas como ele. Mas infelizmente temos que usá-los, pois são a nossa única força para nos defender enquanto povo e seres humanos tementes a Deus. Não pense que procuro desculpar o mal que ele causou a tantas meninas inocentes, ou pedir-lhe desculpas por ter descoberto seus crimes e ser obrigado a calar-me. Não! Isto eu sei que só a Deus pertence e, se Ele achar que errei, estarei pronto a pagar com minha paz após a morte pela convivência aparente com o Barão R. Até peço a Deus que me dê um castigo bem forte caso eu também seja culpado pelos crimes cometidos por ele. Mas eu e meus amigos, também tementes e fiéis a Deus, temos usado as migalhas que nos lançam homens como eles e que permitem que guardemos a nossa Tradição ancestral em meio a tantas injustiças que ceifam a vida de milhares de cordeirinhos inocentes todos os dias. Quem são Morris, Levi, Kalil, Hussein, Shirley Kemps ou o ancião Mordechai, que sou eu, diante desse horror que se abate dia e noite sobre a espécie humana e a torna cruel, insensível e capaz

de cometer os maiores desatinos só porque pensa mais em si que em seus irmãos?

Nós somos só mais algumas almas que estão sendo tragadas pelo colossal rodamoinho da vida sobre a face da Terra e que vai nos despedaçando, triturando e remodelando e cada existência de cada vida ou mesmo instantes dramáticos vividos com extrema intensidade que nos tornam o que pensamos ser e não o que realmente somos, só seres humanos!

O velho ancião parou de falar, e grossas lágrimas corriam dos seus olhos. Então Shirley falou:

— Sabe, ancião! Deus nos fez todos iguais a cordeiros puros e imaculados, mas se somos o que somos é porque os homens nos fazem ser assim. Quero também que saibas que não odeio o senhor ou a nenhum dos membros de sua comunidade. Não, eu até respeito e admiro o brio com que suportam as chacotas e ofensas dos adeptos de outras crenças, pois sei o que é ser ofendida e humilhada só porque se sou o que sou foi porque assim me tornou o Barão R. A ele sim, eu odeio. E sabe o que vou fazer com o que tomei dele por meio da chantagem?

— Nem imagino, lady Shirley!

— Vou usá-lo para criar mais alguns locais onde os cordeirinhos puros, imaculados e virgens poderão dormir, crescer, estudar e viver com um mínimo de dignidade, pois só assim me tornarei menos indigna diante do meu pastor divino.

— Eu louvo a sua atitude corajosa de desafiar o Barão R., e o vencer. Também a admiro pois, próximo de onde moro, existe um hospital que é sustentado com sua fortuna e também conheço um orfanato onde alguns cordeirinhos do meu povo estão abrigados das intempéries do tempo enquanto crescem e se fortalecem para poder enfrentar as agruras que os espera, mas que saberão compreender quando as suas horas chegar. Pouco posso lhe oferecer, pois muito pouco tenho, mas que estarei orando pelo seu sucesso em tão meritória empreitada, disso não tenhas dúvidas.

— Obrigada por suas palavras, ancião! Às vezes me sinto tão só e fraca diante de tantos lobos insaciáveis, mas busco forças junto ao meu Deus, pois sei que Ele sabe que, se faço o que faço, é porque os homens não me deixariam em paz para eu poder fazer o que Ele, o meu Deus, quer que eu faça.

— Sabe, lady Shirley, vou contar-lhe uma história de uma mulher maravilhosa, divina mesmo, e que fez o que fez só para salvar os seus, e se ela não o fizesse, o sangue de milhares de cor-deiros de Deus mancharia de vergonha a espécie humana.

E o ancião Mordechai contou a Shirley Kemps a história de Ester. Quando ele terminou, ela sorriu em meio às lágrimas de tristeza que corriam pelas suas faces.

— Estás tentando me dizer que, no fundo, Deus está nos usando para evitarmos males maiores, não?

— Sim, é isto mesmo.

— Obrigada pelas palavras de apoio, ancião. Queres saber de uma coisa engraçada?

— Diga!

— Sabes o que está escrito naqueles rolos de papiro?

— A senhora já os decifrou?

— Sim. O Dr. Morris conhecia aquela língua escrita e, enquanto agonizava lentamente no leito, me deu as chaves de acesso ao que estava escrito neles. Depois eu procurei um especialista egípcio que a ensinou para mim. Com muito esforço e dedicação eu os leio com a mesma facilidade que o inglês, minha língua.

— Então conheces o que David escreveu para a posteridade?
— falou ele assustado.


— Acalme-se, ancião! Eles nunca pertenceram ao rei David. São cópias em hebraico antigo de histórias gregas. São poesias, comédias, tragédias e sátiras dos melhores autores gregos.

— Não!

— É a mais pura verdade! Logo que os seus sábios puderem decifrá-los, ficarão furiosos comigo ou darão boas gargalhadas, pois todos nós participamos de uma lamentável tragédia.

— Eu fico feliz por ser só isto que eles contêm. Afinal, alguém tentou ocultar para a posteridade aquilo que julgou ser a essência do que são os homens, já que assim eles foram obrigados a ser porque assim quiseram que fossem os homens dos seus tempos, não?

— Isto mesmo, ancião! Ainda tenho mais quatro rolos de papiros com belas tragédias, comédias, contos, sátiras e poesias de outros povos, todas coletadas por um homem muito sábio e que



soube captar a essência do ser humano. Caso queira vê-los, acompanhe-me.

O ancião a seguiu e logo entrava num aposento tão sólido quanto uma fortaleza; dentro dele estavam as três múmias que Morris descobrira, arcas e mais arcas cheias do tesouro de suas descobertas e todos os rolos de papiro com escrita hieroglífica dos egípcios antigos do tempo dos faraós. Numa prateleira estava mais quatro rolos iguais aos três que o ancião havia recebido à tarde das mãos dela.

Ele os examinou com atenção e pediu que ela lhe dissesse o nome do autor deles. Shirley desenrolou um com cuidado até o fim e lá estava o nome do autor: David, o hebreu. Filósofo e poeta do ano 60 da Era Cristã.

— Quem foi ele, lady Shirley?

— Também não sei, mas imagino que tenha sido um Dr. Albert Morris do seu tempo e, se guardou tudo isto consigo numa gruta oculta numa caverna do Monte Sinai, deve ter tido os seus motivos.

— Tal como a senhora guarda tudo isto aqui nesta residência, não?

— Penso que sim, ancião. Mas eu espero viver o suficiente para colocar tudo isto a serviço da humanidade e tornar mais dignos os homens que deram suas vidas para que a memória da humanidade não desaparecesse com o passar dos séculos.

— A senhora ainda não sabe, mas o Barão R. faleceu pouco depois de nos entregar os seus troféus macabros.

— Então ele já está sendo oferecido em sacrifício ao seu deus do prazer no altar de satã.

— Certamente, milady. Confiarias estes rolos para que nossos tradutores os copiassem e acabasse de uma vez por todas com essa preocupação sobre os Livros de David?

— Posso confiar?

— Por Deus! Eu não traio minha palavra. Além do mais, só estou querendo dar um ponto final a um assunto que custou muitas vidas e causou-nos muitas preocupações.

— Está certo, eu os emprestarei ao senhor. Mas quero-os de volta, pois pretendo contratar um especialista no assunto que traga

à luz todas as tragédias, sátiras, poesias e comédias compiladas por este tal de David, o hebreu, filósofo e poeta. Se comprei uma gráfica, já foi pensando nele, pois sei que, em algum lugar, estará rindo de todos nós, mas ao mesmo tempo feliz por ver que alguém entendeu suas intenções. Mas só os entregarei após lê-los. Antes não!

— Por quê?

— Caso entre esses quatro exista realmente um livro do rei David, eu o queimarei.

— Mas, por que fazer isto?

— Não creio que deva acrescentar ou diminuir nada ao que o tempo reservou à sua memória como um dos maiores luminares da humanidade, que só engrandeceu a espécie humana e a tornou mais digna aos olhos de Deus.

— Caso exista mesmo esse livro, prometes me deixar lê-lo antes de destruí-lo?

— Por quê? Pergunto eu agora.

— Gostaria de saber o que David, o hebreu, escreveu sobre o homônimo David, o rei.

— Está certo, ancião! Caso isto aconteça, poderás ouvir de meus lábios o que um David escreveu sobre o outro David.

— Bem, vou-me embora, pois devo participar dos funerais do Barão R. A senhora irá ao funeral dele?

— Sim. E levarei uma rosa negra que depositarei sobre seu túmulo. Esta é a única forma que vejo de dar-lhe adeus. Mas só o senhor saberá que sou eu quem a depositará.

— Compreendo e não desaprovo sua atitude.

— Digas aos outros amigos seus que, depois de terem traduzidos os rolos com os livros de David, o filósofo, se quiserem devolvê-los, publicarei uma obra de fundo filantrópico que só engrandecerá sua comunidade.

— Eu direi isto a eles. Mas por que fazer isto?

— Se temos de ser na aparência o que os homens querem que sejamos, no íntimo não somos obrigados a ser nada mais do que somos de verdade. Ou seja: uns ingênuos cordeirinhos que só gostariam de agradar ao nosso divino pastor.

O ancião foi-se embora, e Shirley, já mais reconfortada, foi dormir.

No enterro do Barão R., uma senhora com o rosto coberto depositou um buquê de rosas negras sobre seu túmulo e retirou-se. Houve quem achou aquilo um insulto, mas o ancião não permitiu que a ofendessem, pois reconheceu no buquê as ovelhazinhas que ele sacrificara ao seu deus do prazer. Com o tempo o ancião veio a se tornar grande amigo de lady Kemps Silverstone e inaugurou ao seu lado não só uma, mas várias obras destinadas a tornar a espécie humana mais digna aos olhos de Deus.

Quanto a Shirley Kemps, bem, viveu sua vida com intensidade e tornou James Silverstone e seus dois filhos em ótimos homens. Protegeram as letras e as ciências, e um dos seus sobrinhos tornou-se lorde e também chanceler do império britânico.

Para eles, ela foi mãe, tia, irmã e até professora em certos assuntos. Tanto os amou que, no final de sua vida, passada em total isolamento por livre escolha, eram os únicos a ter acesso a ela.

Como havia lhe dito certa vez lorde Silverstone, uma prostituta jamais deixa de sê-lo, pois assim querem que os homens se distraiam com elas. Mas com um pouco de inteligência sempre é possível dar um pouco de dignidade a esta tão antiga “profissão” e tornar a espécie humana mais digna aos olhos de Deus.

Se todos os seres humanos fossem como Shirley Kemps, não haveria prostituição, mas tão somente doação e troca de emoções. E se todas as mulheres fossem como ela, canalizariam as suas emoções para os nobres sentimentos que dignificam a espécie humana.

Não faço aqui a apologia dessa forma do ser humano dar vazão as suas emoções, mas sim em mostrar o porquê de certas pessoas serem o que são porque assim os homens querem que sejam, isto nas aparências e não o que são nos seus íntimos. E isto digo porque sem a aparência ilusória da carne, todos somos cordeirinhos impuros, ingênuos e maculados à procura do único pastor que poderá nos devolver a pureza que possuíamos quando Ele nos soltou nos seus campos espalhados sobre a Terra. Isto é porque a Terra é só mais um dos muitos campos do senhor, nosso Deus.

Obrigado por mais esta lição de vida, querida irmã na Luz, Shirley Kemps.